# UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

#### **MARIANE MARTINS**

ESCUTAR E PESQUISAR OS PRÓXIMOS: RELIGIOSIDADE E MEMÓRIAS DE MORADORES EM DOIS TEMPOS (PÂNTANO DO SUL, FLORIANÓPOLIS/SC DÉCADA DE 1970-2015)

FLORIANÓPOLIS 2015

#### MARIANE MARTINS

ESCUTAR E PESQUISAR OS PRÓXIMOS: RELIGIOSIDADE NAS MEMÓRIAS DE MORADORES EM DOIS TEMPOS (PÂNTANO DO SUL, FLORIANÓPOLIS/SC DÉCADA DE 1970-2015)

> Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História do Tempo Presente (Linguagens e Identificações) Orientadora: Professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha

> > FLORIANÓPOLIS 2015

M386e Mariane Martins

Escutar e pesquisar os próximos: religiosidade e memórias de moradores em dois tempos (Pântano do Sul, Florianópolis/SC década de 1970-2015) / Mariane Martins. - 2015.

258 p. : il. ; 21 cm

Orientadora: Maria Teresa Santos Cunha

Bibliografia: p. 241-252

Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2015.

1. Florianópolis (SC) - História. 2. Memória. 3. História Oral - Florianópolis. 4. Religiosidade. I. Cunha, Maria Teresa Santos. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestrado em História. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

#### MARIANE MARTINS

Escutar e pesquisar os próximos: religiosidade e memórias de moradores em dois tempos (Pántano do Sul, Florianópolis/SC, década de 1970-2015)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Orientadora:	whing
	Doutora Maria Teresa dos Santos Cunha Universidade do Estado de Santa Catarina
Membro:	wpask
	Doutora Marlete dos Anjos Silva Schaffrath Universidade Estadual do Paraná
Membro:	Llorsoto
	Doutora Luciana Rossato Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 6 de julho de 2015.

As minhas avós, Odina e Soalda, moradoras do Pântano do Sul que me inspiraram e me ajudaram

#### **AGRADECIMENTOS**

Não pretendo ser contida nos agradecimentos, pois ao longo desses dois anos de mestrado muitas pessoas passaram pela minha vida e contribuíram de alguma forma.

Quero agradecer ao meus pais, Arilton Martins e Vanda Martins, se tenho algo, se conquistei alguma coisa foi graças a eles. Preciso agradecer ao meu pai pelos cafés trazidos para mim enquanto estudava. Agradeço também aos dois pela paciência em falar sobre o Pântano do Sul, procurar fotos e outros documentos para mim.

Agradeço a Anelise e Mariele irmãs generosas, falantes, companheiras e amigas. Uma parceria tão forte que nossas diferenças se anulam. Agradeço a Mariele por emprestar o computador na reta final do mestrado. Também agradeço ao meu cunhado-irmão Fabiano Raupp, sempre disposto a me ajudar, conversar e ensinar, ah e é claro, me dar caronas.

Agradeço a tia Glorinha, que me contou tantas coisas sobre o Pântano do Sul, me deu tantos papeis velhos. Foi graças a ela que encontrei um material valiosíssimo sobre o bairro. E falar nisso, quero agradecer a Adirce, mais conhecida como Dilcinha, pela generosidade e confiança em emprestar esse material.

Ao Arantinho, pela conversa e o empréstimo das entrevistas de 1985 esse trabalho aconteceu graças ao encontro com as transcrições e com isso, mais uma história sobre o Pântano do Sul pode ser construída.

Faço um agradecimento também ao João Otávio Caminha que pacientemente dispôs os materiais da igreja, passou seus levantamentos, conversou comigo e sempre se mostrou interessado na minha pesquisa.

Quero muito agradecer as pessoas que entrevistei. Obrigada a Marina mesmo tímida aceitou ser entrevistada e dar suas opiniões. Agradeço a Débora, que se disponibilizou a ir na minha casa para eu entrevistá-la e foi tão agradável. Obrigada ao Vitor Hugo, o mais tímido dos entrevistados, mas que não poupou palavras para falar sobre o Pântano do Sul. Obrigada ao Lincoln, que sem querer encontrei e sem querer entrevistei. Quero muito agradecer Elmir, o seu "Didi", que se arrumou, veio até minha casa e aceitou ser entrevistado, foram ótimas histórias e boas risadas. Preciso agradecer a Arlete, a dona Leta, que me contou tantas coisas, que se emocionou e que luta

para manter vestígios da história da igreja do bairro. Agradeço também a Ema que pacientemente me contou muitas coisas, suas experiências, suas lembranças e opiniões. A dona Maria da Conceição, conhecida como Maria Neném, que abriu as portas de sua casa e que me mostrou o que é memória aos 91 anos, fiquei encantada!

Entrevistei também Odina, a vó Dina e quero deixar meu agradecimento mais que especial. Desde pequena escutava suas histórias, suas idas ao centro a pé para vender renda, seus passeios no carro de praça no centro, seus ditados, sua vida na escola, suas crenças e superstições. Cresci aprendendo com ela o que era viver no Pântano do Sul no passado. E por isso, "aborreci" minha vó algumas vezes para registrar suas experiências. Peço desculpas e ao mesmo tempo agradeço por tantos aprendizados.

Agradeço também aos meus sobrinhos e jovens moradores do Pântano do Sul Davi, Pedro e Helena, pois eles foram meu equilíbrio em muitos momentos de tensão e ansiedade.

Agradeço aos meus tios e tias, primos, além do carinho comigo, todos me ajudaram a pensar sobre o Pântano do Sul e seus moradores. Obrigada também a vó Soalda, uma guardadora de inúmeros documentos que foram importantes para minha pesquisa.

Obrigada aos companheiros de mestrado, algum destes que tornaram meus grandes amigos. Foram momentos divertidos e cansativos, mas foi um prazer.

Agradeço a Marilda, Chico e dona Neli, que me emprestaram fotos do Pântano do Sul e das festas religiosas. Foram muito gentis.

Agradeço aos colegas do grupo de estudos GEHCEL, Márcia, Luciana, Karin, Maria Fernanda, Flávia, Joeci, Gustavo, Pâmela, Tânia e Bibiana, foi muito prazeroso estudar com vocês, aprendi e levei muitas coisas para este trabalho, além é claro dos momentos de descontração necessários e saudáveis. Obrigada!

Agradeço aos meus amigos historiadores. Obrigada a Iara pela paciência, pelos inúmeros cafés, correções e discussões teóricas. Ao Alexandre, que mesmo distante geograficamente me escutou, me ajudou e permaneceu o amigo maravilhoso de sempre. Agradeço ao Antonio, pela paciência, pelos conselhos e pela torcida. Aproveito e peço desculpa pela minha ausência. A Karla, amiga de mestrado e da vida, obrigada pelas conversas, cafés, comilanças e pela parceria em seminários.

Agradeço ao Denis que me escutou e me aturou em todos os momentos do mestrado, os alegres, os agitados e os mais complicados. Foi esse jeito paciente que me acalmou e me encantou.

Não posso deixar de agradecer a banca. Obrigada a Luciana Rossato por aceitar integrar a banca de qualificação e defesa, minha gratidão vem desde graduação. Obrigada a Marlete dos Anjos Silva Schaffrath que aceitou prontamente participar da banca tanto da qualificação como de defesa.

Não sei como agradecer a minha orientadora, Maria Teresa Santos Cunha. Ao longo desses anos com ela sei que disse muito a palavra "Obrigada", pois foram muitas atitudes carinhosas, generosas, atenciosas e pacientes comigo. E mais uma vez, quero agradecê-la, pois foi/é uma orientadora sensacional, uma profissional sem igual, se mostrou amiga e professora nos momentos necessários e me ensinou tantas coisas para a vida acadêmica e pessoal.

Agradeço a todos os professores que tive aula e que convivi nesses dois anos.

Agradeço a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) por tantas oportunidades, pela bolsa PROMOP no primeiro semestre de mestrado. Agradeço a todos os profissionais dessa instituição, porque acredito que cada um de alguma forma me ajudou. Cito aqui o Guilherme Güttler de Oliveira que pacientemente me ajudou com documentações e informações.

Agradeço a CAPES, pela bolsa que sem dúvida me ajudou.

#### **RESUMO**

A presente dissertação tem como objetivo investigar como os moradores do Pântano do Sul, bairro situado ao sul de Florianópolis, lidaram com as mudanças ocorridas naquele local a partir de 1970 e que ressoaram nas práticas de sociabilidades do cotidiano, nos hábitos, e muito especialmente nos modos como se relacionavam/relacionam com a religiosidade e suas práticas. Para isso buscou-se entender como a relação do tempo pode ser sentida e problematizada neste bairro a partir da década de 1970 até o tempo presente (2015). O bairro do Pântano do Sul situa-se na cidade de Florianópolis, cerca de vinte e sete quilômetros do perímetro urbano, e possui uma média de 5800 habitantes. Para a dissertação mobilizou-se entrevistas realizadas com moradores em dois tempos cronológicos: no ano de 1985 e de hoje 2014/2015 com o intuito de investigar e compreender como essas pessoas viram/veem as mudanças sobre o bairro e sobretudo a relação com as práticas de religiosidade. Estas fontes orais foram colhidas utilizando-se da metodologia da História Oral e analisadas em seus conteúdos como temporalidades que não se opõem, mas que ressoam uma na outra, como registros de experiências (passado/presente) que abrem espaços para horizontes de expectativas (presente/futuro) em suas possíveis permanências e rupturas. A dissertação tece uma narrativa problematizada a partir dessas falas de moradores e dialoga com autores que se amparam nos domínios da História do Tempo Presente.

**Palavras-chave**: Pântano do Sul, Religiosidades, História do Tempo Presente, História Oral.

#### ABSTRACT

This dissertation aims to investigate how the residents of Pântano do Sul, neighborhood located in the south of Florianópolis, dealt with the changes at that location from 1970 and echoed in everyday sociability practices, habits and especially in the way they related/relate to religion and its practices. For that we sought to understand how the relationship with the time can be felt and rejected in this neighborhood from the 1970s to the present time (2015). Pântano do Sul neighborhood is located in the city of Florianópolis, about twentyseven kilometers from the urban area, and has an average of 5800 inhabitants. For the dissertation were mobilized interviews with residents in two chronological stages: in 1985 and today 2014/2015 in order to investigate and understand how these people saw/see the changes on the neighborhood and especially the relationship with practices of religiosity. These oral sources were collected using the methodology of Oral History and their contents were analyzed as temporalities that are not opposed, but that resonate in each other, as experience records (past/present) that open spaces to expectations horizons (present/future) in their possible continuities and ruptures. The dissertation weaves a narrative problematized from these speeches of local residents and dialogues with authors who support the fields of History of the Present Time.

**Keywords:** Pântano do Sul, Religiousness, History of the Present Time, Oral History.

### SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO - UM TEMPO SOB O COMANDO DO <i>TIC-TAC</i> DO RELÓGIO
2 RITMOS DESCOMPASSADOS: UM BAIRRO EM PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO (1970-1980) 55
2.1 UM PASSEIO PELO BAIRRO NO TEMPO PRESENTE 58 2.2 FALAS TRANSCRITAS: OBJETOS DA CULTURA ESCRITA (1985)
2.3 UMA HISTÓRIA QUE ABRAÇA A MEMÓRIA77 2.4 FLORIANÓPOLIS, A MODERNIZAÇÃO E SEUS ECOS NO
PÂNTANO DO SUL
3 ESPAÇO DA COTIDIANIDADE, ESPAÇO DE RELIGIOSIDADE: MEMÓRIAS QUE TECEM HISTÓRIAS 113
3.1 PRÁTICAS DE RELIGIOSIDADE NO PÂNTANO DO SUL 116
3.2 PASSADO REVISITADO: AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DO PÂNTANO DO SUL E O CASO DA IGREJA DISPUTAS ENTRE O "VELHO" E O "NOVO" (1985)
PEDRO
4 ESCUTAR E PESQUISAR <i>OS PRÓXIMOS:</i> VESTÍGIOS DO PASSADO EM UM TEMPO PRESENTE 181
4.1 MODOS DE VIVER E PENSAR RURAIS OU URBANOS?191
4.2 RUPTURAS GERACIONAIS: MODOS DE VER E VIVER O TEMPO
RELIGIOSIDADES214 4.4 AÇÕES DE SALVAGUARDA NO TEMPO PRESENTE 222
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – OUTROS COMEÇOS 231

REFERÊNCIAS	241
LISTA DOS ENTREVISTADOS	250
ANEXOS	253

## 1 INTRODUÇÃO - UM TEMPO SOB O COMANDO DO TIC-TAC DO RELÓGIO

Quando criança minha mãe costumava arrumar a mim e minhas irmãs, com a melhor roupa, para ir à "cidade", era a emoção do dia! Lembro que quando passeávamos pelo centro minha mãe cumprimentava as pessoas, ia a lojas e pegava roupas para provar em casa. Muitas vezes íamos até o terminal de ônibus com sacolas e minha mãe pedia para algum conhecido, que estava na fila do ônibus indo para o nosso bairro, levar as nossas sacolas, enquanto retornávamos para comprar mais coisas, ou ir ao dentista.

Fiz catequese e crisma, cantei na igreja católica do meu bairro, participei, por muito tempo, ativamente em seus ritos religiosos. Meu avô materno era pescador, o paterno era "envolvido com a política". Minhas avós eram donas de casa e ambas faziam renda de bilro, desde criança para vender "pra fora".

Brincava na rua, ia para à praia tomar banho de mar, comia goiaba do pé, visitava as amigas do bairro sem avisar. A minha casa, assim como a delas, vivia aberta para todos. Andava de meia e chinelo na rua.

Cumprimentava as pessoas na rua. Se "aprontasse" algo na rua, alguém ia falar para meus pais. Meus colegas e eu éramos conhecidos pelos adultos como o/a filho/a de fulano, quase nunca pelo nosso nome próprio. Além disso, boa parte dos meus grandes amigos de infância eram meus primos. Era comum haver muitos parentescos neste bairro. Aliás, não conhecia outras pessoas de outras religiões a não ser a católica.

Quando comecei a estudar na "cidade", por volta dos onze, doze anos, comecei a perceber diferenças da minha vida com a das outras pessoas. Primeiro a praia, descobri que nem todas as pessoas passam o verão inteiro na praia e muito menos comem peixe e sequer conhecem o nome de alguns. Outra coisa, as pessoas não sabem a direção do vento e o quanto pode influenciar na temperatura da água do mar e do dia. E, ainda uma outra coisa muito estranha era que muitos não moravam próximos aos seus parentes, tios, avós, primos...

Depois fui para a faculdade, lá percebi que falava "chiado" e rápido. Alguns riam por eu utilizar algumas palavras, nunca antes escutadas por eles.

Descobri que, na minha turma, eu era uma das poucas moradoras "nativas" de Florianópolis.

Foi com o curso da graduação que notei que o cotidiano do bairro na qual nasci e me criei – o Pântano do Sul – tornou-se o diferente, o incomum, às vezes até inusitado. Talvez esteja sendo saudosista, mas acredito que foram tantos momentos como estes, observado neste presente, que me motivaram a este estudo e criaram uma necessidade de, como historiadora, pesquisar essas especificidades que pude vivenciar.

Para falar do Pântano do Sul, é necessário situálo, um bairro pertencente a Florianópolis, capital de Santa Catarina, possuidor de uma praia, com o mesmo nome do bairro e conhecido por ser uma colônia de pescadores que

procura manter as tradições, apesar de já ter tido uma área de terras loteadas e ocupada por veranistas, um pouco afastada entretanto da comunidade dos moradores originais. É um lugar pitoresco, onde o vento sul, frio e úmido, bate com intensidade. O peixe aí ainda é abundante, e a vida gira em torno da pescaria (LAGO, 1996, p.48)

O bairro, ainda que mantenha algumas características denominadas por Lago (1996) como

"tradições", também sentiu as mudanças ocorridas por volta de 1960 e mais acentuadamente 1970 em Florianópolis, sendo os loteamentos um desses sintomas.

No ano de 1962, o Pântano do Sul foi elevado a Distrito pela lei municipal nº1042 com uma área avaliada de 40,9 Km², integrando a ele praia da Armação, Costa de Dentro, Lagoinha do Leste, Praia do Matadeiro, Praia do Pântano do Sul, Lagoa do Peri, Praia do Saquinho e Praia da Solidão. (ALVES 2009, p. 31).

Por volta de 1970, a capital de Santa Catarina vivenciou outro ritmo em seu cotidiano e se transformou em um canteiro de obras que perdura ainda hoje. São diversos os prédios residenciais e comerciais, aterramentos de extensos pastos próximos às praias para abrigar condomínios residenciais, elevados (viadutos), túneis e pontes de ligação com a parte continental. Junto com essas alterações estruturais há também o crescimento populacional, pessoas oriundas de diversas localidades do Brasil e até mesmo de outros países.

Vale frisar que o sociólogo Nereu do Vale Pereira (s/d), por volta da metade da década de setenta,

sentindo as mudanças na ilha de Santa Catarina produziu um trabalho para observar e problematizar o que ocorria. Na introdução de *Desenvolvimento e modernização (um estudo de modernização em Florianópolis)*, Nereu do Vale Pereira (s/d, p. 10) justifica as motivações para este estudo:

De uns tempos pra cá, em conversas e debates diversos colegas professores Universidade Federal de Santa Catarina e da Faculdade de Educação da UDESC, que também demonstra a mesma predileção, começou a nascer uma indagação: Como explicar o aparente (ou real) desenvolvimento de Florianópolis, numa verdadeira explosão de construção civil, quando não surgem atividades econômicas consideradas dinâmicas. especialmente no secundário setor economia?

As motivações partiram tanto de sua condição de florianopolitano como da sua vivência na cidade, e articulado a outros estudiosos desta temática e participando de palestra sobre a mesma trouxe à luz um dos primeiros trabalhos, de cunho sociológico, sobre a modernização da década de 1970 em Florianópolis.

A cidade passou a adquirir novos traços que iam além de novas e numerosas construções, novos hábitos, modos de viver, pensar e interagir que atravessaram as pontes e chegam a Ilha de Santa Catarina. Conforme Campos, Falcão e Lohn (2011, p.269) "a impessoalidade tomou conta das ruas."

As antes tão conhecidas e familiares caras que circulavam pelas várias áreas da cidade, misturaram-se aos poucos à multidão indistinta [...] Símbolos antes consensuais e aceitos com tranquilidade como pontos de convergência dos habitantes, aos poucos passavam a ter sua importância relativizada, como o respeito às relações de dependência aos antigos chefes políticos e às linhagens oligárquicas, bem como a certas cerimônias da Igreja Católica, em especial as procissões, nas quais a população se encontrava e se reconhecia. (CAMPOS; FALCÃO; LOHN, 2011, p 269)

Se até a década de 1970 o comum era se encontrar e conviver em espaços onde a maioria se conhecia, ou se reconhecia, isso tornou-se menor. Novos rostos com outros estilos de vida, com outras formas de vestir, falar, alimentar se espalham pela cidade, antes pouco numerosa, agora cada vez mais populosa e diversa. Como comentado em 1985 por Hilda Martinha Vieira – moradora do Pântano do Sul – em entrevista<sup>1</sup> a estudantes de pós-graduação em história da Universidade Federal de Santa Catarina

<sup>1</sup> As entrevistas serão apresentadas posteriormente nesta introdução.

(UFSC): "O nosso lugar [Pântano do Sul] agora tá muito aumentado, ô minha filha. Tá muito aumentado, muito. É uma cidade! [...]. Porque todas as casas aí, todas de muro, tudo casa nova...". O muro delineia-se como uma ruptura no cotidiano dos moradores, como uma confirmação da separação entre o público e o privado. Se antes, os moradores mesclavam suas individualidades com o coletivo do bairro, agora, passam a estranhar e a conviver com pessoas que a partir de uma construção de um muro em torno de sua casa insinuam, ou melhor, impõe o desejo de sua individualidade, esta uma característica dos grandes centros urbanos.

Refletindo sobre o já citado estudo de Campos, Falcão e Lohn (2011), as atividades religiosas, como salientado, também sentem essas mudanças que são igualmente perceptíveis nos estudos de Martins (2009) que ao analisar jornais da década de 1950, observa que a cidade era marcada por um *ethos* religioso cujas manifestações não se restringiam apenas à parte central, urbana de Florianópolis, mas se estendia aos bairros, nas paróquias do interior da ilha, inclusive, ao Pântano do Sul.

É possível inferir que a ilha apresentava [em 1950] muitas manifestações religiosas públicas promovidas, em sua maioria, pelas Irmandades, uma espécie de agremiação de pessoas que se reuniam em prol da manutenção e da devoção a um santo da Igreja Católica Apostólica Romana (MARTINS, 2009, p. 39)

Estas manifestações religiosas e a presença marcante da Igreja Católica remontam à colonização portuguesa-açoriana típica da ilha, haja vista a presença ostensiva das igrejas e capelas em toda a extensão da Ilha e as festividades que estão presentes no calendário festivo de Florianópolis. A ilha de Santa Catarina, assim como em boa parte do território brasileiro traz a marca cristã católica que vem do período colonial, mas o discurso católico não foi apreendido por completo, são diversos grupos, católicos, negros, indígenas e judaicos que ajudaram a construir uma religião sincrética (SOUZA, 1986). Desta maneira o Brasil foi adquirindo suas crenças e sua religiosidade foi sendo constituída em cada local e adquirindo múltiplas formas. É interessante pontuar que,

As expressões/conceitos *cultura popular e religiosidade popular* devem ser propostas em

função de um reconhecimento evidente de que, no passado, as pessoas pobres, simples, comuns, escravo, negros e imigrantes pobres pensavam, agiam, criavam e transformavam o seu próprio mundo (valores, gostos, crenças) e tudo o que lhes era imposto, em função de uma herança cultural que receberam e de sua experiência. Como agentes de sua própria história (cultura e religião), homens e mulheres das camadas mais pobres criam, partilham e se apropriam de valores, hábitos, atitudes, crenças, músicas e festas religiosas (nesse sentido, cultura popular e religiosidade popular não são entendidos simplesmente como um conjunto de objetos ou práticas originários dos setores populares). (ABREU, 2002, p. 85)

Portanto, ao trabalhar com a noção de *religiosidade popular* nesse trabalho tem-se em mente a extensão que pode alcançar. Além do mais, para pensar religiosidade não se pode enquadrar somente um conceito, pois é algo tão dinâmico e tão específico para cada local, grupo e contexto, pois,

só encontram sentido [religiosidade popular e cultura popular], ou tornam-se inteligíveis, através de sua contextualização (não um contexto estático e funcionalista que dê coerência a todas as ações). Os conceitos apenas emergem na própria busca de como as pessoas comuns, as camadas pobres ou os populares (ou pelo menos o que se considerou como tal) criavam e viviam seus valores, crenças e festas, considerando sempre a relação complexa, dinâmica, criativa e política mantida

pelos diferentes segmentos da sociedade: seus próprios pares, representantes do poder, setores eruditos e reformadores. (ABREU, 2002, p. 85-86).

Estar atento para as especificidades que envolvem a religiosidade no Pântano do Sul, em dois tempos (1985 e 2014/2015), compreender as memórias de cada pessoa que integram o bairro são tarefas essenciais para investigar a práticas de religiosidade. O historiador precisa pensar no documento analisado e no espaço e tempo estudado.

Apesar de Abreu especificar sobre religiosidade popular e os cuidados necessários para o historiador pesquisar, é importante pontuar que se optou por suprimir o termo 'popular' neste trabalho. De forma alguma se desqualifica o trabalho de Abreu, até porque seus estudos sobre religiosidade articulados a história trazem muitas contribuições bastante pertinentes. Mas o motivo para retirar o termo "popular" se ampara na proposta de Chartier (2003, p. 151-152) que questiona o uso do termo "popular", fazendo uma argumentação bem detalhada e, embora trate com mais ênfase de leituras, permite pensar, também, qualquer outra ação considerada "a priori" popular.

O "popular" não se encontra no corpus que suficiente delimitar. inventariar descrever. Antes de tudo ele qualifica um modo de relação, uma maneira de utilizar os objetos ou as normas que circulam em toda a sociedade, recebidos. mas que são compreendidos, manipulados de diversas formas. Uma constatação como essa desloca necessariamente o trabalho do historiador, pois o obriga a caracterizar não conjuntos culturais dados como "populares" em si mesmos mas as modalidades diferenciadas de sua apropriação."

Este historiador também traz o mesmo assunto em seu livro *A História Cultural* (1990) sob o subtítulo *Questionar as delimitações* (p.55) onde discute o uso do "popular" dando ênfase na religiosidade e faz a seguinte interrogação:

A religião "popular" será a dos camponeses, a do conjunto dos dominados (por oposição às elites), da totalidade dos laicos (por oposição aos clérigos)? [...] Debates difíceis, mas que em todo o caso indicam que não é simples identificar um nível cultural ou intelectual, que seria o do popular, a partir de um conjunto de objetos ou de práticas." CHARTIER, 1990, p.55).

É possível delimitar o que é "popular"? Afinal o que seria esse termo e a quem ele se encaixaria? É difícil enquadrar algo como "popular", como demonstra

Chartier. Portanto, ao longo deste trabalho serão tratadas e investigadas as práticas de religiosidades no Pântano do Sul, sem nomeá-las como "popular", pois nesta abordagem historiográfica escolhida o significado de "popular" não pode ser definido.

Partindo dessas observações busca-se analisar o modo de vida desses moradores a partir das mudanças vindas de 1970, com foco nos saberes ligados às práticas de religiosidade – festas, precisões, novenas e benzeduras – que podem ajudar a entender o processo de transformação dos sujeitos e de suas vidas em Pântano do Sul. Como este local e seus moradores se organizam, no presente, suas maneiras de viver, suas experiências de passado, pela via de saberes imateriais voltados para as tais práticas de religiosidades, no momento em que se dá, a partir das 1970, na cidade de Florianópolis, esta *aceleração do tempo* (NORA, 1981) que provoca impactos/alterações no modo de vida da população local.

O objetivo deste trabalho é investigar como os moradores lidaram com as mudanças ocorridas em Florianópolis, e que ressoaram no cotidiano, nos hábitos, nas práticas religiosas e nos modos com que se relacionavam/relacionam com a religiosidade. E como a relação do tempo pode ser sentida e problematizada, ou seja, como passado, presente e futuro são mobilizados pelos moradores nesses momentos de mudança e o que tudo isso diz ao historiador. Intenta-se, portanto, investigar o desenrolar dessa alteração iniciada em 1970, perpassando 1985 (ano das entrevistas com moradores) e como os moradores de hoje (entrevistas de 2014/2015) veem as mudanças e pensam sobre o bairro e sobre essa mesma relação com as práticas de religiosidade.

Em busca dessas alterações, desse sintoma causado pela aceleração do tempo no cotidiano do bairro é que se desenha este trabalho, arquitetado a partir de dois momentos temporais. Em 1985, quando esses sintomas da *aceleração no tempo* passam a interagir com o cotidiano permeado de religiosidade dos moradores e no tempo presente, na atualidade, o que essa *aceleração do tempo* do passado ainda ecoa no modo de vida da população. Como os moradores lidam com as alterações estruturais e culturais do bairro? Qual o lugar ocupado pelas práticas religiosas? Que práticas

religiosas que eram "tradicionais" no bairro e foram mudando a partir da modernização?

O desejo em estudar o bairro do Pântano do Sul sempre existiu. Ainda na graduação alguns trabalhos foram produzidos, mas permaneceram guardados nas pastas digitais do computador. Trilhei por outros caminhos na graduação. Então, nasceu a ideia do projeto de mestrado, e o Pântano do Sul, aquele bairro no extremo sul da ilha com uma média de cinco mil habitantes tornou-se o objeto da minha dissertação e com minha orientadora fui remodelando e traçando os meus objetivos.

Deve-se pontuar que para a produção desta dissertação procurou-se trabalhos acerca do Pântano do Sul, que se mostrou quase inexistentes no campo da história. Sobre o Pântano do Sul especificamente foram encontrados o trabalho de Alves (2009), que discute os impactos urbanos no bairro voltado ao meio ambiente, mas transversalizam o assunto das alterações a partir de 1970. Há o estudo realizado sobre os bilhetes do bar do Arante (localizado no Pântano do Sul) de Paulo Alves (2002) que tece assim também, uma investigação sobre o bairro.

Outro estudo encontrado sobre o Pântano do Sul, mas inesperadamente foi com uma produção de 1963 por alunos da Universidade Federal de Santa Catarina, orientada pelo professor Nereu do Vale Pereira. O contato foi possível graças a minha tia que viu sua vizinha mexer em uns papeis velhos e achou que eu me interessaria. Até então nem ela nem eu sabíamos o que continha nesses documentos. Fui falar com a vizinha, Adirce, que prontamente me mostrou e ofertou para que eu tirasse cópia, era um trabalho intitulado: "Monografia de Pântano do Sul", foi surpreendente e muito importante, pois descreve muitas coisas sobre o bairro e, em especial, a religião. Essa doação, ou melhor, esse empréstimo, novamente confirmou o que anteriormente havia falado sobre a proximidade com o bairro e as pessoas enriquecendo o trabalho. Confesso que essa partilha de materiais por parte dos moradores também me instigou a pensar sobre os laços entre as pessoas. Essa maneira de querer ajudar e ser útil, muitas vezes sem entender o porquê de "papeis velhos" ou de entrevistas pode ser tão animador para mim. Tal consideração também é posta por uma

das entrevistadas, que afirma que o bairro é muito generoso e solidário com as pessoas<sup>2</sup>.

Ao buscar trabalhos que possuíssem proximidades com os meus objetivos, mas cujo objeto eram outras localidades, encontrou-se o artigo de Andrade (2011) e em seguida sua dissertação (2006) que se mostrou enriquecedora para pensar a relação entre urbano e rural e as vivências dos moradores do Pântano do Sul perante isso.

A obra de Lago (1996), acerca dos modos de vida dos moradores ilhéus (Florianópolis) e da antropóloga Rial (1988) sobre o espaço social na Lagoa da Conceição, também trouxeram significativas contribuições, mostrando-se norteadores para compreender as mudanças na vida das pessoas em Florianópolis, a partir de 1970 e visualizar alguns modos de vida já em desuso, quase extintos em outros bairros, mas existentes no Pântano do Sul.

Com tais contribuições, a dissertação delineia-se como um estudo significativo não apenas para a história deste bairro e para seus moradores, como também para

.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Este tema será tratado e discutido no terceiro capítulo

a história de Florianópolis. As ausências de trabalhos sobre o bairro o seu viver cotidiano, o rastrear de práticas de religiosidades, em especial no campo da história, corroboram a necessidade e a importância deste trabalho. Parece importante pontuar que esta pesquisa pode contribuir não só para compreender o vínculo do bairro e de seus moradores com a religiosidade, como para outras localidades da Ilha de Santa Catarina que vivenciam alguns aspectos próximos aos do Pântano do Sul.

Recorre-se, para a construção desta dissertação, as entrevistas transcritas, datadas de 1985 realizadas por alunos<sup>3</sup> da Pós-Graduação em História sob a orientação do Professor Carlos Humberto Correia, um dos precursores da História Oral em Santa Catarina para a disciplina *Metodologia da Pesquisa Histórica*. O conhecimento desses materiais se deu em uma conversa com o historiador e também morador do Pântano do Sul Arante José Monteiro Filho conhecido como Arantinho, que cedeu as cópias das entrevistas pois foi um dos

\_

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Entrevistas realizadas pelos alunos do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Aida Melo Schlichting, Manoel Beiro Caramez, Arante José Monteiro Filho, Francisco do Vale Pereira, Regina Coeli Nunes Martin de Barros, Arthur Manoel Pires e Priscila Ribeiro Ferreira.

entrevistadores da época. Além das cópias pertencentes a ele, os originais encontram-se no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina, que é parte integrante do Departamento de História dessa Instituição.

O contato com as entrevistas ocorreu a partir das transcrições. As fitas com as gravações das entrevistas encontram-se no Laboratório de História Oral (UFSC), no entanto, não foi possível acessar o áudio das mesmas. Logo, a opção desta pesquisa se desenrola a partir das transcrições, em um total de doze (12), produzidas em outro momento (1985) por outras pessoas (estudantes da UFSC). Todas as entrevistas foram transcritas por Arante José Monteiro Filho. Não há, aparentemente, um questionário pronto para o desenrolar das entrevistas, as perguntas iniciam com a identificação e a infância do entrevistado, mas cada uma vai abrindo frentes diferentes. Há perguntas iguais para todos como há outras, que são específicas para cada entrevistado. Outro fator para pensar essas possíveis diferenças às perguntas pode estar associado ao entrevistador, pois, cada um do grupo entrevistou alguém individualmente. Portanto, as intervenções e a relação com cada entrevistado ocorreram de forma distinta. Por exemplo, a maior entrevista foi a de um morador entrevistado por Arante Monteiro Filho, também morador do Pântano do Sul, possivelmente porque já o conhecia.

O corpo documental se constitui como uma fonte importante para esta pesquisa. As respostas serão analisadas tanto em seu conteúdo temático como instrumento portador de cultura escrita na perspectiva adotada pelo historiador espanhol Castillo Gomez que abarca "o estudo da produção, uso e conservação dos objetos escritos". (2002, p.19).

Como forma posterior de estabelecer um contraponto, em 2014 e 2015, outras entrevistas foram elaboradas e transcritas pela presente pesquisadora totalizando 09 (nove) pessoas entrevistadas, moradores do Pântano do Sul, com a temática voltada às práticas de religiosidade e às alterações no bairro. Foram realizadas três (03) entrevistas semiestruturadas: a primeira voltada às pessoas mais velhas, no total de quatro (04), com idade entre 65 a 92 anos; a segunda para jovens, quatro (04) com idade entre 19 a 24 anos; e a terceira para um representante da igreja do Pântano do

Sul. Os entrevistados foram informados previamente sobre o tema e a eles foram mostradas as perguntas. Os nove (09) entrevistados também assinaram a autorização (modelo em anexo) para a gravação do áudio, bem como a utilização de suas falas no trabalho.<sup>4</sup>

Com os devidos questionamentos e as teorias necessárias, tais documentos foram analisados como fontes importantes para a confecção do trabalho, mesmo que tenham limitações como todo documento. Este movimento de pesquisa ancora-se na proposta de Koselleck (2006, p.186-8), para quem:

O conhecimento histórico é sempre mais do aquilo que se encontra nas fontes (...). Toda fonte ou, mais precisamente, todo vestígio que se transforma em fonte por meio de nossas interrogações nos remete a uma história que é sempre algo menos que o próprio vestígio, e sempre algo diferente dele. Uma história nunca é idêntica à fonte que dele dá testemunho. (...). As fontes têm poder de veto.

Observar as mudanças e problematizá-las é fundamental, o mesmo se diz os vestígios do passado no Pântano do Sul que ainda são presentes. É importante

.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> O Comitê de Ética da UDESC, autorizou a realização destas entrevistas, solicitadas pelo Parecer número 672.239 e aprovadas em 03/06/2014.

dizer que os moradores, não só do Pântano do Sul, como de outras localidades de Florianópolis, conforme apontamos estudos de Rial (1988) e Lago (1996), que demonstraram receios sobre o que ocorreu a partir de 1970, em especial o apagamento de algumas "tradições" dos ilhéus. Esses assuntos impulsionam o historiador a pesquisar, pois é o passado que não passa, problemas passados que ainda se acham no presente. Um passado ainda recente, próximo da vida das pessoas,

É, pois, a própria sociedade que impulsiona o historiador a não desistir, que lhe sugere não tropeçar diante do obstáculo da proximidade e até mesmo utilizá-lo para melhor saltar. Visto que atores e testemunhas, humildes ou não, não esperaram mais muito tempo e dizem alto e claro, como mostra a proliferação de depoimentos em livros, que não pretendem deixar sumir suas forças e tornar insipidas suas lembranças aceitando privar de sentido sua experiência. (RIOUX, 1999, p.43)

O estudo sobre o bairro insere-se na abordagem teórica da História do Tempo Presente, colocando em foco as linguagens e identificações construídas nestes períodos em foco, de maneira a emprestar inteligibilidade às experiências materiais e simbólicas que amparam e ressoam em práticas, experiências e representações do vivido e do viver contemporâneos naquela comunidade. Trata-se de um presente, de algo que não passou por completo e que necessita ser estudado. Para Rousso (2009, p. 209), "é isso pra mim a História do Tempo Presente. É uma tarefa bastante complexa, mas instigadora".

Para pensar a História do Tempo Presente é fundamental se reportar ao ano de 1978 na França, quando foi criado o *Institut d'Histoire du Temps Présent* (IHTP), que tinha "o propósito explicito de configurar um novo campo disciplinar [...], mas também novo em relação à história do tempo presente praticada desde o fim da guerra", o fim da Segunda Guerra Mundial foi um fator fundamente para os historiadores franceses que estavam se debruçando na criação e efetivação deste campo (FICO, 2012, p. 70).

Para Rousso (2009, p. 203), a denominação História do Tempo Presente está vinculada ao contexto Francês a partir criação do IHTP. A escolha do termo História do Tempo Presente tinha o intuito de "se destacar do termo História Contemporânea, que na França, possui outra significação", ou seja, separar da

História Contemporânea que partia da Revolução Francesa.

Como historiadora do meu próprio tempo, de um passado que é ainda contemporâneo (DOSSE, 2012, p. 11), tive que enfrentar os perigos que me rondavam, um em especial, a minha aproximação com o objeto de estudo, o Pântano do Sul, e os feitiços que isso poderia causar, principalmente lidando com o domínio da História do Tempo Presente com fontes orais. Para amenizar eventuais problemas recorreu-se aos teóricos da História do Tempo Presente para buscar formas de compreender e lidar com tudo isso. Rémond (2006, p. 209), trouxe muitas contribuições neste sentido, e historiador afirma que a História do Tempo Presente é uma espécie de remédio contra as ilusões de ótica que o afastamento pode introduzir. Além de Rémond (2006), Rousso (2009), em entrevista à Revista Tempo e Argumento do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, traz suas justificativas para trabalhar com história do tempo presente e com fontes orais:

As fontes orais estavam na origem da História do Tempo Presente. Quando me perguntavam

na época: - muito bem, você quer uma História do seu próprio tempo enquanto historiador, mas isso quer dizer o quê? Isso quer dizer que nós somos confrontados e nós vivemos no meio de pessoas que possuem uma história. (ROUSSO, 2009, p. 2013)

Buscou-se, a partir das perspectivas desses historiadores do tempo presente, olhar essa aproximação com o bairro e testemunhos de seus moradores como um potencial, um "remédio" para a pesquisa. O policiamento para que não criasse algo nostálgico foi constante. Conhecer o Pântano do Sul e as pessoas possibilitou realizar este estudo a partir do acesso a outros documentos (fotografias, objetos, entrevistas) que só foi possível acessá-los, pois sabiam que eu era "a filha da Vanda...". Eu não era uma completa estranha, porque integro o grupo de moradores. Ainda assim, estava ciente do compromisso de construir uma história "com certo rigor e distância" (ROUSSO, 2009, p. 212), ou seja, não é porque sou moradora e por trabalhar com um período recente que não vou contestar determinadas memórias, como alerta Huyssen (2014, p.159) para quem estes estudos:

> propõem assombrosos desafios teóricos e políticos, mas isso não nos deve impedir de

reconhecer as situações mutáveis de mediação e de transmissão, que podem requerer novas formas, novos gêneros e novas mídias para que a história do presente se renove.

Mesmo sendo moradora, preciso pensar como historiadora, pois, conforme Rousso (2009, p. 212), "o perigo é que os historiadores de hoje abandonem essa postura em função de "combates", mesmo se as causas sejam perfeitamente legitimas. ".

Além do diálogo com Rémond (2006), Rousso (2009) e Huyssen (2014), sobre o distanciamento como desafio, Patai (2010) faz pensar sobre as questões éticas que envolvem as entrevistas. A autora questiona as implicações éticas do uso de narrativas pessoais, pois ao entrevistar uma senhora, visivelmente doente e subnutrida, que mesmo assim oferece a entrevistadora o único pedaço de bolo que tinha em sua geladeira e com o fim da entrevista vai embora deixando a senhora sem nenhum retorno. Patai (2010) questiona a forma de lidar com os entrevistados e nota a necessidade de o pesquisador ter sensibilidade com aquele que empresta suas memórias. Não apenas ligar o gravador, escutar as histórias. desligar, embora ir sem retorno ao entrevistado. Tais interrogações fizeram compreender a

importância de aproximação com aquele que vai emprestar suas memórias.

Não vivenciei nenhuma situação próxima daquela experimentada por Patai (2010), mas como a mesma apontou, é necessário ter sensibilidade com aquele que é entrevistado, assim como pensar até que ponto deve ir o distanciamento entre entrevistador e entrevistado. Patai (2010, p. 81-82) faz outra ressalva:

Devemos principalmente ter o cuidado de não reproduzir o mundo que estamos tentando refazer. Porém isso é extremamente difícil, precisamente porque as práticas rotineiras estão todas ao nosso redor e a tendência é introduzilas em nossos projetos, que passam pela realidade comum, é quase irresistível.

No caso do Pântano do Sul, por gostar, por ter nascido e crescido nele, posso interferir e construir aquilo que entendo que seja o bairro e não o que os entrevistados entendem sobre ele.

Ao sentar com os entrevistados notei que aparentavam estar à vontade e alegres ao emprestar suas memórias e que eu iria produzir algo significativo para eles e para o bairro. O *play* do gravador, com certeza os intimidou, era notável a mudança no tom da voz, na postura e na escolha das palavras. Isso é bastante

natural e o pesquisador deve estar ciente desses detalhes e movimentar as teorias necessárias para lidar com isso. Mas acredito que falar do local que nasceram e cresceram para alguém inserido no mesmo grupo deixou o ambiente mais agradável. Estavam falando com uma próxima a eles, tomando aqui a proposta de Ricoeur (2007), que diz serem os próximos "essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros" (RICOUER, 2007, p. 141). Ou seja, há o indivíduo com suas memórias e, ao seu redor o grupo que os rodeia, família, amigos, vizinhos, a comunidade em que vivem, – os *próximos* – que precisam ser escutados para que se possam construir espaços de memória desses indivíduos e do lugar onde vivem. Portanto, faz-se neste trabalho uma ação de escutar e pesquisar os *próximos* que emprestam suas falas para a construção deste trabalho.

Partindo dessa premissa, quando trabalhado com as memórias dos entrevistados, sejam as entrevistas de 1985 realizadas por outras pessoas e apropriadas por mim, sejam as realizadas por mim, será operado com a proposta de Ricoeur (2007) sobre memória individual e

coletiva, que para o filósofo seriam dois polos que não podem ser entendidos como rivais e que se cruzam, apesar de serem constituídos de forma diferente. É na existência de um plano intermediário – entre o *eu* e *os outros* – que estariam os *próximos*, anteriormente explanado.

As entrevistas como fontes aqui utilizadas e problematizadas são estudadas a partir da metodologia da história oral, que para Ferreira (2000, p. 11) quando operada na perspectiva da história do tempo presente dão contribuições.

[...] a história do tempo presente pode permitir com mais facilidade a necessária articulação entre a descrição das determinações e das interdependências desconhecidas que tecem os laços sociais. Assim, a história do tempo presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social. Do exposto, fica óbvia a contribuição da história oral para atingir esses objetivos.

Nota-se que a história oral fornece para o historiador do presente importante material de pesquisa, mas é fundamental não colocar história oral e história do tempo presente como sinônimos (DOSSE, 2012). Desta forma, as entrevistas são testemunhos que ajudam

a inserir o trabalho no âmbito da história do tempo presente, como também o próprio recorte temporal.

Estas vozes, documentos desta dissertação, com diferentes temporalidades (de 1985 suas 2014/2015) possuem uma veracidade para aquele momento em que foram escutadas. E em meio aos tempos biológicos, o passado continua vivo e ativo. O passado que não passa e se faz presente. Tem-se a função de buscar isso, identificar nas várias entrevistas esse passado presente. As memórias, em ambos os tempos, colhidas pela via da História Oral estão em Estes documentos, agora no presente, que apontam neste trabalho em um horizonte em duas frentes: em 1985, uma memória do passado trazida/ apropriada pelo pesquisador neste presente e a memória de 2014 construída neste presente e que dá visibilidade a traços de passados.

Ressalta-se, com isso, importância da memória – sempre em disputa – aqui como uma forma de aproximação/reconciliação com História. A compreensão de que a história e a memória são postas como rivais e sem conexões é algo recente por volta de duas décadas, segundo Joutard (2007), mas tem suas

raízes distantes. Os séculos XIX e a primeira metade do XX, a história ocupava todo espaço com relação ao passado, era assim, uma história-memória, voltada para a política, o factual e os grandes personagens. Esta, no entanto, se vê abalada após a guerra de 1914 "em virtude de razões de naturezas diversas, umas realçando a própria história como disciplina, outras — mais numerosas —, a evolução da sociedade" (JOUTARD, 2007, p.227). Além disso, a *Escola dos Annales* também enfraquece este tipo de história, dando voz aos excluídos.

Os documentos escritos tradicionais são incapazes de dar conta das grandes catástrofes humanas do século, no que elas têm de indizível, a violência e a desumanização absolutas. [...] Mas a violência extrema e os genocidas não se detiveram com a *Shoah*, ainda que esta conserve sua singularidade. O tempo da história é então substituído pelo tempo da memória, que rejeita não apenas a história-memória nacional, mas desvaloriza toda forma de história por sua ligação com o poder. (JOUTARD, 2007, p. 229)

Joutard (2007) trilha pelo mesmo caminho de Ricoeur (2007) e depois dessa separação entre história e memória vê a necessidade da reconciliação, pois, tanto uma como outra chegam a um passado parcial, o

movimento é distinto para cada campo, mas o resultado nunca é completo, desta forma, incompletos "os dois campos se fortalecem a partir da mútua colaboração" (JOUTARD, 2007, p. 233). E é fundamental compreender que é no presente que se constrói o passado, tanto para memória como para história. E como afirma Ricoeur (2010), para narrar é preciso inserir o tempo, este só assim se torna humano, narrar é um fazer singular humano. Quanto a isso Sarlo (2007, p.25-26) vem para enriquecer

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta 0 aspecto mudo experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma comunicável. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer [...], mas de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar

Trabalha-se, assim, a importância da memória como uma forma de aproximação com a História dadas a ler através da narrativa que torna possível a experiência no tempo. Para a história do tempo

presente, a memória é uma personagem bastante emblemática. Para melhor compreender traz-se a citação de Rousso (2009, p. 209), que fala sobre o oficio do historiador do seu tempo e sua relação e reação com o *presentismo*.

Nos acusou [Hartog], mas de modo gentil, ao afirmar que o que fazem os historiadores do Tempo Presente é o equivalente a presentismo, pois não veriam outra forma de compreender o passado senão a partir do presente. Mas não é nada disso. Ao contrário, nós somos uma forma de reação ao presentismo. O que afirmamos é que não somente a História deve ser levada em conta na análise do mundo. (...) Não sei se conseguimos, mas o objetivo é ser capaz de produzir a História do nosso próprio tempo, tentando obter uma reflexão que permita um recuo relativo"

Afinal o que seria o *presentismo* e o que tem a ver com memória? Os regimes de historicidade são as formas de relação que o homem tem com o tempo. O regime de historicidade (uma ferramenta) que hoje se sobressai, mais acentuadamente na Europa. Segundo Hartog, é o *presentismo* (sua hipótese), onde o presente comanda as ações, que valorizam o imediatismo (HARTOG, 2013). As coisas acontecem no agora e se desfazem neste mesmo tempo. A memória é o recurso

utilizado para que essas coisas, tão rápidas, não desapareçam com a mesma intensidade, o que ocorre com as pessoas que vivem este regime *presentista* é a amnésia e ao mesmo tempo a vontade de nada esquecer. Há o desejo de memória de "tudo". Vive-se em um presente obcecado em salvaguardar a memória. São sintomas disso, as inúmeras criações de centros de memória, museus, (auto)biografias, monumentos, etc.

Portanto, quando Rousso (2009) afirma que o historiador do tempo presente é uma reação ao *presentismo*, significa que ele está preocupado com essas questões que estão na vida da sociedade, que é a emergência da memória e a preocupação da sua salvaguarda. Há uma necessidade e responsabilidade de cuidar do passado. O historiador adquire a função de combater o excessivo *presentismo* que impera na sociedade.

Em meio a esses debates, não se pode deixar de informar sobre o modo como as entrevistas (os entrevistados) serão investigadas. Para a análise desses documentos operou-se com a noção de geração movimentada por Sirinelli (2006), na qual compreende que não há uma periodização certa para gerações, pois é

algo sanfonado, podendo às vezes se estender como também reduzir, uma "escala móvel do tempo" (p. 135). Ainda de acordo com o autor, geração é uma reconstrução do historiador que classifica e rotula (SIRINELLI, 2006, p. 133).

Com o objetivo de analisar as práticas religiosas dos moradores do Pântano do Sul em uma possível nova relação com o tempo – mais próxima do *tic-tac* do relógio – e a partir do diálogo com estes autores e seus pressupostos, este trabalho se apresenta dividido em três capítulos:

O primeiro capítulo, Ritmos descompassados: um bairro em um processo de modernização (1970-1980) intenta apresentar o cenário, qual seja o bairro do Pântano do Sul articulado as questões do tempo presente, pondo em relevo uma possível nova ordem do tempo, presentismo, na cidade de Florianópolis a partir 1970, período conhecido década de como modernização da cidade e identificado por Lohn (2007) como momento de uma aceleração de ritmos neste local. Para isso, investigam-se as entrevistas transcritas na década de 1980. Inicialmente há a discussão da produção desse material, o contato com este permaneceu em suporte papel onde encontram-se transcritos, por esta razão, faz-se necessário uma análise do suporte, a sua produção e as maneiras como se deram a ler tais entrevistas, a partir de seus discursos e as representações sobre o bairro que se perenizaram pela escrita. Para isso, foi mobilizada a cultura escrita dando embasamento para compreender as especificidades deste suporte. Posteriormente a isso, as análises desses conteúdos escritos entendidos como memórias registradas nos papéis. A cultura escrita vem a fornecer possibilidades de compreender a passagem de um suporte ao outro (áudio para a transcrição), porque "não podem ser consideradas simples mudanças técnicas, pois afetam a todos desde o leitor ao autor e os contextos, meios e finalidades". (VINÃO FRAGO, 2001, p. 34). Viñao Frago (2001), Galvão (2010) e Castillo Gómez (2012) são os teóricos que dão suporte ao estudo. Serão movimentadas ainda, para este capítulo, as discussões sobre memória coletiva e individual e as relações entre memória e história.

O capítulo dois, Espaço da cotidianidade, espaço de religiosidade: memórias que tecem histórias, prossegue com a análise das entrevistas de 1985, mas

agora com ênfase nas práticas religiosas daquela comunidade e que caracterizam aspectos de suas religiosidades. O foco do capítulo é pesquisar os vínculos religiosos existentes nas falas dos moradores e colher a percepção dos entrevistados sobre suas experiências pessoais no bairro naquele presente vivido. Analisar o presente dos entrevistados de 1985 – com idade entre quarenta e oito (48) a noventa e nove (99) anos – um passado presente e as expectativas existentes naquele momento. As discussões se encaminham para as experiências vividas nas festividades e práticas religiosas existentes no bairro e presentes nas memórias daqueles moradores. Vale frisar que nesse capítulo há discussão sobre religião, mais especificamente sobre religiosidade baseados nos trabalhos de Souza e Besen (2013), Cabral (1972) e Chartier (2003).

O terceiro capítulo intitulado *Os próximos:* vestígios do passado em um tempo presente, volta-se para a análise de nove (09) entrevistas realizadas nos anos de 2014 e 2015. Quatro (04) de oito entrevistas são compostas por jovens, ambos os sexos, entre dezoito (18) a vinte e cinco (25) anos. Outras quatro (04) são de pessoas mais velhas, a partir de sessenta e cinco anos

(65) de ambos os sexos. E uma (01) entrevista com a Representante da Capela de São Pedro (Nome da Igreja do bairro). Todos os entrevistados são moradores do Pântano do Sul e foram devidamente informados sobre o destino das entrevistas e o tema: o vínculo religioso no bairro e as expectativas dos entrevistados sobre este. As entrevistas mencionadas, foram autorizadas pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina como referenciado. O roteiro das entrevistas se deu de forma estruturada, ou seja, com perguntas prontas, encaminhada e explicadas com antecedência aos entrevistados. Foram feitas gravações em áudio, em seguida, transcritas e repassadas aos entrevistados para conferência e aprovação para uso. A partir destas entrevistas, este capítulo investiga a relação rural e urbano que se delineia no bairro, evidenciando suas disputas, percepções e novas experiências, em especial dos jovens, uma nova geração que projeta um determinado futuro. O que buscam? O que pensam sobre o bairro? Quais são suas práticas religiosas? Distanciam-se ou não das experiências vividas pelos mais velhos? Quais vestígios do passado se encontram no presente? Há rupturas e/ou permanências nas

práticas religiosas ao comprar as memórias de 1985 e 2014/2015?

O trabalho aqui apresentado é fruto desta experiência de pesquisa na qual o papel do historiador foi o de construir uma história com seus necessários questionamentos, problematizações e interpretações tendo como meta reconhecer aspectos deste bairro no tempo presente e ancorada em Koselleck (2006, p.186), ao considerar que "uma história nunca é idêntica à fonte que dela dá testemunho. Se assim fosse, toda fonte que jorra cristalina seria já a própria história".

## 2 RITMOS DESCOMPASSADOS: UM BAIRRO EM PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO (1970-1980)

Tudo que é do presente tem a sua raiz no passado; assim é impossível dar começo a qualquer narrativa, seja ela a da história de um homem seja a de um acontecimento, sem que um olhar a ele seja lançado. (DUMAS, Alexandre, 2006)

Alexandre Dumas (1802-1870), autor muito conhecido pelos romances conhecidos como Os três Mosqueteiros e O Conde de Monte Cristo, sempre deixou transparecer a paixão que tinha pela História em escritos. Suas narrativas costumavam seus ser construídas unindo realidade e ficção em uma tessitura típica de romances. Este autor, nascido em 1802, claro não integrou nenhum grupo de historiadores, muito menos no campo da História do Tempo Presente, domínio e tipificação que só passa a adquirir espaço e legitimidade no século XX. Mas é certo que a citação acima demonstra seu entendimento sobre a relação presente e passado e das linhas que os conectam. O presente tem raízes no passado, mas um passado está enraizado em um presente, pois é por meio do presente que se olha para o passado.

Nesta perspectiva de entender um "passado que não passa" e que se faz presente, este capítulo busca entender o processo de transformação dos sujeitos e de suas vidas a partir de 1970, no Pântano do Sul, bairro pertencente a cidade de Florianópolis (SC). Como este bairro e seus moradores se organizam, no presente, suas maneiras de viver, suas experiências de passado, pela via de saberes imateriais voltados para religiosidades, no momento em que se dá, a partir de 1970, esta aceleração do tempo que provoca impactos/alterações no modo de vida da população local. A História do Tempo Presente insere-se neste trabalho como domínio norteador, é por meio deste campo/proposta historiográfica que se busca olhar para o bairro do Pântano do Sul e seus moradores em um movimento em duas frentes que se imbricam na narrativa: pela História (indo do passado ao presente) e pela Memória (indo do presente ao passado).

O recorte do capítulo abrange, prioritariamente, os anos de 1970 até 1980, para investigar, através de entrevistas feitas anteriormente e agora visibilizadas e interpretadas neste trabalho, quais alterações ocorreram na cidade, e como estas foram narradas e reverberaram

no cotidiano de Florianópolis e no bairro e em seus habitantes. Apesar deste recorte há, em determinados momentos, recuos e avanços nas datas para melhor delinear alguns aspectos, haja vista que nada começa e termina em datas fechadas, as situações emergem aqui e acolá, em múltiplas temporalidades. O recorte temporal mostra-se necessário também para compreender o momento em que as entrevistas foram produzidas e que, reverberaram possivelmente, nas perguntas dos produtores e nas respostas dos entrevistados, pois entrevistados e entrevistadores possuem lugares sociais distintos (GRACIA, 2013). Leva-se em conta que a memória parte sempre do presente, mesmo tendo como intuito construir um passado.

As entrevistas neste capítulo analisadas foram produzidas em 1985, portanto há três décadas atrás, por alunos da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sendo um dos alunos/entrevistadores um morador do Pântano do Sul. Vale também sublinhar que a produção das entrevistas estava ligada à disciplina "Metodologia da Pesquisa Histórica I", naquele momento ministrada pelo professor Carlos Humberto Corrêa, este criador do

"Laboratório de História Oral" (UFSC) uma iniciativa pioneira no Brasil (SCHUTZ, 2012) e ainda hoje disponível para pesquisadores.

Doze (12) entrevistas transcritas, cinco (05) homens e sete (07) mulheres são neste trabalho escutadas, ou melhor, lidas, pois o suporte pesquisado encontra-se no escrito e não ignorando tal especificidade, neste capítulo será mobilizada a cultura escrita para compreender esse documento e as possibilidades que nele se acham depositadas.

Mas antes de adentrar esses documentos, é necessário conhecer o local, o cenário deste trabalho: o Pântano do Sul.

## 2.1 UM PASSEIO PELO BAIRRO NO TEMPO PRESENTE

Quem parte do centro de Florianópolis em direção ao bairro do Pântano do Sul, percorre por volta de vinte e sete quilômetros<sup>5</sup>. O caminho mais conhecido

-

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> O trajeto descrito para chegar até o bairro do Pântano do Sul foi elaborado em 18 de agosto de 2014, convém indicar a data, pois

se dá pelo túnel Antonieta de Barros<sup>6</sup>, saindo na Via Expressa Sul, nomeada de Aderbal Ramos da Silva<sup>7</sup>, e inaugurada em 2004, esta avenida acompanha os bairros Saco dos Limões e Costeira do Pirajubaé. Ao fim chega-se ao Rio Tavares - SC 405 - aqui é possível observar uma significativa mudança no cenário, não há presença de prédios, há moradores andando de bicicleta, comércios em casas residenciais, mas, também se nota a presença de um conglomerado comercial com algumas filiais de lojas comerciais conhecidas da cidade e supermercados alocados em construções mais recentes.

Ao chegar ao Trevo da Lagoa vira-se à direita e um pouco à frente há o Terminal de Integração do Rio Tavares (TIRIO), inaugurado em 2003. Prosseguindo deixa-se para trás outro trevo que leva ao bairro do Campeche. No caminho, conhecido como "reta do Campeche" encontra-se uma agência bancária, a mais próxima do Pântano do Sul. O que se vê neste caminho

muitos aspectos citados da paisagem para chegar até o destino final são muito efêmeros.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Jornalista, política e professora. Nasceu em Florianópolis em 1901 e faleceu em 1952.Foi a primeira deputada mulher e negra na Assembleia Catarinense, eleita em 1934.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Nasceu em 1911 e faleceu em 1985. Elegeu-se governador de Santa Catarina pelo Partido Social Democrático (PSD) em 1947 governado até 1951 e tornou-se deputado federal duas vezes.

são os vastos pastos com gados brigando por espaço com os aterros para condomínios residenciais, alguns já concluídos e repletos de casas bem estruturadas já habitadas e outras sendo construídas.

Chega-se então ao chamado Trevo do Erasmo<sup>8</sup>, a direita leva para o Ribeirão da Ilha, mas é à esquerda que se vira para continuar o caminho ao Pântano do Sul. Passa-se pelo bairro Morro das Pedras, com uma praia de mar agitado reduto de surfistas, em seguida a Lagoa do Peri e o Bairro da Armação do Pântano do Sul. Novamente encontra-se com um trevo "Trevo da Armação", mas continua-se seguindo em linha reta. Assim, ligada de ambos os lados da rodovia por vastos pastos, mas estes apenas com bois e cavalos – SC 406 – adentra-se ao bairro do Pântano do Sul. Entre os morros e pastos já se nota a presença de casas, mais à frente se acha uma lombada eletrônica desativada e ao lado direito, dois condomínios residenciais, um vazio por completo e outro com uma casa. A esquerda da rodovia leva ao Balneário dos Açores, local de alto padrão com moradias de veraneio e de pessoas de "fora".

-

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> O nome deve-se a um antigo morador que tinha mantinha comércio no entroncamento entre Ribeirão da Ilha e o Pântano do Sul.

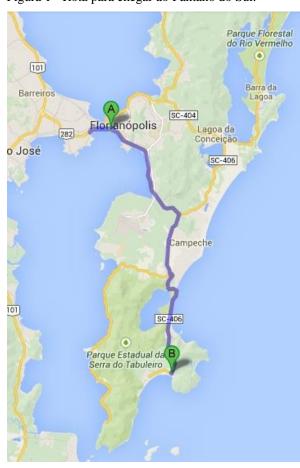


Figura 1 - Rota para chegar ao Pântano do Sul.

Legenda: A (Ponto de partida): Centro de Florianópolis,

B (Ponto de chegada): Pântano do Sul

Fonte: Google Maps, data de acesso:18/08/2014

A rua que dá continuidade ao bairro do Pântano do Sul é denominada Abelardo Otacílio Gomes, mas

muitos dos moradores costumam dizer "rua geral". Nesta parte se acha à esquerda uma pequena escola estadual – Escola de Educação Básica Severo Honorato da Costa, com quatro salas de aula – ao lado o novo Posto de Saúde e em frente a este, do outro lado da rua a Igreja – Capela de São Pedro (figura 2) – com uma praça, esta bastante frequentada por senhoras mais idosas que costumam permanecer ali boa parte da tarde.



Figura 2 - Praça e Capela de São Pedro (Pântano do Sul)

Fonte: Google imagens, acesso em 03/06/2015.

Caminhando mais um pouco há a praia, do lado direito encontra-se um dos restaurantes mais famosos

da ilha, o bar do Arante<sup>9</sup>, conhecido por suas paredes peculiares que ostentam inúmeros bilhetes em papel, de frequentadores provenientes dos mais variados lugares de todo o mundo. O bar é um ponto de encontro da localidade, um espaço de sociabilidade e neste mesmo bar é possível encontrar, na entrada, homens, muitos pescadores, bebendo e conversando.

A praia, exceto na alta temporada e em dias ensolarados nos finais de semana, permanece quase vazia, dominada pelos barcos, pescadores, gaivotas e urubus. A água do mar chama a atenção por sua cor azulada e muito gelada. No canto esquerdo há um morro e o "Costão", local repleto de pedras que abriga algumas casas. Ali no morro se acha o cemitério do bairro, detentor de uma das mais belas vistas da praia do Pântano do Sul.

Ao longo deste percurso, é possível perceber uma mudança no cenário e no ritmo. É visível a diminuição de pessoas circulando nas ruas, assim como a circulação de carros, em comparação com o perímetro central. Um cenário mais silencioso, com pessoas

-

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> O bar já mereceu até um livro pela peculiaridade dos seus bilhetes. Ver: ALVES, Paulo. Pântano do Sul: bilhetes do mundo nas paredes do Arante. Florianópolis, 2002.

sentadas nas calçadas ou nos muros conversando, meninos e meninas brincando próxima a rua, "parece que a vida e as pessoas não corre com a mesma velocidade da cidade" (ANDRADE, 2011, p. 101).

E é este bairro que se pretende historiar...

## 2.2 FALAS TRANSCRITAS: OBJETOS DA CULTURA ESCRITA (1985)

A passagem de um suporte ao outro, de uns utensílios a outros, de uma técnica de execução a outra, ou o uso desta ou daquela disposição gráfica, não podem ser consideradas simples mudanças técnicas, pois afetam a todos desde o leitor ao autor e os contextos, meios e finalidades. (VIÑAO FRAGO, 2001, p. 34)

Partindo desta premissa, antes de iniciar a investigação das narrativas das experiências desses homens e mulheres do Pântano do Sul, mostra-se necessário a análise das formas que se delineiam nas entrevistas transcritas. Entende-se, ainda se amparando pela citação acima, que a mudança de suporte, do oral para o escrito, não é algo simples e envolve expressivas

-

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Esta fala se refere aos moradores que residem às margens do Rio Amazonas, embora possa ser feita uma associação com ela

alterações, não significando uma hierarquia entre os suportes, ou seja, a perda de sua importância para uma pesquisa. As entrevistas transcritas são entendidas como portadoras de cultura escrita, são falas captadas oralmente e posteriormente transportadas para o suporte escrito.

A cultura escrita é compreendida aqui como uma acepção antropológica, ou seja, é o lugar-simbólico e material que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade (GALVÃO, 2010, 218).

Castillo Gómez (2012, p. 67) aponta o método da cultura escrita:

requer a análise dos testemunhos escritos, quaisquer que sejam, escolares ou não, nas coordenadas que definem as distintas sociedades em que eles se produzem, circulam e utilizam, formadas sempre por pessoas alfabetizadas, semialfabetizadas ou analfabetas, de distintas idades, gênero, classe, etnia ou grupo social

Sendo assim, este trabalho ampara-se nos estudos da cultura escrita, pois contribui para manusear os documentos e aprofundar sobre suas possibilidades de pesquisa, bem como perscrutar o que essas falas

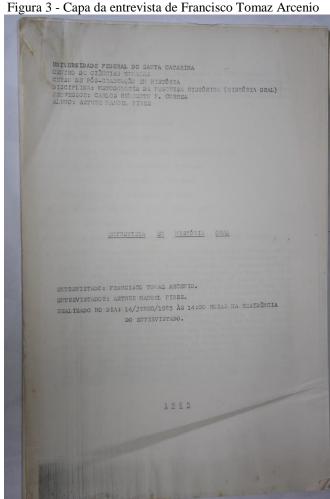
escritas no papel carregam sobre o bairro, desde sua forma de produção até seu uso.

Antes de qualquer coisa é necessário pensar o suporte em que se encontram as entrevistas. Papeis com uma escrita datilografada, mas ainda, cópias de outra cópia, o que já modifica a forma de "ler" este documento. Apresentar uma escrita datilografada, qual seja, em máquina de escrever, já insinua um recuo temporal, uma passagem do tempo, haja vista estar este maquinário em total desuso nos dias atuais. O mesmo pode-se dizer das letras meio apagadas, desgastadas. Atentar para esses detalhes contribui para que o pesquisador trace alguns apontamentos acerca daquele momento em que o documento foi produzido.

A escolha em apresentar a fala dos moradores com seus vícios de linguagens, com o léxico ilhéu também é outro aspecto que merece ser ressaltado. Esta forma – uma escolha – com que o transcritor põe no papel a fala das pessoas permite visualizar este grupo, a pensar também a composição do bairro.

Cada entrevista apresenta uma capa contendo informações sobre o entrevistado, o entrevistador e a instituição envolvida. Isso também aponta para o

objetivo dos alunos em produzir esse material: um trabalho direcionado não para os moradores, mas para uma instituição, para uma disciplina, para um professor.



Fonte: Acervo Pessoal Arante Monteiro Filho

A capa (figura 3) foi produzida pelos alunos, em 1985, nela constam as informações da instituição e do curso, bem como o nome do entrevistado, do entrevistador, local e a hora. Com a marca de ferrugem em formato de *clips* no canto superior esquerdo, e os tons amarelos nas bordas o tempo se mostra recuado e a escrita datilografada confirma isso.

Atualmente, os originais (alocados no Laboratório de História Oral/UFSC) são envoltos em outra capa, um papel mais forte, na qual há mais detalhes sobre os trabalhos e aparentam trazer certa proteção ao documento.

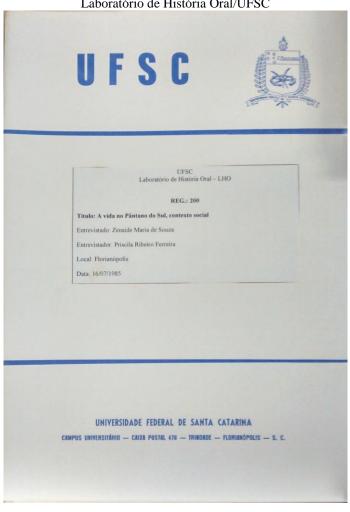


Figura 4 - Capa da entrevista Zenaide Maria de Souza no Laboratório de História Oral/UFSC

Fonte: Laboratório de História Oral (LHO/UFSC)

Ter essas quatro letras em um tamanho bastante considerável e ao lado o símbolo que representa a

instituição informa a quem pertence o material: a Universidade Federal de Santa Catarina. Mas é interessante também pontuar que, diferente da capa, que também se acha amarelada e sem informações atualizadas, o papel colado no meio já apresenta uma escrita impressa a partir de um computador, e com uma catalogação do Laboratório de História Oral. É possível intuir que este material tenha passado pelas mãos de outras pessoas até adquirir este "novo adereço" (o papel colado) e ainda, em um tempo mais recente.

Além disso, em algumas transcrições há fotos dos entrevistados.

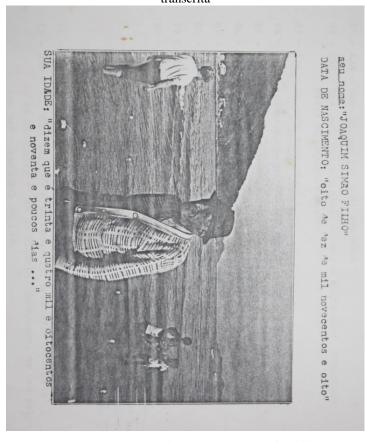


Figura 5 - Foto do entrevistado nas páginas de sua entrevista transcrita

Fonte: Acervo pessoal Arante José Monteiro Filho.

Essa foto se encontra no suporte de papel, enquanto o áudio grava a voz e as atitudes do entrevistado, a transcrição permite outras inserções, tais como a fotografia daquele que empresta a sua voz e suas memórias. Ou até mesmo inclusões de

comentários, como abaixo da fotografia (figura 5) de Simão Filho, "Sua idade: 'dizem que é trinta e quatro mil e oitocentos e noventa e pouco dias...'", uma possível brincadeira do transcritor, que também residia no bairro, haja vista o cuidado em colocar as aspas nesta frase.

É sabido que ao passar do oral para o papel muita coisa se perde, para Viñao Frago (2001, p.08), "a partir de uma perspectiva histórico-antropológica, a questão das relações entre oralidade e escrita deve ser vista como um processo de ganhos e perdas, de trocas, transformações e efeitos que afectam ambos os modos de expressão e pensamento". Nada mais elucidativo que a fotografia acima.

Não há em nenhum dos dois suportes – o oral e o escrito – a perfeição, todos possuem brechas e abrem possibilidades de pesquisa, pois "em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira" (CERTEAU, 1982, p. 81). No caso das entrevistas transcritas e que aqui serão estudadas, não houve a audição, o contato aconteceu direto pelo escrito. Outro ponto é que elas foram

realizadas por outras pessoas e em outro momento, ano de 1985, portanto há três décadas. Tudo isso, de certa forma resulta em perdas, mas não anula o estudo e a importância do documento. O tom de voz, a respiração, a velocidade da voz, nada disso é captado nas entrevistas transcritas, mesmo com o esforço descritivo daquele que passa as falas para o papel. Há perdas e o pesquisador deve aceitar isso, ao mesmo tempo em que deve buscar as possibilidades que suporte escrito carrega. Por exemplo, a forma com que aquele que transcreveu optou por deixar a fala de forma literal, sem cortar vícios linguísticos e erros gramaticais, como no caso das transcrições aqui analisadas. Exemplificadas no trecho abaixo:

Agora **tá melhó**. <sup>11</sup>De todos os casos, agora **tá** melhó. Que ai você tem **quarque** coisa num **estantinho** você vai a Florianópolis, trata o negócio em uma hora e já **vorta**. Né? Aí não tem problema [...]. sobre esse negócio de turista assim, fica aquela gente, fica aquela gente toda espalhada assim, **duma banda prá** outra. [...]. uma fazendo uma coisa, outro... é... a gente não entende como são essa gente. Eu não entendo [...]. Vem pra cá como turista, fica aí abandonado, dormindo em cômodo de barraca.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Grifos da autora.

sei lá como for. (Romeu Manoel de Oliveira, junho de 1985)

É possível notar que a transcrição acima é realizada na forma literal e induz a pensar que os entrevistados são pessoas mais simples, com pouco estudo, uma forma de falar comumente associada com as pessoas do meio rural, com vícios de linguagens e uso de palavras que não obedecem ao convencional. Todas as doze (12) transcrições foram produzidas desta forma. Em uma conversa informal com um dos produtores das entrevistas, Arante José Monteiro Filho, na época aluno do mestrado em História da UFSC e morador e natural do Pântano do Sul, afirmou ter sido ele o transcritor de todas as entrevistas, pois o grupo que participava do trabalho não compreendia a linguagem utilizada pelos entrevistados.

Não há entre os que trabalham com esse tipo de material um consenso quanto a maneira de transcrever, de passar o oral para o papel. Isso depende de cada um e de seus objetivos ao manusear transcrições. Entretanto, ao ler todas as entrevistas transcritas notouse que escrever na forma literal, torna o texto mais

trabalhoso e às vezes difícil, podendo levar o leitor a cansar e até mesmo não compreender o que está sendo dito. Ao mesmo tampo que traz singularidades que ajudam a delinear um perfil dos moradores e do bairro.

Outro ponto interessante, no que diz respeito à utilização de entrevistas, é a maneira de lidar com a memória de outrem. Torna-se necessário ter em mente que este irá construir os acontecimentos, primeiramente, a partir de seu presente, ocultar alguns fatos e ressaltar outros. Os sentimentos tornam-se mais intensos e vão interferindo nas lembranças relatadas, não há mentiras, mas interferência do presente em que se vive. Como bem salienta Sarlo (2007, p. 25), "a narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer", mas sim do presente em que se vive. Por isso, a importância de compreender aquele momento em que os moradores foram entrevistados, compreender o que estava em volta dos moradores e os ecos que as alterações em toda cidade estavam trazendo para o cotidiano desses homens e mulheres.

A memória, segundo Chartier (2009), é governada pelas reivindicações existenciais dos grupos para os quais a presença do passado no presente é um

elemento essencial na construção do seu coletivo. O pesquisador ao ter em mãos as entrevistas transcritas, precisa estar ciente de que "a leitura é uma prática criadora e há sempre a irredutível liberdade" (CUNHA 1999, p 53), logo, a leitura destas oferece inúmeras ideias, dependendo do olhar daquele que a realiza. Ressalta-se que as doze (12) entrevistas apresentam muitos assuntos sobre o cotidiano do bairro e as experiências de cada entrevistado colhidas naquele tempo e local. Contudo a leitura e o sentido que se atribuiu esses documentos, neste trabalho. identificar encaminharam-se práticas de para religiosidades, ou seja, "o conjunto de crenças e de gestos considerados como próprios da religiosidade do maior número" (CHARTIER, 2003, p.151), registrados pela transcrição feita em suporte papel.

Como salienta Cunha (2012, s/p) "a escrita registra, grava e conserva para as gerações futuras", produzidas em outro momento, por outras pessoas com pessoas que já não se encontram vivas, a escrita, por meio da leitura mostra-se perenizada. Aquele presente de 1985 deu lugar ao passado, mas o papel quando recebeu as palavras daquelas pessoas, mesmo com as

perdas na mudança do suporte, garantiu com a possibilidade de leituras uma "garantia de desgaste contra o tempo" (CERTEAU, 2014, p. 245).

E que a leitura possibilite a construção de cenas de um cotidiano vivido no Pântano do Sul...

## 2.3 UMA HISTÓRIA QUE ABRAÇA A MEMÓRIA

"O que é História" e "o que é memória" são questionamentos que sempre marcam as discussões dos teóricos da história e das ciências sociais. Como utilizálas? É possível articular uma a outra? Por um bom tempo as duas eram completamente afastadas. Como afirma Nora (1981, p. 09),

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução [...]. A história é reconstrução, sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atua, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. [...]. A memória é o absoluto e a história só conhece o relativo.

Nora deixa evidente a ruptura entre história e memória, são pares de oposição, cada uma com suas relevâncias. Não há a intenção em julgar as conclusões de Nora quanto a seu entendimento sobre memória e história, dentro de seu objeto de estudo suas conclusões trazem significativas contribuições para a história. Não à toa seu "Lugares de Memória" é empregado em muitos estudos ainda hoje pelo mundo.

Se para Nora, história e memória são opostas e não podem ser entendidas como sinônimo, Ricoeur (2007) acrescenta a este campo outras ponderações. O filósofo afirma que a memória, não raro, independe da história, ela não possui amarrações com a história, contudo a história, essa sim, necessita recorrer à memória para sua construção. Ainda segundo o filósofo, a memória (nossa primeira relação com o passado) assim como a história (segunda relação com o passado) também tem pretensão "de ser fiel ao passado", pois "a ambição veritativa da memória tem títulos que merecem ser reconhecidos antes de denunciarmos as deficiências patológicas e as fraquezas não patológicas da memória. " (RICOEUR, 2007, p. 40). Neste caso, memória e história possuem aproximações, não se anulam as diferenças existentes, muito menos são entendidas como sinônimos. Há uma reconciliação da história com a memória, pois são "dois campos que se fortalecem a partir da mútua colaboração" (JOUTARD, 2007, p 233), elas se abraçam.

Desta forma, o tratamento dado a ambas neste trabalho é o de aproximação, como defende Ricoeur (2007) e Joutard (2007). Entre afastamentos e aproximações, a memória e a história serão articuladas como próximas. Ressalta-se, não são postas como unívocas, cada uma é detentora de singularidades, mas são também essas singularidades que podem-nas aproximar.

Para a investigação das memórias dos moradores do Pântano do Sul, utiliza-se de memória coletiva em conjugação com a memória individual. Em uma análise bastante profunda desses dois discursos, Ricoeur (2007), busca discernir as razões do que ele chama de mal-entendido radical, ou seja, de uma memória individual e memória coletiva em posição de rivalidade. O autor afirma que a constituição de cada uma é distinta, mas mútua e cruzada. Nesta perspectiva

observa que a memória coletiva apresentada por Halbwachs – "para se lembrar é preciso dos outros" – torna-se contraditória, pois

O próprio ato de "se colocar" num grupo e de se "deslocar" de grupo em grupo, e mais geralmente, de adotar o "ponto de vista" do grupo, não supõe uma espontaneidade capaz de dar sequência a si mesma? Caso contrário, a sociedade não teria atores sociais (RICOEUR, 2007, p. 132).

Ou seja, há o individual. Mesmo integrando um grupo, cada um possui uma margem de liberdade perante o grupo. Ricoeur aponta a existência de um plano intermediário entre esses polos – memória individual e coletiva – que nomeia de 'os próximos', "essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros" (RICOUER, 2007, p. 141), no caso aqui investigado, os *próximos* são os familiares, vizinhos e amigos, aqueles que moram no bairro.

Ainda sobre o entendimento de memória coletiva e individual, Portelli (2006) também não vê a memória coletiva desligada da individual. Para ele a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre

individuais e podem ter interferências de diferentes grupos, sendo os múltiplos grupos que uma pessoa, em especial na sociedade moderna em que se vive, pode circular.

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma indiossincrática. (PORTELLI, 2006, p. 127).

Não há evidências diretas que apontam que Portelli mantenha um diálogo com Ricoeur, todavia, ambos partilham de algumas ideias no que diz respeito à memória coletiva entendida por Halbwachs. Tanto um quanto o outro percebem que a memória parte, antes de tudo, de cada um, as pessoas leem, conhecem experimentam coisas, mas de forma alguma incorporam tudo, a partir de sua individualidade e de sua opinião vai construir uma memória e esta construção parte sempre do presente e é algo intangível e restrito a cada um. Além disso, uma pessoa pode interagir com mais de um grupo e criar suas memórias a partir das experiências vividas dentro dos múltiplos grupos. Não há um grupo sólido e impenetrável.

Portanto, o olhar a cada entrevista transcrita darse-á amparado aos apontamentos de Ricoeur (2007) e Portelli (2006), ou seja, ao investigar as entrevistas ambos os autores são evocados para dar embasamento teórico e auxiliar na compreensão do bairro e do grupo que constitui este. Os moradores do Pântano Sul, podem ser considerados como um grupo, que possui laços de identificações, mas cada pessoa pode também manter outros laços, em outros espaços, ou até mesmo divergir de alguns aspectos que seu grupo compartilha. Por isso, a necessidade de analisar cada entrevista, compreender que mesmo integrados a um grupo, a uma memória coletiva, possuem suas particularidades, ninguém é igual a ninguém e isto é um dos encantos que são possíveis observar nas falas de pessoas.

Como é possível visualizar até o momento, a memória é um dos focos do trabalho, por isso, são necessárias algumas ponderações sobre esta no trabalho do historiador. De acordo com Huyssen (2004) a partir de 1980, na Europa, a memória torna-se um objeto político importante, há a emergência da memória e uma recodificação do passado. Os debates iniciam em torno do Holocausto, este, então, símbolo da queda das ideias

iluministas, que confirmam a incapacidade da sociedade ocidental, antes orgulhosa do progresso e do futuro. Vive-se então em um mundo tão complexo, tão incerto e tão acelerado que não é possível responder a todas as perguntas, por esta razão, busca-se o passado para auxiliar. Há, por conseguinte, a valorização da memória e ao mesmo tempo o rápido esquecimento, o grande medo da sociedade ocidental e em seu mais recente trabalho, Huyssen (2014) alerta que "um discurso público onipresente da memória, somada a comercialização em massa pode gerar outra forma de esquecimento [...] o foco intenso nas lembranças do passado pode bloquear nossa imaginação do futuro e criar uma nova cegueira do presente" (p.174) Como consequência, observa-se que cada vez mais as ciências humanas se dedicam ao estudo da memória, como uma forma de salvaguardar o que se passou.

Visto a importância da memória e a sua grande contribuição para a história é pertinente cruzar as entrevistas dos moradores do Pântano do Sul, que evidenciam em suas falas aspectos que contribuem para entender o bairro e, mais especificamente suas práticas de religiosidades.

## 2.4 FLORIANÓPOLIS, A MODERNIZAÇÃO E SEUS ECOS NO PÂNTANO DO SUL

A década de 1970 para Florianópolis, assim como para tantas outras cidades brasileiras, foi sinônimo de mudança, de modernização e não somente ligada a novas e grandiosas construções urbanísticas, mas também em relação aos hábitos dos moradores, as entrevistas analisadas encontram-se imersas contexto. Muitas pessoas oriundas de outras localidades do Brasil, e até mesmo de outros países, chegaram para residir em Florianópolis carregando na bagagem para além de bens materiais, traços culturais e outras experiências que entram em cena. O crescimento das oportunidades de emprego, a aparente tranquilidade noticiada e propagandeada pelas mídias, as belezas naturais e a propalada qualidade de vida Florianópolis são os atrativos para as pessoas que desejavam fugir dos grandes centros urbanos.

A chegada dessas pessoas além de alterar o desenho urbano da cidade, também gerou situações de anonimato e expressões de individualismo próprias das

grandes cidades, aliadas a contrastes e tensões de cunho sociocultural (FALCÃO, 2010). Os choques de mentalidades foram intensos, àqueles rostos familiares nas ruas da cidade de Florianópolis passaram a misturarem-se com outros nunca vistos.

Já nos finais da década de 1970, Nereu do Vale Pereira sociólogo e professor da UFSC, instigado com as mudanças repentinas em Florianópolis inicia um estudo de cunho sociológico sobre o desenvolvimento e modernização da Ilha de Santa Catarina. Segundo este estudioso (s/d), a modernização primeiramente é um processo cultural, ligado ao homem em seu contexto. É um processo que acaba por alterar e podendo até mesmo substituir aspectos integrantes de determinados grupos humanos, tais como ideias, crenças, valores e símbolos. Assim, segundo seus estudos, entre as décadas de 1950 até 1970 em Florianópolis:

Há ampliação dos serviços públicos pela intervenção do Estado nos campos da saúde e da educação aumentando em muito as oportunidades de emprego no setor terciário [...] A nova rede elétrica inaugurada em 1950 permitiu, com seu preço insignificante à época, que fôssem atraídos para Florianópolis todo um novo comércio de artigos eletro-domésticos, impulsionando assim um desenvolvimento das

oportunidades de emprego dentro do setor de prestação de serviços. (PEREIRA, s/d, p. 121).

Para o autor, por estas razões elencadas dá-se um significativo crescimento populacional, muitas pessoas passam a chegar de outras cidades do interior de Santa Catarina e também de Estados próximos vislumbrando novas possibilidades/oportunidades na Ilha Capital. Com esses novos moradores, modos de viver e pensar passaram a interagir com aqueles que já habitavam Florianópolis. Tantas alterações ao longo do tempo, bem como algumas especificidades da capital permitem aferir que

[...] Florianópolis, apresenta-se para o historiador deste tempo presente como um foco e um campo de possibilidades para investigar e propor a compreensão de tais processos socioculturais. A cidade foi palco para a constituição histórica de novas redes sociais, especialmente entre 1970 e 2000, num contexto em que houve um mudanças notório conjunto de que alteraram feições e hábitos urbanos. de fenômenos aproximando-a socioculturais contemporâneos abrangentes (CAMPOS; FALCÃO; LOHN, 2011, 264)

Esse conjunto de mudanças pode também ser associado ao que Lohn (2007) denominou de

"aceleração de ritmos" a partir de 1970, visto que, a cidade passou a obedecer ao *tic-tac* do relógio, o tempo tornou-se mais rápido, o que potencializou uma escassez de muitas práticas cotidianas dos ilhéus. Tal observação pode ser articulada com o que foi diagnosticado por Hartog (2013), uma nova relação com o tempo denominada pelo historiador como regime de historicidade o presentismo. Para alcançar esta conclusão Hartog toma emprestadas as categorias de campo de experiência e horizonte de expectativa de Koselleck (2006), que, dentre muitos objetivos, busca perceber, por meio dos estudos dos conceitos, os tempos históricos e, como em cada presente, as dimensões temporais, passado e futuro, se relacionam. Segundo Koselleck,

[...]"experiência" e "expectativa" não passam de categorias formais: elas não permitem deduzir aquilo de que se teve experiência e aquilo que se espera. A abordagem formal que tenta decodificar a história com essas expressões polarizadas só pode pretender delinear e estabelecer as condições das histórias possíveis, não as histórias mesmas. Trata-se de categorias do conhecimento capazes de fundamentar a possibilidade de uma história. (KOSELLECK, 2006, p. 306)

Assim, utiliza-se dessas duas categorias como "aplicado" determinado conceito para obter conhecimento. Experiência e expectativa não são portadoras direto do passado e do futuro, mas elas portam possibilidades como citado acima. Além disso, o autor afirma que uma não vive sem a outra, elas possuem dependências. Experiência é "o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados" (KOSELLECK, 2006, p. 309). Já expectativa é "ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal [...]. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem." (KOSELLECK, 2006, p. 310). Vale ressaltar que em ambas as categorias o presente está atuando, o ponto de partida para as duas é o presente.

Ao operar por meio dessas categorias, Hartog (2013) nota um significativo distanciamento entre elas hoje, o que resulta no medo do esquecimento e, por consequência, faz com que as pessoas recorram à memória para salvaguardar o passado, ocasionando assim, em um novo regime de historicidade, o *presentismo*, descrito como: "O presente único: o da

tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo" (HARTOG, 2013, p. 11). Neste regime *presentista* o passado não é tomado como exemplo, mas também não é desqualificado, como consequência há o medo do esquecimento, já que tudo passa tão rápido e as pessoas não conseguem abarcar tudo, logo a memória torna-se um instrumento *presentista*. Há uma amnésia nas pessoas, ao mesmo tempo uma vontade de não esquecer por parte delas.

Essa nova ordem do tempo, a qual Hartog diagnostica, é pensada para o lugar e o tempo no qual o historiador vive: a Europa Ocidental no século XXI. Mas é possível estender para outros espaços do ocidente, alcançando até mesmo a cidade de Florianópolis, porém é fundamental compreender as especificidades de cada lugar e não apenas compartilhar das conclusões que Hartog (2013) obtém sobre o regime de historicidade predominante hoje.

Ousa-se aqui dizer que Florianópolis a partir da década de 1970 passou a ser um canteiro de obras, não se restringindo a prédios residenciais e comerciais. A modernização em Florianópolis não foi um processo isolado estava integrado ao cenário nacional. O país,

entre 1968 e 1973, sob um regime ditatorial vivia o chamado "milagre econômico", momento em que a economia do país teve um crescimento acelerado, com médias acima de 10%. Houve um aumento significativo de investimentos estrangeiros e um programa de investimento do Estado (SILVA, 2011, p. 02), não sendo diferente no estado de Santa Catarina.

O governo catarinense passou a realizar obras em diferentes localidades da capital. Em 1970 houve o aterro e construção da Avenida Beira-mar Norte, inaugurada dez anos depois. Também teve a conclusão da BR-101 que facilitou o acesso a Florianópolis, assim como em 1974 o asfaltamento da SC-401 levando às praias e outras localidades do norte da ilha.

Em 1970 também iniciou o aterro da Baía Sul permitindo a construção da segunda ponte de acesso à parte insular de Florianópolis, a Ponte Colombo Salles inaugurada em 1975. Este mesmo aterro também possibilitou a construção do Terminal Rodoviário Rita Maria, inaugurado em 1981, ano que também é inaugurada a estrada Costeira do Pirajubaé - Rio Tavares (ROSSATO; MARTINS, 2013). É possível pensar que esse trecho facilitou o acesso ao sul da ilha,

bem como o interesse de novos moradores em construírem suas casas tendo como fortes atrativos a tranquilidade e o baixo preço das terras.

Entre 1960 a 1980 também há a instalação e/ou criação de instituições de peso em Florianópolis como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 1960), a Eletrosul (1968), no mesmo ano Escola Técnica Federal de Santa Catarina (ETF-SC). Ainda entre 1970 e 1980 há uma série de melhorias na infraestrutura do Aeroporto Hercílio Luz, que passa a ser de responsabilidade da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero).

Ressalta-se a construção do primeiro *shopping center*, inaugurado em 1982, na região metropolitana de Florianópolis, o primeiro *shopping* na região sul (MANSUR, 2013). Segundo Bauman (2001), *shopping centers* se encaixam na categoria de "espaço público não civil", ou seja, pessoas que compartilham um mesmo espaço físico, mas não interagem, o objetivo não está em socializar e sim em ser um consumidor, "por mais cheios que possam estar, os lugares de consumo coletivo não têm nada de "coletivo"". (2001, p. 114). Esta observação contribui para pensar as

mudanças que se encaminhavam para o cotidiano dos habitantes de Florianópolis.

Para Lohn (2007), a década de 1970 completaria o ciclo desenvolvimentista em Florianópolis, que iniciou nos anos 50 por meio das políticas de modernização implementadas pelo então presidente da República Juscelino Kubitschek. A capital catarinense estava assim, moldando-se conforme as grandes cidades do Brasil.

Soma-se, então, a essas novas construções o crescimento populacional, o interesse de outras pessoas em morar em uma capital que aliava tranquilidade e desenvolvimento. Novos espaços, novas pessoas e novas maneiras de viver passam a integrar esse canteiro de obras. Importante assinalar que o investimento estrutural do governo estava voltado a determinados grupos.

Grandes áreas foram então destinadas a condomínios para camadas sociais médias e altas, recebendo os maiores investimentos em melhorias urbanas e serviços públicos. Para Florianópolis, esse conjunto de representações práticas sociais significou uma aceleração de ritmos e a pretensão de abandonar antigos traços da cidade, traduzindo de modo próprio as imagens desenvolvimentistas e os anseios de

individualização das camadas médias, cada vez mais numerosas. (LOHN, 2007, p. 318).

Com o Pântano do Sul não foi diferente, pois, em 1960 houve uma área de terras loteadas e direcionadas para camadas mais abastadas, esta região hoje é denominada de Balneário dos Açores (ALVES, 2009). Estes loteamentos passaram a ser implementados em diferentes regiões de Florianópolis,

Com o processo de urbanização e a crescente exploração turística, a partir da década de 1970, os balneários insulares passam também a ser objetos de intenso interesse e especulação, transformando-se, em poucos anos, em centros balneários que abrigam residências fixas e de veraneio e atividades turísticas. (ALVES, 2009, p.73).

Falou-se até o momento dessa alteração, dessas mudanças sentidas mais fortemente a partir de 1970, de uma aceleração do ritmo da cidade e de seus moradores. De certa forma, quando discutida a modernização em Florianópolis corre-se o risco de vislumbrar uma alteração imediata e em todos os espaços. Pode ser perigoso e incorreto dizer que a cidade em um todo mudou. Não se nega o rápido e intenso crescimento da cidade, houve sim uma ampliação da população

residente e significativas alterações na paisagem de Florianópolis. Os antigos moradores assim, "viram desaparecer quase por inteiro a cidade com a qual estavam habituados, e acabou por assumir certas feições de um aglomerado urbano populoso, cosmopolita e fundamentalmente impessoal" (CAMPOS; FALCÃO; LOHN, 2011, p. 268), muita coisa mudou, mas traços do passado ainda permaneceram se mesclando a tantas transformações.

Inserido, mas ao mesmo tempo aparentemente distante de tudo isso, o Pântano do Sul torna-se instigante objeto de estudo ao historiador do tempo presente. Ele sofre a aceleração do tempo já que o bairro não está isolado do que acontece ao seu redor. Seus moradores interagem em outros espaços, convivem com outras pessoas culturalmente distintas e há a presença de novos habitantes na localidade. Entretanto, o dia-a-dia ainda permanece, com algumas das práticas, modos de vida e crenças, elementos do passado existentes nos dias atuais, "lado a lado ou entrelaçados com elementos do presente, o que acaba por construir algumas combinações inusitadas que

muitas vezes surpreendem quem as observa" (FALCÃO, 2010, p. 257).

O Pântano do Sul se encaixaria no que Falcão (2010) aponta como "Rugas e Dobras", ou seja, uma cicatriz do rural no tecido urbano de Florianópolis. Mesmo com uma cidade mais urbana e dinâmica há brechas de um passado, este recente, que tenta resistir, seja por um cavalo em uma fazendola, ao lado do maior shopping da cidade, ou no Pântano do Sul, uma comunidade litorânea que ainda conserva traços culturais (conversas de janela, visitas inesperadas, certa ingenuidade na crença e na confiança na palavra dos outros, religiosidades, práticas de sociabilidade que geram protocolos de civilidades diferenciados, interesse na vida alheia, etc.).

Importante falar dos vínculos existentes entre os moradores nascidos no bairro, pois ao longo deste trabalho tal questão será retomada. No núcleo urbano da comunidade, há um processo de sociabilidade em que a maioria dos moradores conhecem-se, cumprimentam-se, visitam-se e que também possuem mecanismos de vigilância social bastante intensos. Pode-se pensar que os níveis de parentesco e a proximidade vicinal sejam

em parte responsáveis por isso. Esse vínculo, para além dos laços sanguíneos, está presente em especial nas localidades rurais do Brasil.

Ao se levar em conta o passado colonial, vê-se que a família brasileira se apresenta com uma estrutura patriarcal, rural e de acentuada dominância na vida social. A família e a vizinhança são o núcleo de identificação, a grande família no mundo rural se estende pela vizinhança, formando um grupo aparentado. (LUCENA, 1997, p. 402).

Um "núcleo de identificações" que ajuda a tecer um perfil do bairro. Para Falcão (2010), Florianópolis foi predominantemente rural até o início de 1980, havia um núcleo urbano, mas que ao seu redor as moradias eram esparsas, voltadas a atividades agrícolas, pesqueiras e também de criação de gado. O contato com o meio urbano era constante, mas difícil em razão das distâncias e pela precariedade das vias de comunicação e dos meios de locomoção.

As formas de camaradagem – um ajudar o outro – podem ser vistas como modo de sobreviver. Muitas eram as dificuldades compartilhadas por quase todos os moradores, exigindo certo companheirismo,

construindo laços invisíveis de pertencimento, proteção e identificação.

Não se pode ignorar também o outro lado da moeda, pois essa proximidade possivelmente ocasiona em controles, cobranças e talvez críticas. O saber da vida do outro, questionar a vida do vizinho, criar intrigas são fatos que possivelmente encontram-se no cotidiano do bairro. Assim, a proximidade adquire dois polos, o positivo, que se direciona para a camaradagem, e o negativo, um controle social, e neste último a grande cidade é libertadora, pois traz o anonimato como ponto principal.

No que tange a forma de se referir à parte central de Florianópolis, os moradores do Pântano do Sul, assim como em outras localidades interioranas da ilha, chamam de "cidade". Para Falcão (2010, p. 266),

Na percepção de indivíduos que moravam longe do núcleo urbano, portanto, eles não faziam propriamente parte de Florianópolis, que melhor correspondia a outro lugar não apenas pela distância física, mas sobretudo, pela distância cultural exercida pelos citadinos, para quem o cotidiano daquelas áreas "não contava para a vida da cidade". Daí a expressão "ir à cidade", em todos os seus tempos verbais, tinha na época um significado literal e envolvia uma

autentica aventura para adentrar num universo estranho e não necessariamente amistoso.

Nas entrevistas transcritas de todos moradores a palavra 'cidade' mostra-se constante e como sinônimo de 'centro de Florianópolis', "[...] O cara que quisé ir à **cidade**<sup>12</sup>, tem ônibus..." (Franciso Tomaz Arcenio, 1985, p.28), "[...] o pessoal da **cidade** ia pra lá..." (Zenaide Maria de Souza, 1985, s/p), "saia daqui do Pântano do Sul prá i a **cidade**". (Romeu Manoel de Oliveira, 1985, s/p).

Os próprios moradores se sentem distantes, como pode ser notado tanto pela citação de Falcão (2010), como alguns trechos das entrevistas dos moradores. O "ir à cidade" está carregado de significados que vão além de uma locomoção difícil e da distância. Não à toa para "ir à cidade" ou "ir descer" (como alguns também costumam dizer) era necessário arrumar-se, colocar a melhor roupa, "a roupa da missa", para adentrar o universo do urbano, que não fazia parte diretamente do cotidiano das pessoas. A cidade era o local para comprar os produtos necessários, vender peixe e renda de bilro e ir ao dentista.

\_\_\_

<sup>12</sup> Grifos da autora

Enquanto na "cidade" a rede elétrica é implantada em Florianópolis em 1950, dezessete anos depois as primeiras luzes são instaladas no Pântano do Sul, contando antes com apenas uma casa com gerador, como aponta a pesquisa realizada no ano de 1963. Esta foi produzida por alunos do primeiro ano da Faculdade de Ciências Econômicas, na disciplina de Sociologia sob a orientação do professor Nereu do Vale Pereira. Intitulada *Monografia de Pântano do Sul (distrito do município de Florianópolis)* (SCHÜILER SOBRINHO; et al, 1963), tinha o intuito de pesquisar sobre diversos aspectos da localidade contribuindo intensamente para pensar o bairro, haja vista os poucos documentos que tratam do Pântano do Sul.

Na busca sobre o ano da instalação da rede elétrica houve um desencontro, alguns trabalhos afirmaram que foi a partir de 1968 que o bairro passou a ter luz elétrica. No entanto, foi encontrado um documento de um morador que aponta para o ano de 1967 (Figura 6).

CENTRAIS ELÉTRICAS DE SANTA CATARINA S. A.
SETOR DE FLORIANOPOLIS
RUA JERÔNIMO COELHO, 32 - FONES: 3027

RECIBO DE INDENIZAÇÃO

Nº 18 6

Recebemos do Sr. Munic Gugaria Manara
a importância supra de Cr\$ 250 Doubles materiais aplicados no assentamento do medidor de material de materi

Figura 6 - Recibo de indenização (Instalação) do morador Odorico Gregório Mariano

Fonte: Acervo da autora

Recibo de Indenização — Cr\$ 2,50. Recebemos do Sr. Odorico Gregório a importância supra de Cr\$2,50 dois cruzeiros novos e 50 centavos como indenização pelos materiais aplicados no assentamento do medidor sua instalação. Consumidor Odorico Gregório Mariano

Endereço Pantano do Sul fonte 52 Florianópolis 24 de abril de 1967

Trata-se de um documento pertencente ao morador do Pântano do Sul que guardou provavelmente por questões de precaução e não vislumbrando com um vestígio para um historiador. Como bem salientado por

Maria Teresa Santos Cunha (2012, p. 24), "a escrita registra, grava e conserva para as gerações futuras", de tal modo este documento escrito gravou e conservou, por meio de seu guardador, e trouxe para as gerações futuras, no caso este presente e para a construção deste trabalho, algumas compreensões de um passado.

Segundo a entrevista de Francisco Tomaz Arcenio (1985, p.15),

A luz elétrica chegou aqui na época que o governador, o governador, o governador aqui era o Ivo Silveira, é que foi governador, então ai foi candidato pa governo, e que até nós trabalhemo a politica pra ele aí, ajudemo ele, o pessoal do Pântano do Sul. Aí então ele foi governador, então ele veio aqui e buto essa luz pra nós, foi do Ivo Silveira pra cá que veio a luz, mas até aí não existia

Sobre o mesmo assunto, a moradora Zenaide Maria de Souza (1985, s/p) conta "Luz, luz tem o que... uns dezoito anos mais ou menos". A fala desses dois moradores, somada ao documento exposto anteriormente dão evidências que foi no ano de 1967 que ocorreu a instalação de luz elétrica no Pântano do Sul.

Outra ocorrência que veio na década de 1960 foi circulação de transporte coletivo, possibilitando, que

muitos moradores começassem a trabalhar e estudar na "cidade". Inicialmente havia dois horários fixos de ônibus. O primeiro horário saía do bairro para a cidade por volta das cinco da manhã, o outro horário voltava ao bairro no final da tarde. A partir dos inícios da década de 1970, há a inclusão de novos horários, mas a circulação de transportes coletivos tem um significativo incremento na década de 1980, quando a estrada que chega ao Pântano do Sul é asfaltada. Outro fator que contribui para o aumento da quantidade de transporte coletivo foi a chegada de mais moradores não só para o Pântano do Sul, mas para outras partes do sul da ilha. Como sintetiza Alves (2009, p.80) sobre as mudanças em Florianópolis que ecoaram no Pântano do Sul,

No final da mesma década [1960] é inaugurada a energia elétrica. Também a aparelhagem estatal se amplia com a abertura de escola, posto médico e posto policial, além da concessão para a exploração de uma linha de transporte coletivo. Os novos equipamentos urbanos e a infraestrutura ali instalada propiciaram o desenvolvimento da localidade que, a partir da década de 70, passou a atrair um contingente populacional crescente.

É possível pensar que esses acontecimentos, acima citados, dão abertura para alterações na vida dos

habitantes. Homens e mulheres passam a circular em outros espacos, a conviver com modos de vida do universo da "cidade". Há possibilidades de empregos e de crescimento financeiro. Não mais precisam ficar no bairro, trabalhando em ocupações ditas "tradicionais" como a renda de bilro, voltada para as mulheres, a pesca, aos homens e agricultura, para ambos os sexos. prédio adquire um escola próprio (1954)aproximando o estudo para as crianças e a possibilidade de estender para um grau de escolaridade maior indo para a "cidade". Sobre o trabalho das jovens Inácia Marcelina de Ávila (1985, p. 11) conta:

Não elas [mulheres mais jovens do bairro] trabalham quase toda pra fora, pra cidade [...] É uma trabalha no elevador, a outra trabalha de limpeza, a outra trabalha de doméstica ne, outra na loja de sapataria, outra na loja de fazenda

Outro horizonte de expectativas emerge, aquilo "não experimentado" (KOSELLECK, 2006), um possível novo ritmo de vida aos poucos passa a se apresentar no bairro.

Adquirir bens materiais, como fogão a gás, forno elétrico ou de micro-ondas, geladeira e televisão, passa a ser possível na vida dos habitantes do Pântano

do Sul. É possível intuir que a televisão, assim como em muitas localidades brasileiras, tanto rurais como urbanas, aos poucos torna-se presente nas casas, trazendo "A moda, a gíria e a música que cada novela lança transmitem uma certa noção do que é ser contemporâneo" (HAMBURGER, 1998, p.443). São transmitidos para além de informações e entretenimento, moldes de como ser moderno, como viver mesmo que em pequenos lugares, mas com hábitos das grandes cidades.

Além de tudo isso, não se pode anular a relevância do turismo dentro de todas essas alterações. O afastamento da parte central da capital fez com que o Pântano do Sul por muitos anos fosse pouco conhecido e frequentado, mas isso se inverte. Por volta de 1975 o bairro passa a ser frequentado por turistas, que buscavam as delícias do banho de mar calmo e da tranquilidade da praia distante das badalações. Mas o maior número de visitação acontece depois de 1984, quando é inaugurado o asfalto da SC-405 facilitando o acesso ao sul da ilha (ALVES, 2002).

Sobre o turismo, Lago (1996, p. 63) observa que "frequentemente promove a urbanização" e ambos

causam mudanças nos hábitos da população residente das regiões turísticas.

Na transformação de uma região em espaço de lazer, em geral a burguesia atua como frente pioneira de expansão, alargando e rompendo fronteiras, adentrando, com seus modos de vida e estruturas urbanas, os espaços vazios ou regiões ocupadas por populações rurais (LAGO, 1996, p. 66)

O potencial que tem o turismo de intervir nos modos de vida de habitantes de regiões turísticas não foi diferente em Florianópolis, atravessando, até mesmo, mais de vinte e sete quilômetros ao sul da ilha e chegando ao Pântano do Sul.

A chegada de pessoas no bairro não se limitou a visitações para aproveitar a praia, muitos foram os que buscaram o local para moradia. Motivos como: terreno e aluguel baratos, tranquilidade e beleza natural, foram os maiores incentivadores. Juntamente com essas pessoas, vindas de muitos estados brasileiros, sejam turistas ou novos moradores, ritmos e tempos passam a mesclarem-se no bairro, há ecos e ressonâncias<sup>13</sup>

\_

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Por ressonância está entendido "o poder de um objeto/ uma ação alcançar um mundo maior além de limites formais" (...) "envolve

(GREENBLATT, 1991, p.250) de uma modernização adentrando na vida dos moradores.

## 2.5 EM 2014 LENDO 1985: DAS ENTREVISTAS E DOS ENTREVISTADOS

É todavia necessário um passo firme para descer às profundezas da história, uma voz imperiosa para interrogar os fantasmas, mas que não trema para escrever as palavras que eles ditam (DUMAS, 1979, p. 05)

Dentro das especificidades e do seu tempo, Dumas, expõe mais uma vez, seu olhar para a história e para o oficio do historiador. A descida às profundezas e interrogar o passado pode ser entendido como a busca e a problematização dos vestígios, aqui materializadas nas entrevistas. E a escrita, o produto final do historiador, neste caso, a presente dissertação.

As entrevistas são bastante amplas e apresentam uma ordem comum entre as perguntas realizadas. Alguns temas estão presentes em todas as falas. São eles: o trabalho na pesca, a produção da renda de bilro,

uma ação de negociação e permuta cultural, isto é, examinando os pontos nos quais uma prática cultural cruza com outra".

1

as festividades, a política, as mudanças estruturais no bairro, a demolição da igreja, os novos moradores e turistas e a escola. Pode-se entender que, assim como as memórias foram produzidas naquele presente de 1985, as perguntas também foram mediadas por pessoas também imersas no seu tempo. Não se deve esquecer que os entrevistadores estão ligados a uma instituição de ensino (UFSC) e ainda, ao campo da história. Além disso, um dos integrantes fazia parte do bairro que foi o objeto de pesquisa, conhecendo possivelmente os moradores e selecionando-os para as entrevistas. Por isso, "é preciso remontar no tempo e estudar o documento oral não somente como fonte, mas também do ponto de vista de sua construção pelo historiador" (VOLDMAN, 2006, p 250-251).

Com sinalizado anteriormente, optou-se focar nas práticas de religiosidades existentes e nos ecos/ressonâncias causados, no bairro, pela modernização da cidade de Florianópolis buscando não perder de vista o momento dos entrevistados e as entrevistas como uma criação de fonte por parte dos entrevistadores. Ou seja, atentar para as narrativas dos entrevistados sobre suas experiências pessoais no bairro

naquele presente vivido e mostrá-las hoje como possibilidades de leituras daquele passado, sempre incompleto e lacunar. A escolha em focar nestes temas foi em razão de sua proeminência nas falas dos moradores. Das doze (12) entrevistas analisadas todas perpassam por esses assuntos ligados às práticas religiosas, evidenciando como um ponto de convergência entre os moradores.

Para a investigação das entrevistas foi realizado um levantamento (quadro 1) daqueles entrevistados, uma forma de conhecer o perfil desses moradores e assim, não deslocar suas narrativas de seus "donos".

Ouadro1 – Perfil dos entrevistados

Morador	Idade	Ocupação	Estado Civil	Filhos
	(Anos)			
Virgilia	99	Rendeira Dona de	Viúva	Três
Maria		Casa		
Mariano				
Francisco T.	52	Pescador	Casado	Cinco
Arcenio		Funcionário		
		Público		
		Aposentado		
Germano	68	Pescador	Casado	Cinco
Jose da Lapa				
Hilda	61	Rendeira	Viúva	Seis
Martinha		Dona de Casa		
Vieira				
Osmarina M.	48	Renda (Jovem)	Casada	Cinco
Monteiro		Dona de um bar		
		Dona de Casa		

Zenaide Maria de Souza	Não fala a idade	Atendente de Enfermagem (Prefeitura)	Separada	Oito
Inácia Marcelina de Ávila	63	Rendeira Dona de Casa	Viúva	Seis
Inacio Jovilto Vidal	64 <sup>14</sup>	Pescador	Casado	Sem
Maria Virginia	70	Benzedeira Dona de Casa	Viúva	Sem filhos
Romeu Manoel de Oliveira	60	Pescador	Casado	Dois filhos
Maria Alexandrina Arcenio	Não fala a idade	Rendeira Dona de Casa	Viúva	Três filhos
Joaquim Simao Filho	77 anos	Pescador Funcionário Público	Casado	Um filho

Fonte: produção da autora a partir das entrevistas transcritas (1985)

Apesar das especificidades de cada morador e das limitações para a produção de um quadro, o perfil dos moradores mostrou-se bastante comum. A coluna 'Ocupação' traz algo que merece ser salientado, nela observa-se uma separação por gênero nas profissões. Homens pescadores e alguns, posteriormente, adquirem um emprego em algum órgão público e as mulheres

.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Inácio quando questionado sobre sua idade não soube responder inicialmente, disse que não havia cartório e, por isso, não tinha registro, mas depois afirma que com o casamento no civil teve como ano de seu nascimento 1921.

renderias (tecem manualmente renda de bilro), em especial quando solteiras. Na vida de casadas narram uma ocupação com filhos e a casa. Ainda assim, é interessante expor que algumas dessas mulheres também citam que ajudavam seus pais quando criança e ajudam os maridos na lavoura (café) e na salga<sup>15</sup>.

Em comum entre ambos os sexos está o fato de desde criança trabalharem de alguma forma para ajudarem nas contas da casa. Desde cedo começam a trabalhar, eles na pesca e na roça elas também na roça e na renda de bilro, muitas tendo que ir a pé até o centro para vender suas rendas; como comentado abaixo:

Ah, nós ia muito a cidade, muito, muito. Nós fazia nossas renda e quando chegava a, fazia um nos de renda, daí eu convidava minhas colegas, vamos vender renda lá no Saco dos Limão. Nós fazia aquelas toalha bonita e ia vender. Nós saía três horas da madrugada, só com um cafezinho, em jejum. (Hilda Martinha Vieira, 1985, p. 06)

No que tange a divisão do trabalho em localidades do interior da ilha, Lago (1996, p.106) aponta para a seguinte forma:

-

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Salga é o trabalho de salgar o peixe, realizado em geral por mulheres, nas grandes safras, para conservar o pescado pois que a falta de energia elétrica comprometia sua conservação.

A mulher se encarregava de todas as tarefas domésticas, da horta e da criação de aves, além dos cuidados com os filhos. As crianças ajudavam na roça e as meninas auxiliavam também às mães no serviço doméstico. O trabalho acessório das mulheres era o artesanato de renda no qual iniciavam as meninas a partir de até seis anos de idade. Os homens tinham como trabalho acessório a pesca e os meninos desde cedo começavam a participar da pescaria, como ajudantes.

Tal citação vai ao encontro do que as narrativas analisadas apresentam e que de forma sucinta é apresentado no quadro 1, dadas às limitações que esse tipo de levantamento carrega. De tal modo, nota-se que além dos serviços realizados por essas pessoas, chama atenção o fato de a maioria realizar um trabalho dentro do bairro às vezes podendo até se afastar (como ir à cidade ou trabalhar no Rio Grande na pesca). Também se observa que havia uma continuidade nas tarefas cotidianas que eram passadas de pai/mãe para filho/filha. Vê-se com isso, um perfil dos entrevistados e que pode estender-se aos outros moradores.

Os moradores do Pântano do Sul, a partir das entrevistas produzidas em 1985, delineiam-se como um grupo com identificações bem visíveis. Homens e

mulheres cuja infância é dividida entre as brincadeiras, o trabalho e algumas vezes a escola. Uma vida adulta que visava o trabalho, a família e a religião. Um grupo que vê e sente as alterações estruturais e culturais chegarem à cidade e alcançarem também seu bairro. No entanto, o fato de ver e sentir não significa incorporar tudo e sim mesclar, experimentar o novo, aquilo que vem com os outros como diria Ricoeur (2007), ao mesmo tempo não abandonar os seus próximos e seus algumas questões modos de vida. E são essas observadas intensamente na fala dos moradores. Percebe-se que, aparentemente, não há grandes perdas na vida dessas pessoas, mas sim a adição de outras coisas que resultam em diferentes possibilidades, conferindo algumas singularidades como a que será tratada no capítulo seguinte. Nas doze (12) entrevistas pesquisadas mostrou-se temática marcante religiosidade, um assunto presente na fala de todos e que convergem bastante. Deste modo, a religiosidade foi tornando-se instigadora e motivadora dos capítulos seguintes.

## 3 ESPAÇO DA COTIDIANIDADE, ESPAÇO DE RELIGIOSIDADE: MEMÓRIAS QUE TECEM HISTÓRIAS

A festa era variada, não ficava limitada à tradição. Tudo dependia do gôsto do festeiro, da sua animação, muito mais do que da sua devoção, pois para falar verdade, o Espírito, em que menos se pensava nestas funções, era mesmo o Santo... (CABRAL, 1972, P. 273)

Na descrição do cotidiano de Desterro, atual Florianópolis, do final século XIX, o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, ajuda a compreender alguns aspectos, como o acima, ainda existentes nas regiões interioranas da ilha, como no Pântano do Sul.

Ao circular pelos bairros de Florianópolis é visível a presença de igrejas católicas, mais ainda, de igrejas edificadas no período colonial. Também pode ser observada uma variedade de festas de santos católicas, muito frequentadas pela população e até mesmo divulgada e financiada por órgãos públicos. Sabe-se que muito disso tem ligação com a colonização portuguesa e não é algo exclusivo de Florianópolis, em outras partes do Brasil a presença portuguesa deixou permanências ainda visíveis, uma delas é a religião Católica Apostólica Romana, mas não se tornou a única

religião, muito menos imutável, ou seja, não veio da Europa para a América sem sofrer interferências de outras populações adeptas de outros credos.

Falar de religião e religiosidade no Brasil significa falar de muitas religiões, de muitos grupos e culturas. A historiadora Laura de Mello e Souza (1986, p. 97) explana que no período do Brasil colonial católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se pois na colônia, tecendo uma religião sincrética e especificamente colonial". Por mais que se colocassem como católicas muitas pessoas passaram a conviver e a crer em aspectos oriundos de outras religiões. Assim, a colônia portuguesa estava "fadada ao sincretismo religioso" (SOUZA, 1986, p.93) e isso, pode-se dizer, se estendeu ao Brasil Império e o Brasil República. Certamente houve muitas alterações na religião católica brasileira, mas não se deve anular as marcas das outras religiões dentro do catolicismo. São muitos os ritos e mitos pertencentes, em princípio, às populações indígenas e africanas, mas que se fazem presentes de alguma forma nas práticas católicas das pessoas.

[...] toda a multiplicidade de tradições pagãs, africanas, indígenas, católicas, judaicas não pode ser compreendida como remanescente, como *sobrevivência*: era vivida, inseria-se neste sentido, no cotidiano das populações. Era, portanto, *vivência*. É nessa tensão entre o múltiplo e o uno, entre o transitório e o vivido que deve ser compreendida a religiosidade popular da colônia, e inscrito seu sincretismo. (SOUZA, 1986, p.98)

Portanto, para pensar as práticas de religiosidade nesta comunidade há necessidade de pensar as tensões vividas pelas pessoas. Não se resume a ir à missa e rezar em casa, a religiosidade estava no cotidiano das pessoas, através de práticas variadas como missas, novenas, procissões, festas de padroeiras, benzeduras, e mesmo nomes próprios que homenageavam santos do dia, por exemplo.

Assim como comentado inicialmente que a descrição de Cabral pode ser vista como uma permanência no Pântano do Sul, a citação de Laura de Mello e Souza pode ser compreendida também como uma permanência não apenas neste bairro, mas em muitas localidades brasileiras. O presente *possui* raízes no passado, diria, Alexandre Dumas, deste modo, muito das crenças de hoje estão enraizadas no passado.

## 3.1 PRÁTICAS DE RELIGIOSIDADE NO PÂNTANO DO SUL

No primeiro contato com as entrevistas o tema religiosidade sobressaiu, todos falam sobre o assunto, colocam-se católicos, participantes desde crianças dos eventos religiosos. A primeira impressão da leitura das entrevistas mostrava que a religiosidade estava no cotidiano das pessoas do bairro. As memórias desses homens e mulheres, mesmo com as especificidades que cada um possui, como já colocado neste trabalho, mostraram-se convergentes, permitindo considerar a religiosidade como um componente marcante para compreender a identificação dessas pessoas. Houve, deste modo, a necessidade de aprofundar o assunto, investigar essas "primeiras impressões", compreender o que é religiosidade, que tipo de religiosidade existe no bairro e que é descrita pelos moradores em 1985.

Já em 1963, é possível constatar, academicamente, aspectos da ligação do bairro com a igreja católica. O bairro foi alvo de pesquisa de alunos

universitários que realizaram um trabalho<sup>16</sup> acadêmico com o intuito de descrever e analisar diversos aspectos sobre o Pântano do Sul, e apontam que,

A religião dominante é a Católica, e podemos dizer que é a única, pois outras Igrejas já tentaram trabalho missionário na comunidade, mas não lograram êxito e não conseguiram adeptos. Existe na localidade uma Igreja, e a população na sua totalidade frequenta a mesma. A macumba, embora conhecida não é mantida. (SCHÜILER SOBRINHO, Otácilio, 1963, p. 30)

O povo é muito supersticioso. As comemorações religiosas, marcam as festividades do local e são realizadas duas vêzes por ano: a Festa de São Pedro e a Festa dos Navegantes. (SCHÜILER SOBRINHO, Otácilio, 1963, p. 30)

As ponderações realizadas pelos estudantes evidenciam a importância da presença da Igreja Católica no bairro e o alcance que tinha com moradores.

pode-se entender que este trabalho tratava-se de algo praticamente

<sup>16</sup> Este trabalho foi encontrado de forma inesperada. Minha tia viu

\_

perdido para a história.

sua vizinha mexendo em uns papéis velhos e me informou sobre, já que faço história e gosto de papeis "velhos". Fui conversar com sua vizinha, Adirce, e ela me mostrou. Para minha surpresa era uma monografia orientada por Nereu do Vale Pereira de 1963 sobre o Pântano do Sul, prontamente Adirce me emprestou para digitalizar o material. Este trabalho não foi encontrado no banco de dados da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina,

Característica que se repete, nos poucos trabalhos encontrados sobre o Pântano do Sul, em que a temática religião é assinalada como aspecto constitutivo para entender o que este local e seus habitantes. Alves (2002) ao descrever o bairro aponta:

Povo religioso<sup>17</sup>, místico [...]. Sempre unido festas comunitárias organiza suas tradicionais [...]. Uma das tradições festivas mais importantes da comunidade é a festa do Divino Espirito Santo, também conhecida como Bandeira do Divino. Seus festejos iniciam-se no mês de maio. O mastro, que carrega o símbolo de uma pomba branca que representa o Espirito Santo, é levado em procissão. As pessoas saem em cantoria com uma orquestra e vão de casa em casa para angariar fundos para a festa e levam a esperança para quem os recebe. (ALVES, 2002, p.37)

O mesmo aspecto é colocado nas análises dos alunos da Faculdade de Ciências Econômicas em 1963, na pesquisa anteriormente citada:

As festas são muito concorridas e vêm pessoas de todos os pontos. [...]. Fot. N. 24 mostra o capricho com que o povo cuida da mesma, pintando as paredes periodicamente – fot. N. 25 mostra nas laterais os Santos: São Pedro e a estátua destinada ao Navegantes – fot n. 26 mostra o cuidado em que as mulheres tem para

.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Grifos da autora.

com o altar colocando flôres seguidamente. (SCHÜILER SOBRINHO, Otácilio , 1963, p. 30)





Fonte : SCHÜILER SOBRINHO, Otácilio; Et al. **Monografia de Pântano do Sul**. Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Ciências Econômicas, 1963, p. 30.Orientação de Nereu do Vale Pereira.

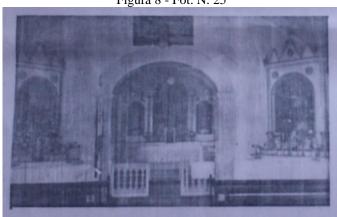


Figura 8 - Fot. N. 25

Fonte : SCHÜILER SOBRINHO, Otácilio; Et al. **Monografia de Pântano do Sul**. Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Ciências Econômicas, 1963, p. 30.Orientação de Nereu do Vale Pereira.

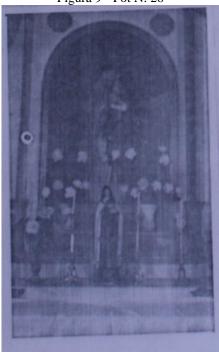


Figura 9 - Fot N. 26

Fonte : SCHÜILER SOBRINHO, Otácilio; Et al. **Monografia de Pântano do Sul**. Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Ciências Econômicas, 1963, p. 30.Orientação de Nereu do Vale Pereira.

Nas respectivas citações sobressai a religião como ponto característico do Pântano do Sul e seus moradores. Observa-se, ainda, que mesmo sendo estudos de datas distintas (2002 e 1963) a religião, em especial as festas, são marcadamente associadas aos ritos da igreja católica do bairro, assim como, os moradores são apresentados como praticantes do

catolicismo e considerados bastante religiosos. Ao comparar as datas dos trabalhos dos autores não se deseja afirmar que a religiosidade está cristalizada, que não há modificações, o que se pode intuir é a existência ainda entre os moradores de um forte vínculo religioso em seu cotidiano.

Ao observar todas essas ponderações, tomam-se emprestadas as palavras de Miranda (2004, p. 137) que estudou a memória de migrantes mineiros, "indivíduos, são em geral, herdeiros de uma história familiar que é compartilhada pela comunidade e celebrada nos rituais religiosos". A religiosidade pode ser considerada como um aglutinador do bairro, ou seja, as rezas, missas, novenas, festas para santos e benzeduras, são pontos que conectam os moradores, criando vínculos entre eles e que está no dia-a-dia. Os eventos religiosos existentes são permeados de sociabilidades. Participar deles vai além da fé. Associado a uma sociabilidade a religiosidade também pode ser vista como um elo de identificação.

Deve-se expor, no entanto, que essa ligação com a religiosidade, no caso, cristã católica, não necessariamente obedece aos dogmas rígidos da Igreja por completo, mas, também, utiliza-se de ritos e práticas provindos de outras crenças. Por este motivo pode-se postular que "existe uma separação entre a norma e o vivido, a injunção e a prática, o sentido visado e o sentido produzido – uma separação em que se pode insinuar reformulações e desvios" (CHARTIER, 2003, p.147).

Traz-se como exemplo a benzedura, exercida por muitas mulheres do bairro, tal prática não é de cunho somente católico. Segundo Martins (2009, p. 36)

Aos benzedores e benzedeiras era atribuída a capacidade de "curar" os males ditos provocados pelas bruxas, e assim adquiriam notoriedade e prestigio junto às comunidades, tornando-se queridos e respeitados. Aos benzedores e benzedeiras eram atribuídos dons de curar males do corpo e da alma proferindo palavras e fazendo determinados gestos, ou, ainda, receitando remédios e ervas.

Pode-se inferir que as múltiplas dificuldades, distância da parte mais urbana, vias de acessos precárias e ausência do poder público notadamente na área da saúde, fez com que os moradores recorressem a práticas religiosas para obter solução em distintos problemas. Práticas entendidas por eles como sendo católicas, no entanto, tangenciam manifestações religiosas de matriz

afro-brasileira e indígena, por exemplo. Besen (2013, p. 72) elucida muito bem esse cruzamento dessas crenças: 'Curas, adivinhações e mandingas, benzeduras, simpatias' são processos onde de modo muito claro se realizou o encontro da religiosidade indígena, negra e luso-açoriana. Ali se fundem o benzedor com o pajé e o pai-de-santo". É preciso levar em conta que essa sobreposição de religiosidades se apresenta em muitas regiões do Brasil, como por exemplo, os moradores dos seringais do Amazonas. Devido à dificuldade de atendimento dos postos de saúde muitas pessoas, buscavam o auxílio de benzedor, curandeiro e feiticeiro, "Mesmo que os jornais instruíssem a população quanto à ineficácia e os perigos destas práticas, os moradores da mata insistiam em recorrer a elas, pois acreditavam, tinham fé que a magia e feitiçaria poderiam livrá-los das enfermidades (LAGE, 2012, p. 22).

Souza (1986), sobre o período colonial, sinaliza para a presença, ou melhor, a convivência das práticas mágicas (característica das culturas indígena e africana) e europeias, uma convivência que apesar das tensões vai integrando o cotidiano das pessoas e ainda com passagem dos séculos vai mantendo-se (com alterações)

no Brasil e sendo utilizada e adaptada conforme cada local e tempo.

Segundo Besen (2013), o catolicismo que se apresenta em Florianópolis configura-se a partir de uma matriz que estaria mais associada ao meio rural, mas que na década de 1970, em função do avanço do processo de modernização da cidade, teve a diminuição de adeptos. Estas práticas de religiosidade estariam mais associadas ao que o autor chamou de catolicismo "popular" que tem como figuras representativas o Santo e a Irmandade, situação que também é posta por Laura de Mello e Souza (1986, p. 115) "O culto a virgem e, sobretudo, aos santos, é um dos componentes da religiosidade [...] em que é mais nítida e perceptível esta efetivação".

Em Florianópolis há a existência de muitas festas direcionadas a santos tendo algumas uma quantidade grande de fiéis. De acordo com Martins (2009), até a década de 1950 apresentava um número significativo de atividades religiosas públicas sendo as

\_

O termo popular não é trabalhado ao longo deste trabalho. Como já explicitado na introdução, a partir do entendimento de Chartier (2003) que afirma que popular significa o uso dado a algo.

organização responsáveis Irmandades pela concretização destas. As Irmandades, ainda de acordo com Martins (2009, p. 39), eram uma "espécie de agremiação de pessoas que se reuniam em prol da manutenção e da devoção a um santo da Igreja Católica Apostólica Romana. ". Essas irmandades existiam em diferentes localidades da ilha e eram muito comuns nas paróquias do interior, onde se reuniam para rituais religiosos chamados: Apostolado da Oração em que se realizavam a Consagração do Sagrado Coração de Jesus ou de Maria, ou mesmo a Congregação Mariana que reunia mulheres e a Cruzada Eucarística destinada às crianças. "Em sua maioria grupos compostos por beatas que se reuniam para realizar caridades, quermesses e outras festividades de cunho religioso." (MARTINS, 2009, p. 39).

Sobre as festividades voltadas a santos e a mobilização das pessoas Cabral (1972, p. 279-280) já apontava existir em Desterro

Havia, em outros tempos, mais festividades de cunho religioso, além destas, do ciclo a que me referi e outras devoções particulares que reuniam os fiéis em tôrno de Santos de sua particular preferência. [...] Numa terra assolada constantemente pelas epidemias, com as condições higiênicas que apresentava e com as limitações do conhecimento da medicina preventiva de então, o maior, senão o único recurso era valer-se a população da sua fé religiosa e apelar para a intercessão dos Santos, advogados contra a peste, qualquer que ela fosse.

O calendário religioso de Florianópolis, ainda mantém muitas festividades em homenagens a santos, o que também é possível compreender isso como uma permanência. Os próprios moradores do Pântano do Sul, em 1985, citam muitos santos que eram alvo de festas especiais e, também, apontam para a relevância das festas de Nossa Senhora dos Navegantes e São Pedro, ambos ligados ao mar e aos pescadores, oficio marcante no Pântano do Sul e também em outros bairros da ilha por muito tempo. Sobre isso Cabral (1972, p. 282) ainda justifica:

Numa terra de marinheiros e pescadores, plantada numa ilha, num tempo em que a única via de comunicação era marítima, não poderiam estar ausentes as festividades de São Pedro e Nossa Senhora dos Navegantes. A primeira foi mais intensa nas povoações do interior da ilha, juntos às suas praias, nas quais abundavam os pescadores, não devendo ser esquecidos as Armações dedicadas a pesca da baleia. Na cidade pròpriamente, não se conhecia a devoção."

A distância e os parcos recursos, possivelmente fizeram com que os moradores do interior de Florianópolis recorressem ao sobrenatural. Rezar para ter peixe, para o pescador sobreviver às armadilhas do mar e às doenças, o único jeito era apelar aos santos e as benzeduras.

Tudo isto está conectado ao cenário religioso existente ainda no Pântano do Sul. Há, ainda hoje, a irmandade do Apostolado da Oração responsável por algumas procissões e novenas e, além disso, a figura do padre é quase restrita às missas realizadas aos domingos, sendo as novenas, procissões, ladainhas, comunhão para pessoas acamadas e entre outras atividades, realizadas pelos moradores, em especial, os mais velhos.

Outro exemplo, desta "fuga" das crenças perante as imposições da igreja é em relação à imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. A existência da pesca como forma de trabalho faz com que esta santa, protetora dos homens que convivem com o mar, seja adorada pelos moradores. Ressalta-se que no início de fevereiro há a Festa de Navegantes, na qual os pescadores organizam a procissão marítima. A imagem

que se acha no interior da igreja traz as insígnias de outra Nossa Senhora. Segundo a representação "oficial" a santa dos Navegantes traz uma criança no colo e está dentro de um barco (Figura 9). Já a do Pântano do Sul, não traz estas insígnias e a capela fez um barco na qual ela se encontra nos dias de festa (figura 10).

Figura 10 - Nossa Senhora dos Navegantes: imagem segundo a Igreja Católica



Fonte:site da Capela Nossa Senhora dos Navegantes. Disponível em: <a href="http://www.nossasenhoradosnavegantes.com.br/">http://www.nossasenhoradosnavegantes.com.br/</a> >. Acesso em: 04/03/2014.



Figura 11 - Nossa Senhora da Boa Viagem (Nossa Senhora dos Navegantes para os moradores do Pântano do Sul

Fonte: Rede Social (Facebook) da Capela de São Pedro-Pântano do Sul. 04/03/2014.

A própria comunidade tem conhecimento da troca das imagens, mas o apego a esta (figura 10) é tamanho que não querem outra imagem da santa. Ambos os exemplos demonstram que

Por fora do aparato institucional, no entanto, articula-se um outro sistema bastante extenso de práticas crenças religiosas que embora faça parte do universo católico, não goza de reconhecimento oficial da Igreja. Esse sistema, geralmente denominado de catolicismo popular tradicional, tem como sua principal base de sustentação a devoção aos santos, com os quais os fiéis estabelecem relações de aliança – seus santos padroeiros, [...] – e/ou de trocas, nas quais predominam as promessas e obrigações mais imediatas (STEIL, p. 11, 2004)

seja, imposições Ou mesmo as com instituição Igreja, há muitas remodelações conforme o local, o tempo e o grupo. No caso do Pântano do Sul, mais especificamente para àqueles que nasceram e cresceram envoltos neste cenário, a imagem é entendida e adorada como Navegantes. Ainda vale ressaltar, que entendimento também permite tal compor identificação do grupo, pois só os que se acham imersos nesse meio é que entendem o sentido dado à imagem.

A imagem da santa suscita imaginários e representações próprias dos moradores do Pântano do Sul. É necessário compreender que as imagens são portadoras de história e de tempo (GRUZINSKI, 2006). Há um processo de acomodação e adaptação dos moradores com relação à imagem da santa.

Chartier (2003, pp. 153-154) tomando os conceitos de estratégias e táticas de Certeau apresenta uma análise que pode ser transposta para pensar os dois exemplos expostos acima:

As estratégias supõem lugares e instituições, produzem objetos, normas, modelos, acumulam e capitalizam; as táticas, desprovidas de lugar próprio, sem controle sobre o tempo, são "maneiras de fazer", ou melhor, maneiras "de fazer apesar de". As formas "populares" da cultura, das práticas do cotidiano aos consumos culturais, podem ser pensadas como táticas produtoras de sentidos — mas de sentidos provavelmente estranhos àqueles visados pelos produtores [...].

Ou seja, ao analisar essas práticas religiosas, é preciso levar em conta que o grupo não irá inculcar por inteiro as normas e modelos impostos. Há uma decantação, não necessariamente proposital, "A vontade de inculcação dos modelos culturais não anula jamais o espaço próprio de sua recepção, uso e interpretação" (CHARTIER, 2003, p. 156).

Tudo isso se torna ainda mais instigador para quem pesquisa. Buscar as especificidades as permanências e as rupturas de um local e de seus habitantes em um determinado tempo. Para isso, nada mais significativo do que escutar aqueles que vivem o cotidiano, que se encontram imersos nesses ritmos de vida existentes e que, contribuem para o apagamento de outros.

Outro ponto que se delineia bastante instigador os ecos da modernização nas práticas de são religiosidade das pessoas. Segundo Montes (1998), há desde o início da modernidade um processo longo de sociedade mais dessacralizada. laicização. Uma individual e regida pelas regras do mercado emergente. do universo religioso" Há "encolhimento (MONTES, 1998, p. 72), sendo o cristianismo, no Brasil, possivelmente por sua maior abrangência, bastante afetado. É possível retomar nesta observação a questão da aceleração do tempo (HARTOG, 2013) que reverbera no cotidiano das pessoas e que possivelmente abala algumas crenças. O Pântano do Sul torna-se um local propício para analisar esse "encolhimento". Sendo, portanto, o tema aprofundado aqui a partir de entrevistas com moradores, estas apresentadas e trabalhadas capítulo anterior no e novamente apresentando-se como vestígios do passado plenos de histórias

Vale ainda frisar quem são essas pessoas, esses moradores aqui personagens singulares e principais deste trabalho. Pessoas ordinárias, ou seja, que pertencem à ordem do comum, que vivem seu dia-a-dia, o seu cotidiano e que não são lotadas no círculo de figuras grandes da história, mas podem considerados, igualmente, grandes homens e mulheres que ajudam a compor uma história do bairro do Pântano do Sul. Para tanto recorre-se a Certeau (2014), este que reintroduz na história o homem simples em um cenário que é o cotidiano e que mostra a criatividade deste homem.

"Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto". (CERTEAU, 2014, p. 35), a forma de mobilizar o homem ordinário no cotidiano exige, como aponta o autor, buscar esmiuçar e compreender as maneiras de fazer que se constituem de muitas práticas. O homem simples e o seu cotidiano estão permeados de histórias possíveis, possuem aparente simplicidade, como um *iceberg* que muitas vezes se mostra pequeno na superfície só que ao imergir

no mar seu corpo se estende pelas profundezas. Há muito que se historiar sobre o homem e o cotidiano.

A vida cotidiana não está "fora" da história, mas no "centro" do acontecer histórico: é a verdadeira "essência" da substancia social [...]. As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande facanha torna-se particular histórica histórica precisamente graças ao seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas "em-si" (HELLER, 2008, p.34)

Ou seja, não há história que não perpasse pelo espaço da cotidianidade e que não seja significativo para o historiador. Traz-se à luz, novamente, as memórias de homens e mulheres do Pântano do Sul, que vivenciaram mudanças e que falam no momento em que experimentavam fatos e situações, como por exemplo: a demolição da antiga igreja, as práticas de religiosidade, a possibilidade de um acesso facilitado ao bairro-centro, a chegada de novos habitantes, as melhorias na estrutura física do bairro, jovens saindo do bairro e o medo do apagamento de algumas práticas exercidas pelos moradores. O *campo de experiência* e

horizonte de expectativa são investigados nessas memórias dos moradores, suas experiências daquele presente e suas expectativas futuras.

3.2 PASSADO REVISITADO: AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DO PÂNTANO DO SUL E O CASO DA IGREJA DISPUTAS ENTRE O "VELHO" E O "NOVO" (1985)

Ah minha filha, não tenho mais nada qui falá. O que eu ia falar eu já falei, né? A, minha vida de solteira, eu já disse. Gostava muito da vida de solteira, quando era solteira. Di quando eu era solteira, já esse povo, já morreram tudo, já foise tudo. Agora já não tem ninguém da minha idade já. Du, du meu tempo, já foi-se tudo. Agora... não tenho mais nada a dizer... (Virgilia Maria Mariano, 1985, p. 16).

A entrevistadora agradeceu Virgilia Maria Mariano, apertou o *stop* do gravador, retirou a fita de dentro daquele objeto preto, guardou em uma caixinha de plástico e em seguida colocou em sua bolsa. Mais uma entrevista, mais uma preciosa memória daquele bairro, "desde há pouco, o singular, o acontecimento de fala, vem bater à porta do relato histórico" (FARGE, 2011, p. 61).

Assim como a fala de Virgilia, outras foram produzidas, no bairro do Pântano do Sul e quase trinta anos depois continuam a ter voz para o historiador, basta que ele dê ouvidos e tenha um olhar apurado para essas entrevistas plenas de memórias. Portanto, as entrevistas aqui estudadas são entendidas como um documento, ou seja, vão além de ilustrações de um discurso da história, elas são problematizadas como defendido por Farge (2011).

Como apresentado no capítulo anterior, em 1960 e mais acentuadamente em 1970 Florianópolis passou a receber novos moradores, muitos foram os fatores que estão associados a isso, como visto anteriormente. As alterações no cenário urbano da cidade, a considerável melhoria nos transportes públicos, a geração de novos empregos e, especialmente, a chamada qualidade de vida, contribuíram para a chegada de novos moradores, muitos destes turistas e também moradores de cidades e estados próximos que decidiram viver na Ilha. O Pântano do Sul passou, também, a receber novos características moradores, distintas com produziram naqueles que já viviam no bairro o estranhamento. E os antigos moradores do bairro passam a circular mais por Florianópolis, ou melhor, pela 'cidade', ampliando as possibilidades de estudo, emprego e diversão. Um movimento duplo de novos agentes sociais externos recém chegados a Ilha e a circulação mais facilitada dos nativos do Pântano do Sul são dois movimentos presentes na década de 1970.

É preciso levar em conta que as entrevistas analisadas ao longo do trabalho estão inseridas neste contexto, um momento bastante intenso da cidade de Florianópolis e que possivelmente tiveram ressonância na forma de ver dos moradores do Pântano do Sul, pois a memória é uma construção do presente e como descreve Gracia (2013, p. 28): cultura y los múltiples diálogos que conforman el recuerdo.".

As memórias dos moradores são evocadas a partir dos questionamentos dos entrevistadores. Dentre as diversas interrogações uma das mais presentes foi sobre o caso da demolição da igreja 'antiga". Os entrevistadores buscaram saber o que houve e qual a opinião dos moradores perante tal acontecimento no bairro. Ainda, é importante salientar que durante os anos de 1984 e 1985, o debate sobre a demolição da

igreja do bairro foi assunto noticiado até mesmo nos jornais de Florianópolis.

"cabe considerar que la memoria no brinda acceso directo a lo vivido sino mediado por la

Falta de espaço para assistir às missas, devido ao crescimento da população e estado precário do prédio foram os motivos alegados pelos moradores do Pântano do Sul para a demolição a Igreja de São Pedro (O Estado, março de 1984)

Este ano os festejos terão seus recursos destinados à capela, cuja estrutura arquitetônica nada tem a ver com a realidade do local. Numa praia habitada basicamente por pescadores, um estilo novo e de linhas ousadas certamente destoará, ao contrário da velha capela, que lembrava em seus traços a configuração humilde das demais residências. (O Estado, 1985)

A demolição da igreja de São Pedro (Pântano do Sul), noticiada acima, é tomada como um sintoma da modernização em Florianópolis. Como bem colocado no segundo trecho, uma nova arquitetura com linhas ousadas adquire espaço, mas que não tem proximidade com a *realidade* do bairro que, segundo descreve o jornal, é considerado como um ambiente mais humilde. Os tempos se encontram, o "antigo" e o "novo", a modernização se entrecruza com o tempo do Pântano do

Sul, antes isolado, por vezes considerado parado no tempo.

O ano de 1984 no Pântano do Sul foi de intensas discussões sobre a demolição da igreja para a construção de outra. De acordo com o historiador e morador do bairro, Arante José Monteiro Filho, a igreja antiga havia sido construída por volta de 1882 e 1884. No entanto, noticiado no jornal *O Estado* houve abaixo-assinado com grande número de moradores apoiando a demolição do prédio, o motivo para esta ação estava associado à falta de espaço em razão do aumento da população na localidade.

Como já discutido anteriormente, dada a importância da igreja e da prática religiosa na vida dos moradores, é compreensível a mobilização daqueles que viviam no bairro, bem como a polêmica gerada.

Na leitura das entrevistas, observou-se que os entrevistadores tinham interesse em questionar os entrevistados sobre os motivos e as reações dos moradores sobre a demolição da igreja do bairro, igreja de São Pedro. Segundo o historiador Arante José Monteiro Filho, em entrevista ao jornal da época, a construção da Igreja era datada de 1884, tal conclusão

foi também reafirmada na fala de Joaquim Simão (1985, s/ p) "Aqui essa nossa, antiga? A antiga foi no tempo da minha mãe, eu não era nascido. Foi feita em oitenta e quatro [1884], e eu nasci em novecentos e oito, não era nascido". Entretanto, o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) em consulta ao Patrimônio Histórico comprovou que a igreja de São Pedro no Pântano do Sul não possuía valor histórico. (O ESTADO, março 1984).

Com isso, observa-se o presente e os problemas naquele presente – agora passado – que instigaram os pesquisadores na confecção das entrevistas. Também é possível pensar que talvez o entrevistador quisesse uma forma de colher depoimentos que acolhessem seus desejos. Tais percepções ajudam a compreender o quanto as intenções do historiador/entrevistador estão embutidas na produção das entrevistas

Eis por que é preciso remontar no tempo e estudar o documento oral não somente como fonte, mas também do ponto de vista de sua construção pelo historiador que ao solicitar uma testemunha, procede a uma "invenção" de fontes. Descrevendo-se quais podem ser as diferentes formas de coleta de um documento oral e as consequências dessas diferentes modalidades para a prática da história, é sempre

o controle já citado que está em questão. (VOLDMAN, 2006, pp. 250-251).

É fundamental o extremo cuidado por parte não apenas daquele que produz tal documento, mas daquele que o analisa sem ter atuado diretamente em todo o processo de confecção do documento (entrevista), como é o caso do presente trabalho, pois, há o controle e invenção de fonte por parte do historiador.

No que tange ao tema da demolição da igreja do bairro, os entrevistadores indagam o posicionamento dos moradores e as respostas divergem. Para melhor visualizar o posicionamento dos moradores foi construída um quadro (quadro 2):

Quadro 2 – Posicionamento dos moradores sobre a demolição da Igreja do Pântano do Sul em 1984

Entrevistado	Contra	A favor	Observações
Virgilia Maria	-	-	Não é questionado, mas
Mariano			ao citar a igreja que se
			casou a senhora comenta
			"na igreja do Pântano do
			Sul. Nesta que
			desmancharam" (p.04)
Francisco T.		X	-
Arcenio			
Germano Jose		X	-
da Lapa			
Hilda Martinha	-	-	O entrevistador insinua
Vieira			a pergunta, mas a
			entrevistada fala sobre

			outras coisas	
0 1 37	**		Outras Coisas	
Osmarina M.	X			
Monteiro			-	
Zenaide Maria	-	-	Não foi questionada e	
de Souza			não citou o assunto	
Inácia Marcelina	X		-	
de Ávila				
Inacio Jovilto	-	=	Não foi questionada,	
Vidal			mas comentou sobre a	
			festa de inauguração da	
			igreja	
Maria Virginia	-	-	Não foi questionada e	
			não citou o assunto	
Romeu Manoel		X	-	
de Oliveira				
Maria	-	-	O entrevistador faz a	
Alexandrina			pergunta, mas a	
Arcenio			entrevistada fala sobre	
			outras coisas,	
Joaquim Simao	-	-	Foi questionado, mas	
Filho			afirma não saber	
			responder.	

Fonte: Produção da autora.

O quadro 2 expõe que dos oito (08) que foram questionados diretamente sobre a demolição da igreja, cinco (05) responderam e colocaram sua opinião, destes, três (03) disseram ser a favor da demolição e a necessidade e benefícios da construção de outra igreja. Duas (02) pessoas, afirmaram ser contra. Com respostas contra ou a favor, ou até mesmo sem respostas, nota-se que possivelmente tal acontecimento no Pântano do Sul, mobilizou boa parte dos moradores, evidenciando a

importância, não necessariamente do prédio, mas do fato de a igreja ser a única do bairro e ser da religião predominante, a religião católica.

Ainda sobre o posicionamento, os próprios entrevistadores, afirmam, ao questionar, que a maioria dos moradores eram favoráveis, "Mas a maioria do pessoal do Pântano do Sul foi a favor..." (Regina Coeli N. Martins de Barros entrevistadora de Osmarina Maria Monteiro, 1985, p.10). Ou seja, já estavam cientes do debate sobre a igreja que gerou conflitos e mobilizou uma parcela da comunidade em apoio à demolição desta.

Questionado sobre a construção de uma nova igreja Romeu Manuel de Oliveira (1985, s/p) afirma:

Achei positivo, sabe porque? Porque nossa igreja tava muito ruim. Se a igreja seguisse mais de um ano ela caía. Ninguém sabe até como foi feito aquilo. Muito antiga, né? Toda rachada, chovia dentro, a madeira, o cupim tinha comido tudo. Então qué dizê que foi uma boa. Argum reclama que não foi, mas foi, foi sim. Vê como tá bonito hoje. Você já teve lá dentro dela ou não...?

Sobre a mesma pergunta Germano José da Lapa (1985, s/p) diz:

Ah, fomo obrigado, obrigado a faze isso, obrigado porque não tinha luga pra faze outra e aquela ali tava muito velha. Ajudei a carregar tijolo pra ela lá da Enseada do Brito, de lancha carregando tijolo. [...]

Vai ter inauguração agora dia 22 [junho de 1985], agora sa sábado. Agora pode dize que é uma igreja, certo. Se a minha casa está caindo o que é que eu vo faze? [...] eles fizero muito bem.

Francisco do Tomaz Arcenio (1985, p. 02) também argumenta:

Nossa igreja velha que foi derrubada o ano passado aqui uns 08 meses aqui atrás, não faz um ano ainda que era velha, que tinha já quase um século, mas agora foi derrubada também, pa faze uma nova, mas é tudo novo, tá bom assim.

Nas três falas que se colocam a favor da demolição da igreja nota-se que o adjetivo "antigo" possui o sentido negativo, ou seja, é o velho, o sem valor, está acabado e precisa ser "jogado fora". Logo, "antigo" para esses senhores não, necessariamente, está associado a um valor histórico, pelo contrário, eles estão preocupados com o uso deste local – o presente – e das deficiências que o prédio antigo traz, "cupim", "rachado", "goteiras" e "pequeno espaço". O passado e

as experiências vividas em relação à igreja não estão atuando memórias desses moradores, nas suas preocupações são em relação ao presente do prédio, ao presente em que vão a igreja e veem a ação do tempo atuar gerando rachaduras, cupins e a falta de espaço. É o presente que justifica a necessidade da demolição e, neste sentido, o crescimento populacional e as ideias de modernização da cidade podem ser sentidas nessa atitude de demolição da igreja. Com isso, colocam a nova construção como positiva é o novo, o moderno que pode ser utilizado. A resposta final de Germano José da Lapa justifica muito bem o apoio para a nova construção: "Agora pode dizer que é uma igreja, certo! Se a minha casa está caindo o que vou fazer? [...] eles fizeram muito bem". O olhar está centrado para a utilidade do prédio no presente dos moradores e na funcionalidade que deve ter. O seu valor simbólico para o bairro, na opinião dos moradores que apoiaram a demolição, não se apresenta.

As justificativas em apoio à demolição mostramse próximas, a igreja "antiga" estava muito velha, pequena e cheia de problemas na estrutura, por isso a necessidade de construir uma nova. Os entrevistados que se colocaram contra, afirmam que não havia necessidade, que foi uma atitude do grupo que administrava a igreja e que não buscou saber a opinião dos moradores

segundo Osmarina Maria Destaca-se que Monteiro: "Os velhos foram a favor, os moços foram quase tudo contra [...] Queriam que desmanchassem, estava velha, não sei o que..." (1985, p.10). Pode-se intuir que os mais velhos estavam considerando os benefícios de um edifício novo, enquanto que os jovens, possivelmente com um nível de escolaridade mais alta e interagindo em outros grupos para além do Pântano do Sul, começavam a se sensibilizar com as questões de patrimônio. Esses "moços" mostravam-se preocupados com os valores históricos presentes no edifício demolido, estavam olhando para o passado, os significados e a importância deste para uma história do bairro. Não se pode esquecer que as discussões patrimoniais e a preocupação em salvaguardar o passado adquirem mais espaço e investimento no transcorrer de 1980, na qual o patrimônio tem seu conceito alargado e as práticas de preservação se modificam

É importante considerar que a importância de preservar o velho e dar a ele um *status* de importante é criação contemporânea. Retoma-se aqui uma discussão dos regimes de historicidade, do presentismo (HARTOG, 2013), da aceleração do tempo e da extensão do presente na vida das pessoas que ocasiona um esquecimento do passado. Daí a necessidade de guardar o passado, de preservar a memória, ou seja, de preservar aquela igreja do Pântano do Sul. Mas essa sensibilidade com o antigo como importante parece não ser sentida da mesma maneira, pelos moradores mais velhos. E isso faz entender, o porquê da mobilização dos mais jovens contra a demolição, estes sim, frequentando escolas e universidades, interagindo com Florianópolis moderna internalizando uma e importância da preservação daquilo antes considerado velho., Estes jovens encontram-se imersos em um outro regime de historicidade.

É fundamental historicizar o conceito, pois, quando falam 'velho', as pessoas associam à algo pejorativo, sem valor e que serve para o descarte, no caso da igreja para a demolição. Como defende Koselleck (2006), os conceitos são plenos de

historicidade, ao compreendê-los, ao investigá-los é possível conhecer mais sobre determinado contexto, por isso, ao observar nas entrevistas "velho" e "novo" é interessante tomar cuidado e compreender o que significam essas palavras e de que forma os entrevistados estão a usá-las. Associado a isso pode-se pensar nas noções de preservação, de valorização do passado e de valor histórico que são postas mais intensamente no fim do século vinte, e ainda, o meio de difusão para essa sensibilidade é em especial a escola, ambiente que os moradores entrevistados frequentaram quase em sua maioria até a quarta série do antigo Curso Primário.

Mas ainda, é instigante pensar acerca dos posicionamentos e do chamado apelo emocional, pois é bem provável que os mais velhos tiveram mais contato com a igreja antiga, casaram-se nela, batizaram seus filhos, foram batizados, enfim, seria um edifício repleto de memórias e de lembranças de acontecimentos de suas vidas passadas. Pode-se considerar, contudo, a presença de uma espécie de divisão da memória coletiva dos moradores: de um lado os mais velhos, reivindicando e aprovando a demolição e construção de

uma nova igreja e do outro lado os jovens, reivindicando a preservação da igreja, que teria um valor histórico, um valor importante para os moradores e para a história do bairro. É possível visualizar o que Ricoeur (2007) entende ser memória coletiva, há o vínculo com *os próximos*, neste caso entre os moradores, todavia mesmo integrada a um grupo, a pessoa – o *eu* – se coloca, opina conforme suas ideias podendo divergir até mesmo daqueles que estão inseridos no mesmo grupo, que são seus *próximos*. Portanto, mesmo os moradores mantendo uma memória coletiva, cada um, antes de tudo, constrói sua memória individual.

Contrária à demolição a moradora Inácia Marcelina de Ávila (1985, p. 15) argumenta:

Ele [o padre] quer dizer que aceitou né... eu acho assim que ele aceitou porque não era de lá [Pântano do Sul], sendo de fora o que poderia fazer? [...]

Eu toda vida fui contra, eu batia no peito se fosse pra fazer um abaixo assinado, eu meu dedo lá, porque eu sou analfabeta, mas eu marcava o meu dedo para não desmanchar, não aceito não era para ser desmanchado...

Esta senhora já mantém outro olhar para a igreja "antiga", mas não justifica a sua posição. É provável

que esta moradora, assim como outros, não concordava com a demolição por questões sentimentais, talvez nostálgicas, lembranças associadas com aquela igreja, em que a ordem desse espaço trazia um elo familiar com o passado, uma forma de olhar para o passado naquele presente. Contrariamente, aos que se colocaram favoráveis, poderiam suscitar uma interpretação de que estariam mais preocupados com o presente em direção ao futuro do prédio da igreja. Pode-se intuir que este debate em torno da demolição da igreja é uma ressonância da modernização que se processava em Florianópolis desde 1960. O desejo de modificar, de trocar o "velho" pelo "novo" - este mais "bonito" - e construir algo maior para alocar mais fieis, tem ligação com o presente em que viviam: o crescimento do bairro. Essa disputa entre os próprios moradores, em demolir pode, então, ser um eco da modernização e os conforme lidam moradores. com essas novas experiências construíram suas ideias e olhavam para esse debate cada um de uma forma.

Inicialmente as cinco (05) breves falas, sobre a demolição da igreja e o apoio a esta ação, ajudam a pensar sobre a relação memória coletiva e individual,

antes apresentada por meio de Ricoeur (2007) e Voldeman (2006). Os cinco moradores acima nasceram (exceto Osmarina Monteiro que veio quando criança), cresceram e edificaram duas vidas no bairro, o que os coloca em aproximação e participantes de um mesmo grupo. Provavelmente frequentavam a igreja "antiga", como chamam, e construíram laços com ela, haja vista que as festividades existentes no bairro eram ligadas à igreja católica, tornando-se, portanto, o ambiente religioso um lugar não somente de oração, mas de sociabilidade. Em razão de tudo isso, poder-se-ia intuir que todos os moradores do bairro foram contra a demolição da igreja, já que ela fazia parte da história de cada morador e moradora, construindo também uma história do bairro. No entanto, mesmo partilhando alguns aspectos, cada um, formulou sua opinião de uma forma, e se fosse outro tema a mesma coisa iria acontecer, pois antes da memória coletiva, há o individual atuando, (RICOEUR, 2007).

Sobre as festividades existentes no bairro, Osmarina Maria Monteiro (1985, p.04) traz uma resposta bastante instigante e que necessita ser investigada Entrevistadora: Lembra como é que era as

festas aqui?

**Osmarina**: Hô! Dava gente... de igreja. **Entrevistadora:** Só festa de Igreja?

Osmarina: É festa de igreja.

Por meio das respostas houve o interesse em investigar os eventos do Pântano do Sul e sua ligação com a igreja católica, pois é possível notar que quando questionados sobre as festas (do passado e daquele presente) a resposta girava em torno da igreja. Para dar início às análises e problematizações construiu-se o quadro 3 para pôr/destacar as festividades lembradas

Quadro 3: levantamento das festas citadas por cada morador

<b>Entrevistado Festas</b>	Esp. Santo	Navegantes	São João	Terno de Reis	São Pedro	Santa Cruz	S. Sebastião	Junina	Bacalhau	Carnaval	Sagrado Coração	B. Jesus Guape
Virgilia Maria Mariano		X	X		X							
Francisco T. Arcenio	X	X			X				X			
Germano Jose da Lapa						X				X		
Hilda Martinha Vieira	X	X									X	X
Osmarina M. Monteiro	X	X		X								

Zenaide Maria de Souza		X		X	X	X				
Inácia Marcelina de Ávila	X	X		X						
Inacio Jovilto Vidal			X				X			
Maria Virginia						X				
Romeu Manoel de Oliveira			X							
Maria Alexandrina Arcenio	X	X		X	X			X	X	
Joaquim Simao Filho	X	X		X						

Fonte: produção da autora, a partir das entrevistas (1985)

Observa-se que das doze (12) festas citadas pelos moradores, nove (09) são festividades diretamente associadas a santos católicos e a outras práticas religiosas ligadas ao mesmo. Sobre a festa do bacalhau, tudo indica que tinha um caráter beneficente com o aval da Igreja para arrecadar alguns fundos, por exemplo, pois Francisco Tomaz Arcênio (1985, p. 19) explica: "tudo pela igreja, e só o ano passado que fizero, fizero a festa do centro comunitário [...], maji não foi o dereito, o dereito é faze pela igreja, então este ano eles vão faze [a festa] pela igreja". A igreja se desenha como local autorizado e seguro a fazer as festas e, as pessoas, de

certa forma, incorporam isso, possivelmente por nascerem envoltos nesse cotidiano pleno de religiosidades. Percebe-se que aquele presente (1985), ainda era permeado de religiosidade, mesmo com as alterações que já se insinuavam. Práticas de cunho religioso, movidas pela fé católica, como àquelas que Cabral (1972) descrevia em Desterro do final do século XIX e que foram apresentadas anteriormente.

Virgilia Mariano se lembra de como eram as festas, associando-as a eventos religiosos ocorridos no bairro:

Ah, as festas... Fa fa, faziam missa di manhã às nove horas, as dez horas, a missa. Di noite, havia a, a, a nuvena, rezavam de capelão, não era como agora não, agora é só rusário, essa coisa [...] rezava aqueles terços, aquela ladainha bunita.[...] (Virgilia Maria Marino, 1985, p. 05) As festas que eu ia era aqui: di São Pedro,i, i, Navegantes, e, i, i, Espirito Santo, havia essas festas e havia nas casas. (Virgilia Maria Marino, 1985, p. 11-12)

Ao falar de festas esta senhora faz uma relação com o passado e o presente em que vivia (1985), ao construir sua narrativa ela coloca o passado positivado em relação ao presente "agora é só rosário". Existe, ainda, a permanência de celebrações religiosas no bairro

naquele momento, mas segundo Virgilia, alterados e com ausência de alguns rituais. A comparação entre o que 'se viveu' e o que 'se vive' marca esta fala e vai ao encontro do que Bosi (1994, p.55) afirma "O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista".

## 3.3 PRÁTICAS DE RELIGIOSIDADE: TERNO DE REIS, FESTA DO DIVINO, DA SANTA CRUZ, NAVEGANTES E SÃO PEDRO

ia acompanhar os ternos de Reis com as namoradas [...]. O terno de Reis é o seguinte, quando era po natal, amanhecia po natal, no dia 6 de Santos Reis [janeiro], folia de Reis, dia seis, Santo Amaro, um 10 com uma gaita, um com uma viola, outro com um cavaquinho [...] então nós era solteiro ia acompanhia pa, junto com as namoradas [...] bebendo quantão, dives em quando se tomava uma pinga também, e levava aquele vidinha assim... (Francisco Tomaz Arcenio, 1985, p. 09)

Quando vinha agora a época de janeiro, sempre tinha terno, terno de Reis né? [...] Quem queria cantar um terno cantava. Chegava de tarde já tavam ensaiando, já tavam nas portas... (Joaquim Simão Filho, 1985, s/p)

Nas falas acima, assim como em todas as analisadas, as festividades no bairro foram diretamente

associadas com as festas religiosas. O terno de Reis, prática religiosa a qual os entrevistados acima comentam, de acordo com Besen (2013, p. 67):

O "Ciclo das festas natalinas" é marcado pelas folias ou "Terno de Reis". Em 1803, Langsdorff percebeu o alegre clima natalino e o descreveu: na véspera dos *Três* Reis fazem uma pequena serenata, com cantos melódicos acompanhados de flautas e guitarras, do namorado à namorada, do amigo ao amigo, de um para o outro.

Mesmo o relato apresentado sendo de 1803, é notável sua atualidade quando associada às falas dos moradores, há assim, ecos de um passado nessa prática religiosa. A prática religiosa de ir de casa em casa acompanhado de outras pessoas, alguns com instrumentos musicais e cantoria, sinaliza para uma tradição em que o sagrado, se entrecruza com o profano, tornando-se este, mais acentuado nas narrativas acima apresentadas.

Sobre esta prática Lucena (1997, p. 410) descreve:

A Folia - que quer dizer dança, folguedo – cultivada no Brasil é de origem ibérica, foi trazida por portugueses, e tem, portanto, quase cinco séculos de tradição. As Folias permanecem mais autentica na zona rural ou

pequenas cidades do interior por todo o Brasil. A folia de Reis é uma tradição oral, passada de geração a geração entre foliões da zona rural.

O fato do Pântano do Sul ter laços com uma cultura ibérica e estar inserido no espaço rural de Florianópolis ajuda a compreender a presença da Folia de Reis - chamada também de Terno de Reis - nas narrativas dos moradores. A questão da cantoria, dos laços de amizade e das possibilidades de namoros expostas por Besen (2013) vão ao encontro das narrativas dos três moradores. Desta forma também é possível pensar para além da religiosidade, ou melhor, que essas práticas religiosas também serviam para os moradores relacionarem-se uns com os outros. Eram espaços de sociabilidades utilizados pela comunidade como forma de aproximação, de intercâmbio entre os moradores. Assim, como aponta Lucena (1997, p. 409) "a festa é o principal setor da vida recreativa, representação do tempo, vivência e experiência de sociabilidade e oportunidade para o exercício de formas de poder".

As narrativas mostram-se marcadas pela questão comum que é a da sociabilidade, muito mais do que pela prática religiosa em si. Não apenas pelo ritual ou

pela devoção aos santos que as pessoas participavam, suas memórias apontam para algo mais amplo. Os moradores remontam o tempo da juventude para falar dessa atividade, insinuando que era algo bastante comum anteriormente a 1985. As narrativas levam para um passado anterior a 1970.

Já a Festa do Divino, que mesmo hoje é realizada no bairro, é citada pela maioria dos entrevistados e sua frequência nos testemunhos deixa transparecer uma mobilização maior para a realização deste evento.

Os estudos voltados à festa do Divino Espírito Santo divergem no que diz respeito a sua procedência. Quanto a essa prática em Santa Catarina, mais especificamente nas regiões litorâneas do Estado, sabese que advém da chegada de madeirenses e açorianos por volta da primeira metade do século XVIII (NUNES, 2000). O culto e louvor ao Divino Espirito Santo foi um traço carregado por essas populações europeias para a América Portuguesa. Dois séculos e meio depois a festa "conserva elementos conteúdos redefinidos e popularmente na sua estrutura organizacional e na sua manifestação" (NUNES, 2000, p. 151).

As festas, em bairros da cidade de Florianópolis ocorrem entre os meses de maio e junho, podendo até adentrar no mês de julho. As datas baseiam-se no calendário litúrgico da Igreja Católica. Conta-se a partir da Páscoa cinquenta dias culminando no domingo de Pentecostes, dia que representa a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Tudo isso, integra o ritual católico.

Embora existam características similares de todas as festas do Divino Espírito Santo em diversos locais do Brasil é importante por em relevo que há em cada festa especificidades pertencentes unicamente a determinado local.

A prática religiosa está ligada à necessidade sacramental, relações vinculada participação entre o natural e o sobrenatural, na ligação entre o cósmico da vida litúrgica e o ritmo do trabalho agrícola e no confronto entre a festa litúrgica e o campo. A festa é uma relação participativa que concilia e coloca em oposição aspectos sagrados e pagãos, lida com os aspectos do conformismo humano e busca consolo na solução dos problemas ligados ao meio físico e rural. Somente a memória pode permitir um tratamento refinado, das sucessivas "celebrações" religiosas; fora isso, correr-se-á o risco das generalizações e tornar tudo igual" (LUCENA, 1997, p 409)

Ter o nome "Festa do Divino Espírito Santo" não significa apresentar todos os aspectos iguais. É importante atentar para o local, o contexto e o grupo que realiza. Recorrer à memória, possibilita, neste caso, contribuições acerca da festa em um determinado local e momento.

A festa do Divino integra a tradição religiosa portuguesa<sup>19</sup>, mas foi institucionalizada pela igreja em 1962, no Pântano do Sul, conforme apontam os registros da igreja do bairro. O morador, Joaquim Simão Filho (1985, s/p) descreve como ocorreu o início a Festa do Divino:

[...] Ele [Seu Manezinho] fez de curiosidade prá mode ser um passarinho. Arranjou um pedaço de cedro e brincando ali, fazendo qualquer coisa, ele fez. Fez e pôs lá dentro da cômoda. Mas adespois não dava prá trazê o Santo pr'aqui: passemo o maió trabaio prá vim a pombinha, prá vim o cetro, prá vim a coroa, pra vim essas coisas... Pessemo o maió trabaio, mas o Alípio e ele [Seu Manezinho] (...). Mas tava perto da festa; como a de ser, meu Deus? Só se for na cidade... lá na Trindade (...) prá eles manda uma bandeira nova. Diz ele assim [Seu Manezinho]: pois lá na cômoda tem uma pombinha que eu fiz lá, de cedro e quem sabe vamos lá vê, quem sabe serve.

A festa do Divino chega ao Brasil no perí

.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> A festa do Divino chega ao Brasil no período da colonização portuguesa.

Ai fomos lá, já tinha a haste da bandeira, já tinha tudo...

Joaquim Simão Filho, busca nos colegas, citando-os para expor a história do início da festa. Há experiências que não são somente do entrevistado, mas de seus colegas, mas são apresentadas a partir das memórias deste homem. Por meio de sua fala compreende-se como "A transferência de símbolos e invenção de ritos passam a ser indicadores da memória do grupo" (LUCENA, 1997, p. 400).

Frisa-se a denominação de ir "cidade", elucidado no capítulo anterior. Os moradores não vivem isolados, eles vão à "cidade", entram em contato com outras pessoas em outros espaços. Mas a identificação permanece com aqueles que vivem o cotidiano e que se olham e se reconhecem. A festa do Divino ajuda e confirmar tudo isso, são aqueles moradores, daquela localidade que respeitam, entendem e acreditam naquele aparentemente simples pombinho de cedro colocado em uma haste.

Outra festa citada é a festa da Santa Cruz, representada por uma cruz "tendo nela fixados os instrumentos da paixão de Jesus" (BESEN, 2013, p.

70). Esta festa também é lembrada pelos moradores. Das doze (12) pessoas, três (03) lembraram-se dessa festa, mas não trouxeram informações ou descrições acerca do evento.

A festa de Navegantes foi lembrada por oito (08) moradores, um desses, Francisco Tomaz Arcênio (1985) que descreveu a procissão marítima realizada. Sublinha-se que a festa de Nossa Senhora dos Navegantes faz parte do calendário religioso do bairro por volta de oito a nove décadas, além disso, o Pântano do Sul é caracterizado por carregar um vínculo com a pesca, sendo muitos de seus moradores pescadores artesanais, logo a figura de Nossa Senhora dos Navegantes, santa protetora daqueles que se lançam ao permeada de significados mar. está para comunidade. E que é confirmada a partir das memórias dos entrevistados.

O Padroeiro da igreja do Pântano do Sul é também bastante lembrado nas falas dos moradores, sendo o total de seis (06), vale citar que "A festa religiosa é um dos momentos mais importantes e significativos da tradição local e as festas dos padroeiros envolvem, inclusive, os acontecimentos mais

importantes da vida individual e comunitária" (LUCENA, 1997, p. 409),

Como salientado acima, o bairro apresenta um número significativo de pescadores, e segundo a igreja católica, São Pedro era pescador, tendo também o papel de padroeiro dos pescadores. Besen (2013, p. 70), explica que esta relação com santos, existe em Florianópolis há muito tempo, e pode ser compreendida em grande medida graças aos luso-açorianos. Para este autor ainda

O "Santoral" do catolicismo açoriano é reduzido e expressa, acima de tudo, as necessidades do quotidiano [...]. Os pescadores invocam São Pedro, forte a invocação de Santo Antonio. Devoção confiante a Senhora Sant'Ana, mãe da Virgem Maria. Seguem: São Sebastião contra a peste e o flagelo [...]

Podem assim, ser compreendidos traços dessas crenças açorianas no Pântano do Sul, mas articuladas as especificidades do grupo que compõe o local.

## 3.4 PARA ALÉM DAS RELIGIOSIDADES: O QUE AS MEMÓRIAS PERMITEM DIZER

Além das festas religiosas, Navegantes, São Pedro e Divino Espírito Santo há outros eventos de porte menor e bastante restritos ao bairro, mas ligados aos aspectos da religiosidade católica. São estes, procissões, rezas coletivas, novenas (realizadas nas casas das pessoas e concluída com um "lanche") e mesmo a prática de benzeduras.

leitura problematizada das entrevistas evidencia um vínculo forte com a religiosidade. Dos doze (12) entrevistados todos deixam transparecer que são católicos, uns dizem categoricamente, já outros, no decorrer da sua fala induzem a isso. Entre as práticas ligadas à religiosidade, encontra-se a benzedura realizada para prevenir, aliviar, curar mau olhado, espinhela/arca quebranto, caída, erisipela, Praticando a "benzedura", atividade não totalmente vinculada aos ritos católicos ditos convencionais e pertencentes aos rituais formais da Igreja Católica, mas com ramificações/ hibridismos com religiões afrobrasileiras e indígena, a moradora Maria Virginia (1985, s/p) sublinha:

Não tive estudo de benzedera, quem me deu foi o criadô. Não aprendi com ninguém, o criadô é que me deu esse dote. Meu benzimento é por dote do criadô. Não tive mestre de benzimento e não sou macumbeira, gosto muito e da religião do criadô.

Sem o entrevistado fazer nenhum comentário ou questionamento, ela busca justificar o que faz. Há uma necessidade de separar sua prática daquilo que ela denomina de "macumba", e, para isso, busca associar ao "criador", possivelmente Deus ou Jesus (figuras da igreja católica) Vale frisar que a prática da benzedura não é restrita as mulheres, como mostra Francisco Tomaz Arcenio (1985, p.19-20)

[...] a benzedura Deus nosso Senhor deixou, porque eu tenho benzido de arca caída, diversas pessoa ai e tenho curado na benzedura da palavra de Deus, isso ai eu tenho curado muita gente do Pântano do Sul [...].macumba não existe, a parte da macumba a va la em casa que eu tiro [...] isso tudo é parte da frescura e tem cachaça no meio [...]. Minha religião é católica toda vida. Eu nasci na católica.

Ambas as falas evidenciam duas coisas, a afirmação de uma prática que emerge da religiosidade

católica e uma negação de laços com o que afirmam ser 'macumba'. A religião a qual Maria Virginia afirma pertencer possivelmente é a Católica, pois ao longo da sua entrevista ela cita seu envolvimento em festas religiosas como de São Sebastião e Santa Catarina, de cunho cristão católico. Ainda é possível observar a preocupação em ressaltar que o que ela faz não é macumba, uma prática com conotações diferenciadas sendo considerada uma atividade ruim e diferente do que ela pratica, "por obra do Criador". Já Francisco Tomaz Arcenio, afirma ser católico. Interessante notar que este homem mesmo dizendo que não acredita em 'macumba', fala sobre, como uma forma de justificar que o que faz é diferente. Pode-se presumir que ambos afirmam sua prática, a benzedura, mas parecem ter a necessidade de justificar o que fazem como um ritual católico para que não sejam associados à outra prática, na qual eles denominam de macumba.

No trabalho Intitulado "Monografia de Pântano do Sul (distrito do município de Florianópolis") (SCHÜILER SOBRINHO; et al, 1963), os pesquisadores sinalizavam sobre a presença marcante da Igreja Católica no bairro, verificando que, "A

religião dominante é a Católica, [...] Existe na localidade uma Igreja, e a população na sua totalidade frequenta a mesma. A macumba, embora conhecida não é mantida". (SCHÜILER SOBRINHO; et al, 1963, p. 30).

Logo, ao ligar as falas dos moradores com esta citação, percebe-se uma permanência desta religião na vida dos moradores, bem como os receios de serem associados ao que chamam de macumba, práticas oriundas das populações afrodescendentes. Considerase, assim, que de 1963 (ano da pesquisa) até 1985 (ano das entrevistas) a religião católica permanece como religião predominante do bairro, mesmo com as mudanças estruturais e culturais ocorridas no decorrer desses anos.

Um registro importante a pontuar é o fato de que, quando questionados se praticam benzedura ou se conhecem alguém no bairro que pratica, eles afirmam que no bairro, naquele presente (1985), havia poucos benzedores. O ofício que, segundo os entrevistados, era passado de pai/mãe para filho/filha, ou tios e tias. A distância geográfica da "cidade", a ausência de postos médicos o pouco dinheiro, podem ser os motivos para

que a benzedura existisse por tanto tempo e sua prática fosse incentivada entre as famílias.

Há críticas por parte dos moradores de que os mais jovens não querem saber de tal prática. As falas fornecem indícios de que o possível afastamento dos mais jovens seja em razão da sua aproximação com a parte urbana e mais moderna de Florianópolis e a busca de novas perspectivas de vida que já não são mais aquelas vividas por seus parentes. O passado, aos poucos, não é mais exemplar. A presença de um posto de saúde no bairro também é outro ponto a ser levado em conta. Se antes a prática da benzedura era, muitas vezes, o primeiro e único recurso de cura dos moradores, agora há a possibilidade de ir ao posto e curar-se com o médico, este "sinal de civilidade de modernidade ao passo que essa [a benzedura] será considerada atitudes incivilizadas. atrasadas. ignorantes" (MARTINS, 2009, p.23). Em especial a partir da década de 1970, vê-se um afrouxamento das práticas religiosas entre os moradores e com novos hábitos reinventam seu cotidiano, porém não significa dizer que apagam por completo o seu passado.

Esses vestígios orais comportam pontos em comum que conectam os moradores do Pântano do Sul: um bairro carregado de religiosidades. O traço escrito das palavras ditas por esses moradores evidencia não somente as festas existentes no bairro, mas sim o elo que liga os moradores à igreja e à religião. A religiosidade acaba por exercer um efeito de união e sociabilidade; isso, segundo Miranda (2004), remonta à época do período colonial e, tanto no rural como no urbano, ainda existem estes traços, mesmo que sejam grandes os impactos da modernidade.

Interessante perceber que ao comentar das festas, em sua maioria religiosa, como até aqui observado, moradores não necessariamente OS relembram, ou melhor, falam apenas da fé, mas de que se associam às práticas de outras coisas religiosidades, como os encontros e os objetos utilizados que funcionam como exemplos significativos de como aconteceu a incidência daquelas reuniões festivas no cotidiano das pessoas. Há a presença do sagrado e do profano. Existe a presença marcante da religião católica na vida dos moradores, ao mesmo tempo não se limita a isso, os homens e mulheres vivem suas vidas, vão às festas religiosas, mas divertem-se, namoram, socializam e brincam. Na memória dos moradores as festas eram o momento de diversão, de encontrar amigos, o momento em que podiam sair sem a vigilância dos pais, dançar nos bailes promovidos, brincar e de fugir para namorar. A festa marca, assim, um espaço de sociabilidade, esta entendida como uma organização "em torno de uma sensibilidade (...) cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver" (SIRINELLI, 2003, p. 248).

A leitura e problematização das entrevistas permitem afirmar laços invisíveis entre os moradores. Muitos foram os aspectos que ajudaram a construir uma imagem do bairro. É importante sublinhar que

Muitos nasceram e edificaram suas vidas e suas identidades naquele e com aquele ambiente. São lugares porque estão repletos de sentidos, de memórias, de vidas. São lugares porque podemos encontrar fortemente o sentimento profundo de identificação, familiaridade, proteção, singularidade, pertença (ANDRADE, 2011, p. 99).

Nota-se que a religiosidade é um aglutinador do bairro, ou seja, as rezas, missas, novenas, festas para santos, benzeduras, etc., são pontos que conectam todos os moradores criando vínculos entre eles e que está no dia-a-dia. Logo, a religiosidade que caracteriza o bairro e contribui para pensar sobre ele. Por compreender a importância e a valorização por parte dos moradores, bem como a preocupação para o apagamento desse traço, é que se torna necessário um olhar sensível que busque não congelar o bairro e suas especificidades, mas que valorize o que um dia existiu e aquilo que um dia vai deixar de existir.

É possível afirmar que a compreensão desses vestígios orais

abrem para um deciframento possível das maneiras de pensar, de imaginar, de ver das pessoas do povo, ao mesmo tempo que as formas de sociabilidade e de comportamentos civis e políticos. O observatório social autorizado por essas falas, [...] dá uma visão do campo desconhecido das relações cotidianas entre homens e mulheres, pais e filhos, dos papeis desempenhados por uns e outros em todas as circunstancias. (FARGE, 2011, p.62)

Farge mostra a importância da fala – um documento como outro qualquer – para a construção da história. Para a historiadora o trabalho com esse tipo de documento ainda causa "surpresa e desordem no

espírito do historiador, pois a ordem das palavras não está forçosamente do lado da linearidade e da estrutura lisa" (FARGE, 2011, p. 63). Ou seja, o historiador passa a ter que se aprofundar nas falas, buscar outros caminhos, sair de um conforto, onde a história é lisa, sem intempéries e organizada para construir seu trabalho.

Para exemplificar, ao falar, o entrevistado, não necessariamente discorre de forma cronológica "Eu nasci, brinquei, fui a escola, casei...", ele faz um "vai e vem", retoma coisas, não lembra o momento certo em que aconteceram, pula outras que não vê importância ou não gosta de falar. Não significa dizer que esta fonte tenha mais falhas, todos os materiais que chegam às mãos do historiador e adquirem o status de fonte, por problematização, possuem meio da ausências. incertezas, não há nenhuma fonte melhor que a outra, todas possuem suas possibilidades e limitações. Cabe ao historiador ficar atento a tudo isso e saber questionar as falas amparando-se na teoria, pois é por meio dela que se detectam alguns esquecimentos. Mas o trabalho com esse tipo de fonte também é enriquecedor, pois

aproxima o historiador do modo como as pessoas entendem, ou não, sobre o que ocorre ao seu redor.

Além do vínculo religioso evidenciado nas transcrições das falas dos moradores, observou-se algo bastante característico e que só é possível compreender de forma aprofundada se ampliar o estudo do Pântano do Sul para a cidade de Florianópolis. Datadas de 1985, as entrevistas carregam marcas desse tempo, sinais como as folhas amarelecidas, meio rasgadas, amassadas e com as letras meio apagadas. Como comentado, as memórias são construídas no presente, sabe-se que há uma articulação com o passado, mas a montagem da memória é a partir do presente. Um presente este de crescimento, de novos rostos e novos hábitos e experiências atravessando a ponte rumo à ilha.

Imersos nessas transformações, os moradores, carregam em suas falas algumas mudanças sentidas por eles, sendo elas o afastamento do trabalho na pesca, agricultura e renda de bilro em relação às novas gerações. O então momento em que viviam trouxe novos contornos, muitas vezes dividindo a opinião dos moradores, uns criticando o crescimento do bairro e outros elogiando.

Era mais difícil, mas era melhó, porque era tudo muito barato, agora, meu filho, tem muito ganho, mas está tudo muito caro. Quem que pode aguentar? (Maria Virginia,1985, s/p)

O nosso lugar agora tá muito aumentado, ô minha filha. Tá muito aumentado, muito. É uma cidade! [...]. Porque todas as casa aí, todas de muro, tudo casa nova... (Hilda Martinha Vieira,1985, s/p).

Agora tá melhó. De todos os casos, agora tá melhó. Que ai você tem quarquer coisa num instantinho você vai a Florianópolis, trata o negócio em uma hora e já vorta. Né? Aí não tem problema [...]. sobre esse negócio de turista assim, [...] é... a gente não entende como é são essa gente. Eu não entendo [...]. Vem pra cá como turista, fica aí abandonado, dormindo em cômodo em barraca, sei lá como fôr. (Romeu Manoel de Oliveira, 1985, s/p)

A mudança é sentida por cada um de uma forma, mas é certo que traz estranhamento aos moradores, e eles recorrem ao passado para relacionar com o presente vivido. Se antes viviam em um local onde se conheciam, mantinham estilos de vida próximos, agora, passam a conviver com novos rostos, novos hábitos e experiências. Ressalta-se o que diz Hilda Martinha Vieira, "todas as casas aí, todas de muro", ou seja, a relação com o espaço modificou-se e é estranhada por aqueles que viviam no bairro. A casa cercada com muro

é uma expressão do individualismo que passa a existir não apenas no Pântano do Sul, mas em outras localidades de Florianópolis.

É sintomático na fala dos moradores o estranhamento de alguns modos de vida desses visitantes, muitas vezes denominados como os "de fora". Por mais divergências existentes entre os moradores nascidos em Florianópolis, havia símbolos consensuais bastante marcantes e não contestados.

Os moradores possuem embates com visitantes e novos moradores, ao mesmo tempo que veem como positivo a chegada de ônibus, o asfaltamento da ligação centro-bairro, a construção de um posto de saúde e a possibilidade de novos empregos para além da pesca. Eles notam que esses benefícios estavam afetando a geração de seus filhos e netas, pois, os afastam das práticas antes comuns a todos. Pescar, fazer renda, benzer, casar, rezar e festar, eram as ações de quase todos os moradores, ainda, tudo permanecia no perímetro do bairro. E isso, corrobora para compreender o motivo para chamarem o centro de "cidade", como explicitado no capítulo anterior.

evidências aqui As mostradas permitem conjecturar que até o início da década de 1960 as noções de passado, presente e futuro estavam muito próximos, a vida era construída no bairro, ou o mais próximo dele, indo para os bairros vizinhos. As décadas de 1960 e 1970, são sintomáticas para o bairro. Como posto no capítulo anterior, essas décadas trazem muitas mudanças no bairro e o aproximam da "cidade". Aqueles que não se sentiam integrados a parte central de Florianópolis, agora começam a viver mais a cidade, em especial as novas gerações que rompem com um regime de historicidade que olhava muito mais para o passado e para as experiências de seus pais e avós, agora, percebem seu presente adquirindo um novo caminho mais afastado e criando novas expectativas.

O que marca os moradores são as ressonâncias dessa modernização, o receio do diferente, do desconhecido e acima de tudo, daqueles que não compartilham os mesmos hábitos e as mesmas experiências. Aqueles que mantêm outro olhar perante o bairro e as pessoas que ali vivem.

Juntamente às questões ligadas à religiosidade, é possível visualizar como o crescimento populacional e

as mudanças estruturais na cidade de Florianópolis ecoaram no Pântano do Sul. Os moradores passaram a conviver com outros os "estranhos" e a experimentar outros ritmos, possivelmente mais acelerados do que aqueles que viviam. Pode-se aferir que a partir de todos esses acontecimentos, o Pântano do Sul passou a ter uma nova relação com o tempo e cada vez mais aproximou-se do que Hartog (2013) o que diagnosticou e denominou de *presentismo*, "O presente único: o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo" (HARTOG, 2013, p. 11), na qual passado e presente estão cada vez mais afastados enquanto que o presente se torna um presente estendido.

Dado esse possível sintoma de uma nova relação com o tempo, amplia-se as possibilidades de estudos sobre o Pântano do Sul, novos questionamentos passam a emergir e o historiador do tempo presente deve estar atento.

É conveniente trazer à luz tudo isso, de como viam aquelas mudanças que estavam ocorrendo às expectativas sobre o futuro, naquele presente. Aparentam estar assustados com o que viam e experimentavam, para alguns, muitas coisas boas,

melhoraram, em comparação com o passado. Para outros era negativo, muitas pessoas novas "destruindo as tradições". Vendo como positivo ou negativo, ambos estavam experimentando o estranho, o desconhecido. As suas vidas até aquele momento, as vidas de seus pais, não tiveram essas vivências, e por isso os seus horizontes de expectativas estavam incertos, criando inseguranças e esperanças para cada morador.

Afinal, como está o Pântano do Sul hoje? As experiências de outrora ainda combinam com o hoje das pessoas? O bairro mudou, conforme os receios dos moradores entrevistados em 1985? E a religião ainda está presente no cotidiano? Como se comportam os jovens perante a isso? Quais suas expectativas presentes e futuras com relação ao bairro?

Tais questionamentos são postos no seguinte capítulo, onde serão analisadas oito (08) entrevistas, quatro (04) de idosos, quatro (04) de jovens e uma da representante da igreja católica do bairro.

Até aqui nota-se que "ocorre que essas religiosidades, em sua essência, pouco tem de comum com o discurso católico" (MARTINS, 2009, p. 83) e

muito tem do que conta Machado de Assis diz sobre o cotidiano religioso:

A fazenda tem capela, onde um padre dizia missa aos domingos e confessava pela quaresma. Também eu conheci esse costume em pequeno, e ainda me lembra que na, quaresma, eu e outros rapazes íamos escondernos do confessor embaixo das camas ou nos desvãos da casa. Já então confundíamos as práticas religiosas com as canseiras da vida e fugíamos delas. (ASSIS, Machado, 2013, p. 58)

## 4 ESCUTAR E PESQUISAR *OS PRÓXIMOS:* VESTÍGIOS DO PASSADO EM UM TEMPO PRESENTE

Escutei lamúrias, elogios, fofocas, músicas, benzeduras e até descobri parentescos. Sentar com cada pessoa e conversar foi instigante, divertido e engrandecedor.

posição de historiadora, encontrar as entrevistas transcritas de 1985 foi enriquecedor, já como moradora foi interessante ler as memórias daqueles que também moraram/moram no mesmo lugar que eu e que estavam a narrar um período do bairro no qual eu nem era nascida. Conforme colocado desde o início do trabalho, as entrevistas em minhas mãos eram somente transcritas, datadas de 1985 e produzidas por outras pessoas, até aqui não havia entrado em contato direto com os *próximos*. Mas foi graças às entrevistas de 1985 que as novas foram pensadas, com o propósito de visualizar como hoje se encontra o tema da religiosidade no bairro, o que mudou ou permaneceu, como está o hoje, após as alterações marcantes iniciadas em 1970 em Florianópolis explanadas no primeiro

capítulo. Aquele bairro com um perfil religioso observado nas entrevistas de 1985, como se encontra hoje? Que traços permanecem e quais findaram?

Convém sublinhar, novamente, a necessidade de cuidados com a utilização das entrevistas, ainda mais neste caso em que o historiador está envolvido diretamente com os pesquisados, integrando o próprio grupo. Farge (2011) chama a atenção para os cuidados metodológicos no trabalho com esses objetos, é fundamental não tornar a palavra pronunciada por cada pessoa como algo exótico. Já é sabido que a fala é uma grande colaboradora para a história, mas para isso é necessário problematizá-la, como qualquer outro documento utilizado em uma pesquisa.

Estas asperezas singulares só ganham sentido se o historiador toma o cuidado de articulá-las incessantemente aos grupos sociais e aos acontecimentos coletivos de que são sob formas. [...]. dependentes múltiplas Encontramo-nos, então, longe do perigo já citado, de que o historiador acumule singularidades para construir esmigalhado, incapaz de sentido, e, portanto, de verdadeiro conceito de alteridade. (FARGE, p.64)

O historiador ao escutar as pessoas vai esbarrar constantemente no perigo do exótico, perigo que acompanhou toda a produção do presente trabalho, mas é a partir deste encontro que é necessário realizar o desvio do exótico, com a problematização de cada fala, compreendendo, antes de tudo, que apesar da proximidade com essas pessoas e a importância do que cada uma conta, são documentos e deve haver cuidados metodológicos para o trato com estes.

Todas as entrevistas ocorreram no Pântano do Sul, algumas nas casas dos entrevistados, outras na minha própria casa. Quando foi solicitada a entrevista, cada um escolheu onde gostaria de fazer, além disso, todos assinaram a autorização da entrevista e da gravação da mesma, conforme as regras relativas ao uso deste procedimento.

O teor das entrevistas foi previamente informado, bem como o motivo do trabalho e a instituição a que este estava vinculado. A escolha das pessoas foi de forma aleatória, todos acima de dezoito (18) anos. Foram totalizadas nove (09) entrevistas, divididas em quatro (04) jovens entre dezoito (18) a vinte cinco (25) anos e outro grupo de quatro (04)

pessoas entre sessenta (60) a noventa e um (91) anos. A nona pessoa entrevistada foi a coordenadora da igreja Capela de São Pedro que tem 57 anos.

As perguntas de cada grupo foram de forma semiestruturada<sup>20</sup>, ou seja, com um roteiro pronto, mas ao longo de cada entrevista outras perguntas foram acrescentadas a partir das respostas de cada um. Logo, apesar de haver um questionário pronto, pode-se dizer que as entrevistas não foram gessadas, elas tiveram outros questionamentos, conforme cada fala.

Antes mesmo de analisar as memórias de cada morador um aspecto merece algumas considerações. O tempo de duração das entrevistas variava conforme o grupo, enquanto os mais jovens concluíam suas falas em no máximo treze (13) minutos, os mais velhos ficaram na média de trinta (30) minutos. Pode parecer insignificante tal observação, mas como pesquisou Bosi em sua obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994), trabalho no qual realiza entrevistas com pessoas mais velhas, esses velhos, considerados pela sociedade capitalista como inúteis, possuem uma função social: lembrar. Para Bosi (1994), na velhice a

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Os modelos dos questionários encontram-se nos Anexos.

de maneira memória é construída diferente da juventude, pois não estão mais inseridos na correria do cotidiano repleto de cobranças, estes senhores rememoram de maneira a avaliar todas as fases que por eles já foram vividas. Rememorar para eles não é um momento de descanso, nessa fase da vida os indivíduos se ocupam "consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida" (BOSI, 1994, p. 60). Entrevistar uma pessoa mais velha tem um significado diferente e fundamental, pois eles trazem uma bagagem de informações arraigadas da memória de seu grupo, e veem suas memórias a partir de toda sua vivência.

As considerações de Bosi (1994) ajudam a compreender, ou pelo menos a pensar sobre a diferença no tempo das entrevistas entre esses dois grupos. É certo que a forma com que falavam os mais velhos, os exemplos dados e os *causos* contados apontam para uma maneira de lidar com as lembranças de uma ou outra forma. Olhar para o passado com certa nostalgia, comparar passado "naquela época" e presente "hoje em dia", são característicos daqueles que já experimentaram muitas coisas e que estão conscientes

do seu passado. Nota-se que os mais novos estão envolvidos na aceleração da história, um tempo mais rápido, mais intenso, já os mais velhos parecem mais afastados dessa aceleração, não estão imersos por completo nesse tempo mais instantâneo. Os mais jovens, mais sucintos, mais tímidos e se apresentam cheios de pressa em concluir suas memórias e opiniões. O trabalho da memória também ocorre – não se nega – mas a forma de lidar, de contar e se relacionar com o passado é completamente distinta. É certo que a relação passado-presente é diversa entre os mais jovens, pois, comparados àqueles que possuem mais de sessenta (60), pouco foi vivido e visto, então, as reflexões sobre o passado são menores. É como se o passado e o presente estivessem muito próximos e misturados demais para discerni-los. Já o oposto ocorre com os mais velhos, em que o passado se encontra mais afastado do presente, permitindo um olhar mais apurado, mais sensível, avaliando melhor as fases vividas, como explicitado por Bosi.

Assim, como a forma de lidar com o passado, ambos os jovens e os mais velhos insinuam para uma relação diferente com o bairro e o mesmo pode-se dizer sobre o contato com a igreja e a religiosidade popular. Por tanto, este terceiro capítulo busca atentar para esses apontamentos, utilizando-se de entrevistas feitas por esta pesquisadora, a partir de roteiros pré-estabelecidos e realizadas em 2014 e início de 2015.

Se no capítulo anterior procurou-se compreender as relações dos moradores com o bairro com foco na religiosidade popular em 1985, intenta-se agora compreender quais permanências e rupturas se observam hoje entre os moradores, como olham para o passado – um dia presente – e como observam seu presente.

Abaixo, é possível visualizar algumas informações sobre os entrevistados e que contribuem para pensar traços comuns entre os dois grupos.

Quadro 4: Perfil dos entrevistados 2014 e 2015

Nome	Idade	Profissão/ocupa	Religião
	(anos)	ção	
Arlete	57	Aposentada/ atual	Católica
Gasparina		coordenadora da	
Ramos		Igreja	
Raupp			
Débora	24	Professora	Católica
Regina			(não
Arcênio			praticante)
Elmir	66	Aposentado	Católico
Elpidio			
Correia			
Ema	73	Aposentada	Católica
Juscelina			
Martins			
Lincoln	19	Funcionário	Católico
Osvanir		público	
Verginio da			
Silva			
M <sup>a</sup> da	91	Aposentada	Católica
Conceição			
e Silva			
Mariana	21	Professora/	Católica
Mariano		estudante	(não
Martins			praticante)
Vitor Hugo	18	Estudante	Católico
Oscar			
Odina	88	Aposentada	Católica
Maria			
Martins			

Fonte: criação da própria autora com base nas entrevistas de 2014/2015

A escolha dos entrevistados ocorreu de forma aleatória, no entanto, ao montar o quadro 4 para conhecer um pouco do perfil dos entrevistados notou-se

que todos se consideram católicos, uns praticantes, outros não. Entre os mais velhos todos afirmam ser praticantes, participam da igreja, vão às missas e outros eventos religiosos, já os mais jovens, dois (02), dizem participar ativamente da igreja (missa, grupo jovem, ministério de música), já outros dois (02) se colocam como católicos, mas afastados de atividades religiosas regulares. Contudo, todos os jovens afirmam ser batizados, terem feito a primeira eucaristia e recebido o sacramento da crisma e informaram que, quando crianças, participavam ativamente das atividades religiosas. Também vale frisar que todos os jovens trabalham e/ou estudam fora do bairro, ou seja, circulam em outros espaços constantemente.

Um aspecto que merece atenção é o fato de que alguns sobrenomes são iguais aos dos entrevistados de 1985, destes alguns não apresentam parentescos, como é o caso do sobrenome Arcênio. Já o sobrenome Mariano possui parentesco, Virgilia Maria Mariano (entrevista de 1985) é bisavó de Marina Mariano Martins. Já as duas senhoras entrevistadas no presente,

Odina Maria Martins<sup>21</sup> e Ema Juscelina Martins, apesar do mesmo sobrenome não possuem parentesco. Como já explicitado nos capítulos anteriores, por muito tempo os moradores permaneceram restritos àquele espaço, ou seja, trabalhavam, divertiam-se e construíam família ali, desta forma os laços de parentescos tornavam-se constantes, ainda hoje é comum encontrar muito disso no bairro. Ao entrevistar, por exemplo, dona Maria da Conceição e Silva, ela comentou que existia um parentesco entre a entrevistadora/autora e ela. Os laços parentais são bastante complexos, mas conhecidos, em especial pelos mais velhos.

O quadro 4 foi, portanto, construída para delinear o perfil dos moradores a partir da fala de cada um, o objetivo aproximar o leitor dos entrevistados e de suas memórias. Para analisar as entrevistas foi empregada a metodologia da história oral no uso das entrevistas. Autores como Ricoeur (2007), Ferreira (2000), Joutard (2007), entre outros, novamente serão empregados nas discussões e a abordagem mantém-se na história do tempo presente.

-

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Odina Maria Martins é vó da pesquisadora, buscou-se manter a mesma vigilância para entrevistar e investigar suas memórias.

Antes de adentrar na religiosidade popular no bairro, por meio das entrevistas, observou-se a necessidade de discutir sobre a tênue linha do rural e urbano no bairro, marcado nas falas dos moradores.

## 4.1 MODOS DE VIVER E PENSAR RURAIS OU URBANOS?

Dia vinte e cinco (25) de março de dois mil e quinze (2015) às dezesseis (16) horas, o ônibus "Pântano do Sul" (sentido centro-bairro) faz sua parada e desembarcam quatro pessoas, três jovens e uma senhora de aproximadamente cinquenta (50) anos. Dos três (3) jovens, dois estavam com fones de ouvido (possivelmente escutando música) e com roupas pretas, um estilo parecido com o de roqueiro. Já o terceiro jovem saiu do ônibus mexendo no celular de cabeça baixa, com uniforme escolar e de boné da famosa marca *Nike*. A única mulher que desceu apresentava uniforme de uma empresa terceirizada, possivelmente chegava do trabalho. Os quatro seguiram pela Rua Abelardo Otacílio Gomes, a "rua geral", onde nela estavam duas

senhoras conversando, uma dentro do muro da casa e a outra sentada no meio fio de frente para este muro.

A cena não é meramente ilustrativa, descrever este momento do bairro significa expor a convivência do rural e do urbano, dos traços de um passado interagindo no presente. Os jovens e sua interação com a 'cidade', com a moda, com as tecnologias e a linguagem proporcionadas por esse mundo mais urbano e mais individual. E os mais velhos carregando traços do rural e sendo atravessados pelo mundo do urbano.

A coexistência do rural e urbano, não é especifica ao bairro do Pântano do Sul, muitos outros bairros pelo Brasil apresentavam/apresentam cenário como descrito acima, inclusive em Florianópolis, o rural foi se afunilando e perdendo espaço com o passar do tempo. Por isso a necessidade de compreender o Pântano do Sul, estudar os traços de um passado, de um modo rural de viver juntamente com um presente urbano interligado com o mundo foi uma das motivações para este estudo.

Essa interação entre rural e urbano também motivou Coelho (2006), que produziu a dissertação Ribeirinhos urbanos: modos de vida e representações

sociais dos moradores do Puraquequara, localizado na cidade de Manaus. Quando fala da vida deste local ela apresenta muitos pontos que podem ser estendidos para o Pântano do Sul:

Ainda é muito presente a figura do pescador, do homem que extrai da água o seu sustento. Por outro lado, há pessoas que exercem atividades tipicamente urbanas – comerciários, industriários, funcionários públicos etc –, ou seja, por exercerem atividades ligadas à cidade, passam a ter um vínculo menos estreito com o mundo rural. (COELHO, 2006, p. 71)

Ou seja, a relação do rural e urbano se acha espalhado pelo Brasil, um país que por muito tempo permaneceu marcado pelo rural e que aos poucos foi adquirindo traços mais modernos. Interessante pensar que o trabalho da pesca e a renda, no caso de alguns bairros de Florianópolis, ajudam a manter vivos os laços entre os moradores, como bem ressalta Lago (1996, p. 103) sobre a pesca artesanal em Florianópolis "o conhecimento do mar, do tempo, das espécies de pescado e de seu comportamento" entre outros fatores ajudaram a desenvolver uma identidade cultural do pescador.

Assim como notado por Coelho em Puraquequara, a atividades mais rurais e urbanas no Pântano do Sul se cruzam. E contribuem para esse perfil de um bairro que transita entre esses dois adjetivos. Para Falcão (2010, p. 255):

Caberia pensar as cidades contemporâneas, em virtude daquelas presenças, não como teatro de um passadismo exótico cultivado com devoção, nem como local de permanência obstinada de signos de outrora deveras incômodos para muitos citadinos, mas como um amalgama entre sobrevivência, ruína e inovação em constante mudança.

Partindo deste comentário é que se busca compreender o Pântano do Sul no presente e de certa forma a cidade que o abriga. Para tanto, "uma forma de analisar as transformações que se processam num meio social em determinado tempo, é a de estabelecer comparação entre as condições de vida de suas populações, através da sucessão de gerações" (LAGO, 1996, p. 108). Escutar gerações distintas, com experiências mais afastadas e pesquisar essas duas gerações e conectá-las com aqueles moradores de 1985 e suas percepções tornaram-se o mote deste capítulo.

Nas entrevistas, os mais jovens foram interrogados sobre o que gostam e o que não gostam e dos pontos positivos e negativos do Pântano do Sul,

O que ele tem de ruim é por ser longe, ser longe das coisas. E por não ter.... e por ter grande dificuldade de acesso. Por exemplo, eu não acredito que seja tão difícil trazer uma farmácia, uma praça, ou alguma coisa pra cá. Parece que a urbanização chega até certo ponto e para. Não avança, não chega próximo, não vem pra cá. Não é construído nada, não é construído nenhum centro de alguma coisa, nada. Então eu acho que isso é um ponto bem negativo. Eu não sei se é sei lá, porque o povo não quer que cresça. (Marina Mariano Martins, 2014, p. 1, 21 anos)

O que eu mais gosto é a praia. Eu adoro a praia. O que eu menos gosto... eu acho que é porque a nossa comunidade tá um pouco desprezada, assim né... A gente não tem muitas opções para as crianças e jovens. É uma comunidade um pouco parada. [...]

Longe de tudo [Pântano do Sul], longe pra ti ir ao centro pagar uma conta, longe pra ti ir ao banco pegar um dinheiro, ir a uma lotérica, longe de tudo... (Débora Regina Arcênio, 2014, p. 1, 24 anos)

Ambas as entrevistadas apontam para a falta de locais mais dinâmicos, mais urbanizados, que possivelmente 'agitariam' o bairro. Todos os quatro jovens afirmam que estudam/ estudaram e ou trabalham

fora do bairro, ou seja, interagem com outras pessoas, conhecem novos lugares que acabam por interferir no modo de pensar e viver o Pântano do Sul. Além disso, é interessante pontuar que todos os quatro afirmam que a distância acentuada do bairro das localidades mais urbanas (centro, bairros universitários) é um ponto negativo. Mas pode-se pensar que a preocupação destes jovens é a distância geográfica de ambientes urbanizados, da ausência de espaços mais eficientes. Estes jovens sentem falta daquilo que experimentam fora do bairro.

Outro assunto em comum nas falas é sobre a perspectiva de morar no bairro, que segundo eles é pouca. A justificativa não está em não gostarem do bairro, mas em razão da distância: "Aqui em Floripa não tem muito mercado [de trabalho] pra ir. E viver aqui no Pântano também não, porque é muito contramão e muito longe de tudo" (Vitor Hugo Oscar, 2014, p. 02, 19 anos). Novamente a distância de ambientes mais dinâmicos torna-se o motivo maior.

Ao mesmo tempo em que não gostam dessas ausências no bairro, esses jovens trazem outro apontamento bastante instigante e controverso. Se estar

longe de *shoppings*, universidade, posto de gasolina, casas noturnas é algo negativo do Pântano do Sul, a tranquilidade e proximidade entre as pessoas ofertada pelo bairro vêm a surgir nas falas como um ponto positivo.

O que eu mais gosto? Eu acho que... eu acho que é mais esse clima meio... meio de bairro mesmo, sabe? Bairro pequeno, que todo conversa, todo mundo chega e da "oi", que conhece todo mundo, uma coisa que é bom assim... eu acho que é bom. (Lincoln Osvanir Verginio da Silva, 2014, p. 01, 21 anos)

De bom eu acho que a comunidade em si, ela é acolhedora. Né? Assim, tu mora aqui tu precisas de ajuda de alguém do lado, alguém vai te ajudar. Eu acho que isso é muito bom. De repente em outros lugares que são maiores tu não vais ter tanto essa afinidade [...]tu passas na rua: "oi tudo bom, bom dia, quanto tempo", isso tem né? E tu vê em outros bairros não tem isso. Eu acho que isso é de bom, positivo pra nossa comunidade.

É provável que o bairro mantenha essa característica, vista como positiva, devido a essa ausência do urbano, ou da escassa presença de aspectos urbanos que tanto os jovens criticam e anseiam para o bairro. O que gostam de lá é essa marca do rural, a proximidade entre as pessoas, aquilo que, de certo modo, a distância geográfica da "cidade" ajudou

construir e manter. Esses vínculos entre as pessoas evidenciam um modo de viver tipicamente rural, traços do passado que se entrelaçam com o presente com outras formas de pensar e de viver.

Nas áreas rurais, explicam os autores, existe uma maior integração entre os sujeitos sociais, que, por considerando se tratarem populações menos volumosas e as áreas sejam menos densamente povoadas, torna-se compreensível que o morador rural tenha contato com um número menor de pessoas que um urbanita. No entanto, as relações que este sujeito firma na área rural se dão face a face, são diretas, afetivas, palpáveis, reais, pessoais, íntimas, sólidas, sem anonimato, pois as pessoas se conhecem pelo nome (COELHO, p. 150).

Por mais críticas que tenham ao bairro, por mais envolvidos em outra dinâmica e encantados por esta, eles mantêm ligações com o local onde nasceram, pois integram o bairro, possuem identificações com as pessoas que vivem no Pântano do Sul.

Mas esses jovens estão cientes de que essa proximidade entre muitos moradores também gera um controle, uma vigilância e que o bairro também paga o preço desses laços solidários entre os moradores. Vitor Hugo transparece isso na entrevista, inicialmente afirma:

Justamente por ter ficado parado um pouco no tempo acho que... isso é muito da antiguidade. Se tu moras em um apartamento, as vezes em um prédio provavelmente tu não conheces a pessoa do andar de baixo, conhece teu vizinho ali, mas ... tu não fala com as outras pessoas. Aqui com essa tradição de antigamente de falar das outras pessoas de querer saber da vida alheia (risos)

Em seguida faz outra observação sobre o mesmo assunto:

Eu tinha falado antes da tradição, que veio de antes era um ponto bom, né? mas eu também acho que o Pântano ter parado no tempo e eu acho que isso não vai ser mudado tão, tão facilmente assim. De infraestrutura e também da mentalidade das pessoas. A tradição e boa, festa do divino, essas coisas todas...da pesca e tal que uma tradição que já vem há muito tempo, mas eu acho que a mentalidade das pessoas aqui é ainda um pouco antiga, sabe... muito conservadores, muito... sei lá...[...] tem um ponto que a tradição é boa, que antigamente era bom, mas tem um limite. Tem hora que a gente precisa mudar

Entre coisas positivas e negativas esses jovens acabam por corroborar para a construção do perfil do bairro no presente, e ainda, a compreender como as novas gerações se relacionam com o bairro.

Esses laços de solidariedade e sociabilidade citados pelos jovens também são encontrados nas falas dos moradores mais velhos, mas diferentemente daqueles, todos apontam como sendo um ponto positivo, mas que hoje não é tão intenso, haja vista o crescimento do bairro. Para Ema Martins (2015, p.01) o bairro era antes "bem mais calmo" e hoje "muito aumentado, falta muita coisa, mas tá muito avançado tem muita gente de fora, tem muita gente que não presta.". Maria da Conceição e Silva é partidária da mesma opinião:

Tem muita gente de fora agora... Mas quer dizer que o Pântano do Sul ainda tá um lugar que é calmo, ne?, Tá bom de se viver, né? em vista daí que é só morte é só estupro, só roubo Tá bom de se viver, né? [...] gosto daqui porque é um sossego e por ai é perigoso (Maria da Conceição e Silva, 2014, p. 01)

O "gente de fora" para essas senhoras significa a presença de pessoas de outras localidades fora de Florianópolis e na grande maioria que possuem outro modo de vida. Para Fantin (2000, p. 36), "se pararmos para escutar qualquer cidadão ilhéu que viveu esta cidade antes e depois da chegada dos novos moradores,

perceberemos que este [gente de fora] é o que tem das suas falas e sentimentos".

Não se pode deixar passar essa denominação "de fora", que por muitas vezes aparece nas entrevistas (de 1985 e 2014/2015) e também entre muitas pessoas residentes de Florianópolis. De certa forma, quando os entrevistados – todos "nativos" – comentam sobre as mudanças do Pântano do Sul, eles estão inclinados a incluir a chegada dessas pessoas "de fora" e não aparentam olhar com positividade para esses novos moradores, mas não que os tratem mal, a questão é que se o bairro tem problemas com segurança, estrutura, por exemplo, a culpa tende a cair em cima dessas pessoas que vêm "de fora", como pode ser observado na fala das moradoras de forma suave, mas ainda visível.

Apesar do crescimento notado pelos os moradores mais velhos, todos ainda apontam para um bairro tranquilo (sempre em comparação com outras localidades de Florianópolis).

Olha, o bairro hoje, é assim pelo o que eu conheço o bairro, o bairro continua bom ainda. É uma das poucas localidades que a gente ainda eu nós temos aqui na ilha que ainda dá pra se viver, mas faltou muita coisa, né? Existia até brincadeira para adultos e hoje não existe nem

mais para criança. Tudo com esse negócio de computador a tecnologia veio muitas vezes pra melhorar e muitas vezes pra não fazer o pessoal sair de casa (Elmir Elpidio Correia, 2014, p. 01).

Há, na entrevista acima, um aspecto bastante interessante, que não está diretamente associado com a questão da sociabilidade, apesar de ter bastante relação com este aspecto. Para este morador, um ponto ruim do bairro é o fato de hoje as crianças estarem voltadas aos jogos digitais, ao computador o que acaba por isolar as pessoas. Há vestígios nessa fala da ausência de convívio, uma situação mais típica do meio urbano, uma característica dos modos de viver tipicamente das cidades, mais individual.

Nas grandes cidades, nos deparamos todos os dias com uma multidão de pessoas, seja no supermercado, no elevador, no ônibus, na rua, na igreja, no escritório, no restaurante, na fábrica, com as quais não mantemos nenhum tipo de relação, pois são pessoas estranhas, alheias às nossas vidas. Apesar de, diariamente, o urbanita entrar em contato com várias pessoas, a maioria destas são pessoas estranhas ou com pouca afinidade, o que reforça o argumento dos autores de que, na cidade, as relações são efêmeras, impessoais e superficiais. (ANDRADE, 2006, p. 149)

Apesar das ausências de ambientes urbanos no Pântano do Sul e de serviços essenciais como uma farmácia, como mencionado pelos jovens anteriormente, é possível compreender que há sim atividades mais urbanas que ecoam na vida dos moradores, e a internet e seus recursos tendem a serem companheiros desses jovens. Assim como a descrição da cena, no início deste capítulo, os modos rurais e urbanos estão presentes, sejam eles positivos ou negativos.

Para os jovens, o bairro é um local de que gostam, mas que não apresenta o estilo de vida que eles desejam, um estilo mais próximo dos meios urbanos. Ao mesmo tempo observam um bairro carente de políticas públicas e em especial, de atividades voltadas aos jovens. De forma indireta e até mesmo direta, a falta de investimento nesse público se acha nas entrevistas dos jovens, e estes são os primeiros a ressaltá-los.

Já para os mais velhos, o bairro é bom, tranquilo, mas mudou muito e o perigo das drogas é bem preocupante. Em momento algum esses homens e mulheres reclamaram da distância do bairro em relação ao perímetro urbano, muito menos dos laços solidários

presentes no bairro. Se para os mais jovens o bairro é parado no tempo, para os mais velhos é o oposto, o tempo parece mais acelerado em comparação com o passado que viveram. As percepções são distintas, não se pode ignorar o fato de que são gerações com momentos e experiências diferentes. Há opiniões divergem entre eles, mas fica perceptível que em ambas as gerações, as entrevistas apontam para a presença de traços de um passado rural em um bairro que convive no presente com os ecos da modernidade, do urbano. Não se pode deixar de ignorar que as entrevistas compreendem uma parcela pequena de moradores e que é necessário ter certa vigilância para não cair na generalização, mas mesmo não apresentando a resposta de um número alto de entrevistados, as respostas dadas pelos moradores são relevantes e dão importantes contribuições para entender o bairro.

Com a análise das respostas pode-se entender que em momento algum é possível afirmar que há uma disputa entre rural e urbano no bairro, o que se pode dizer é que eles estão atuando no mesmo espaço e sendo sentidos por cada pessoa de uma forma, alguns negativamente e outros de forma positiva e assim o bairro se configura entre essa linha tênue entre o rural e urbano.

Para os mais jovens o bairro estaria mais associado ao rural. Já para os mais velhos, o bairro estaria mais próximo do urbano. Gerações de um mesmo grupo, com percepções distintas e, cada uma a seu modo, correta.

## 4.2 RUPTURAS GERACIONAIS: MODOS DE VER E VIVER O TEMPO

Aliás, todo mundo fazia igual. O objeto [celular] casava com a época: diluíam-se as divisórias entre a vida intima, vida profissional e vida social. Afinal, o **cotidiano**<sup>22</sup> se tornava **mais urgente** e **flexível**, exigindo permanentemente a maximização do tempo útil (MUSSO, Guilhaume, 2013, p 11)

Muito do pequeno trecho acima do livro *O* chamado do anjo e de algumas palavras postas em negrito ajudam a visualizar esse tempo tão acelerado, tão intenso e extenso que hoje muitos lugares experimentam e acarretam marcas e estranhamentos.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Grifos da autora.

Cada pessoa vê, experimenta e constrói determinadas expectativas a partir dessas relações com o tempo. O olhar aqui é direcionado ao bairro do Pântano do Sul e às gerações que veem, experimentam e constroem determinadas expectativas a partir da relação com o tempo e os espaços em que estão inseridas.

As memórias desses moradores até aqui foram evocadas com o intuito de conhecer o Pântano do Sul no tempo presente. A partir disso procura-se pesquisar como se encontra o vínculo religioso, ou melhor, se há um vínculo religioso, como vislumbrado nas entrevistas de 1985. Escolher dois grupos, jovens e idosos, para compor os entrevistados não foi algo sem intenção, pelo contrário. A escolha de cada grupo foi pensada com objetivos específicos, o primeiro grupo – os mais velhos - homens e mulheres que vivenciaram a década de 1970 e 1985 e as transformações que chegaram de forma mais dinâmica na cidade e no bairro, e os jovens que vivenciam o presente e mais acentuadamente o trânsito entre o bairro e a "cidade". Se as percepções sobre o bairro e as relações são distintas em cada grupo, como se acha a religiosidade popular para eles?

Em 1985 as memórias dos moradores apontavam para um bairro integrado com práticas de religiosidade, mas que não acompanhavam diretamente o discurso católico, com festividades de cunho religioso ao longo do ano, crenças, benzeduras ainda presentes e adaptadas conforme o cotidiano das pessoas. E hoje, como estaria tudo isso? Será que houve rupturas e permanências? Como é a compreensão da religiosidade popular para os moradores?

Compreende-se que a divisão dos entrevistados está atrelada a noção de geração, por isso, quando discutidas as entrevistas é falado em jovens e velhos. A concepção de geração utilizada para a análise das entrevistas está pautada em Sirinelli (2006), na qual afirma que não há uma periodização certa para gerações, não há como enquadrar por completo em uma geração, pois ela é algo sanfonado, podendo às vezes se estender como reduzir, uma "escala móvel do tempo" (p. 135). A geração é uma reconstrução do historiador que classifica e rotula (SIRINELLI, 2006, p. 133). Por isso, os grupos de entrevistados integraram duas gerações, nasceram e momentos bem afastados e vivenciaram coisas diferentes.

Assim como questionados em 1985 sobre as festividades que existiam no bairro, foi levantada a mesma pergunta para os entrevistados de 2014 e 2015, tanto para os mais velhos como para os mais jovens. Lincoln, antes de citar as festividades existentes, faz o seguinte comentário:

As principais festividades eu acho que são as da parte da igreja, né? Como é um bairro de... a maioria é católico e tal e eu acho que não tem nenhuma que não seja a católica aqui, até já teve mais agora não tem mais, eu acho que as maiores festividades são da parte católica (2014, p.01).

Lincoln não é o único a comentar, Vitor Hugo segue a mesma ideia: "As festividades são basicamente em torno da igreja" (2014, p. 02). Praticantes ou não, os jovens, por viverem no bairro e, possivelmente, integrarem famílias católicas do bairro, demonstram conhecer as festas. Dos quatro jovens, duas citaram ainda o Carnaval, evento que acontece em cinco (05) noites na praia do bairro e é organizada pela Associação de Moradores do Pântano do Sul (AMPSUL) com apoio da Prefeitura de Florianópolis.

Interessante notar que, para os mais velhos, hoje, o bairro passa por um apagamento das atividades religiosas, tanto as festas como outros eventos, procissão, novena, benzedura. E para eles os mais jovens não frequentam a igreja. A comparação entre o que "era" e como "é" nas falas dos mais velhos é bastante frequente:

As festas hoje tem diferença das de primeira né [comparação com passado] Eu acho que as festas hoje estão mais ruins? As festas de primeiro eram melhores, era muito melhor do que agora. As festas de primeiro chamava povo e a de agora não, né? Porque agora as festas pra elas, é um baile na praia, é um toque de música, seja lá o que for, pra elas estarem pulando, isso pra elas qualquer coisa é festa, então era tudo diferente. (Maria da Conceição e Silva, 2014, p. 02).

Existe festa sim, mas é uma festa mais... não é tanto de santo, né? É mais vamos dizer assim, é uma festa mais pra negócio de bebida, comida, não é mais de religião assim. (Elmir Elpidio Correia, 2014, p.02)

As falas apontam para um passado melhor, com festividades mais organizadas, mais bonitas, com mais fé, segundo os entrevistados. Odina Maria Martins também faz a comparação presente *versus* passado e traz este último como melhor: "naquele tempo era bom, né? [...] porque tinha festa, na rua tinha a roda de fogo

que queimava, aparecia o São Pedro" (Odina Maria Martins 2014, p. 02).

É nesses momentos que o historiador precisa ainda mais atento para não cair estar "brincadeira" da memória, essa idealização de que o "naquele tempo" é sempre positivo, bonito e harmonioso. Joutard (2007)sinaliza para essa positivação do passado:

A memória sabe também transformar, consciente ou inconscientemente, o passado em função do presente, apresentando a tendência particular de embelezar este passado. Ela se define ainda pela capacidade de recorrer ao simbólico e por sua aptidão para criar mitos, que não são visões falsas da realidade, mas uma outra maneira de descrever o real, uma outra forma de verdade. (2007, p. 223)

Tal comentário de forma alguma busca desqualificar a memória das pessoas, mas pretende expor essa característica tão perigosa e ao mesmo tempo instigadora da memória. Lembrar é esquecer algumas coisas, ressaltar outras, omitir, tudo isso, não necessariamente de propósito, como bem diz Joutard "uma outra maneira de descrever o real".

Apesar dessa possibilidade de transformação que a memória possui, não se pode ignorar o fato de que todos os entrevistados mais velhos afirmam que as festividades religiosas não só mudaram (e até algumas acabaram), mas também há pouca participação dos jovens,

As festas por devoção já estão acabando [...] Os jovens mesmo pra festa de santidade eles já não ligam, eles querem assim, é baile é essas festas assim [...] Os jovens quase não vão pra igreja, né? Vão mais é gente de idade. [...], festa católica mesmo vai passar um tempo e vai se acabar. (Maria da Conceição e Silva, 2014, p. 02)

A pouca presença e participação dos jovens nos eventos religiosos são admitidas pelos próprios jovens

Assim, até eu mesma, eu sou católica, toda vez antes de dormir eu rezo, só que eu já fui mais participante. Hoje com a correria do dia-dia, a gente acaba se afastando um pouco. Eu sei que não é desculpa, né? Mas as vezes eu trabalho domingo que eu faço um extra ali no bar do Arante e não posso ir. Então a missa normalmente é domingo. (Débora Regina Arcenio, 2014, p. 02)

Não há, na fala dos jovens, marcas de uma falta de fé ou mesmo desejo de buscar outra religião, o fato é

que o trânsito entre o bairro e a "cidade", a necessidade de trabalhar aos finais de semana os afasta da igreja e de suas atividades. Até mesmo a possibilidade de diversão (aos finais de semana) torna-se mais atrativa em lugares fora do Pântano do Sul. Ter amigos e relacionamentos fora do bairro são comuns. Ou seja, a discussão realizada anteriormente sobre convivência entre o rural e o urbano, mostra-se pertinente, pois por meio dela é possível ter indicativos sobre o afastamento das pessoas mais jovens da igreja e das atividades por ela realizadas.

Se antes a diversão estava nas festividades do bairro, se antes todos se preparavam para ir à missa, participar da procissão, ir à novena, dançar no baile e procurar o/a namorado/a, com o crescimento da cidade, com as vias de acesso mais fáceis, com um número maior de automóveis e com a internet, novas possibilidades se abrem para essa geração mais jovem. Ficar sentada na beira da estrada ou na janela de casa vendo as pessoas e o tempo passar não se encaixa para essas pessoas, elas precisam trabalhar, namorar, passear e tudo isso é possível agora encontrar não somente no bairro, como antigamente, como fez seus pais e mais

intensamente seus avós, há um horizonte de expectativas para além do bairro. A relação do tempo na qual esses jovens se acham é presentista (HARTOG, 2013) e não se pode culpá-los por quererem correr atrás das coisas, conquistar um trabalho, se formar em uma universidade, viajar pelo mundo, querer tudo ao mesmo tempo, tudo é desejado para o presente, para o agora. Por isso, há o abrandamento de muitas práticas no interior do bairro, como é o caso da religiosidade. Vitor Hugo Oscar traz um argumento coerente sobre o bairro e seus moradores:

Cresceu em certos aspectos e outros não, né?! A população, o jeito de a população pensar porque, antigamente as pessoas viviam aqui, moravam aqui, hoje elas vão pro centro, vão pra São Paulo, outros lugares, a internet também, então eu acho que a população em si, a mente cresceu, mas a estrutura do Pântano continua a mesma. Daí acho que isso atrasou um pouco o Pântano. (2014, p. 02).

Mesmo sem compreender os debates acerca da relação com o tempo e aceleração este jovem mostra-se sensível às mudanças e aos aspectos que corroboram para isso. Ele diz que a forma da população pensar mudou e que antes as pessoas não saíam do bairro (o

que limitava muito a vida das pessoas e seu cotidiano), mas hoje com o acesso à internet e meios de comunicação, a facilidade em conhecer outros lugares, antes muito distantes (ele cita São Paulo) insere os moradores em outros mundos distintos daquele no qual nasceram. Logo, se por um longo tempo as atividades eram restritas àquelas produzidas pela igreja e basicamente no bairro, o presente traz outros caminhos.

O horizonte de expectativa desses jovens se distanciou do campo de experiência, cada momento é uma experiência nova, pouco ou nunca experimentada, "romper o horizonte de expectativa cria, pois, uma experiência nova." (KOSELLECK, 2006, p. 313). Por consequência rompem com a experiência comum existente entre os moradores mais velhos, rompem, assim, com muito das práticas religiosas tão marcantes do bairro.

## 4.3 DE MÃOS DADAS: SOCIABILIDADES E RELIGIOSIDADES

É possível perceber nas entrevistas que há uma fenda com as práticas associadas à religiosidade

popular, a partir das entrevistas, mas de forma alguma pode ser dito que há uma negação ou um repúdio dos jovens com a religiosidade no bairro. A reduzida ou mesmo a não participação em eventos religiosos não significa uma ruptura com o bairro, significa dizer que esses jovens estão a integrar e conviver outros espaços muito mais urbanos e dinâmicos. Todos continuam a fazer parte deste grupo, continuam sendo moradores do bairro, continuam a conhecer boa parte dos moradores (em menor quantidade, possivelmente, se comparados a seus pais e avós) e associam as festas diretamente com a igreja, assim como nas entrevistas de 1985. E como posto anteriormente, todos afirmam gostar do bairro, mas sabem das suas limitações (a distância é maior). A igreja e sua atuação no bairro ainda é presente e as festividades associadas a santos ainda são uma característica do bairro, como se pode notar nas falas de todos os moradores recebem explicações atuais, como abaixo:

As reverências aos santos ou as procissões, fazem parte do cerimonial no qual o santo sai à rua carregado pelos devotos e onde são prestadas as reverências ao santo seja de forma individual — beija-se o altar, a cruz, a imagem do santo ou a fita que pende da imagem — ou

coletiva – caminha-se junto, orações e músicas são entoadas pelos devotos e algumas vezes danças e encenações religiosas são realizadas. (TAVARES, 2013, p. 43).

Tal citação se encaixa em muitas falas, Elmir Elpidio Correa (2014, p. 02) informa ser participante das festas e diz carregar a imagem dos santos ao longo das procissões. Já dona Ema Martins também se diz participante das procissões, principalmente da procissão do Sagrado Coração de Jesus, esta senhora ainda informa ser a presidente da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus no Pântano do Sul. Uma irmandade que, segundo ela, deve ter por volta de cem anos. Entretanto, dona Ema, sublinha que se ela sair, juntamente com sua colega<sup>23</sup>, a irmandade termina, pois não há interesse de ninguém e há poucas integrantes:

E a festa do Sangrado Coração só não acaba por causa de nós, porque se nós duas parar... vai acabar. Ainda tá aguentando porque nós duas [...] tem que correr lá na venda pedir para um homem carregar, outro aqui, outro ali. (Ema Martins, 2015, p. 03).

Da mesma forma pensa Elmir Elpidio Correa:

.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> As responsáveis pela irmandade segundo a entrevistada são ela como presidente e Maria da Glória Nunes como tesoureira.

Olha eu acho que vai se acabar. Vai acabar porque não só aqui como eu tenho presenciado em todos os bairros, existe pouca gente até pra levar o santo. É difícil, tomara que não se acabasse, mas vai ser difícil" (Elmir Elpidio Correa, 2014, p. 02).

O pensamento não se restringe aos mais velhos sobre esse abrandamento dos eventos religiosos, pois a jovem entrevistada Marina Mariano Martins (2014, p. 03) pensa da mesma forma "Tem muita festa que com o tempo vai acabar" e os outros entrevistados sinalizam para a mesma opinião.

Dona Ema, além de comentar o fim de algumas festas e atividades religiosas também ressalta algo bastante característico das práticas de religiosidade: os cantos e hinos aos santos. As músicas, segundo Tavares (2013) são ponto fundamental de procissões e festividades religiosas:

Hoje minha filha, as festas por aqui acabaram tudo. A festa mesmo é só a festa do divino, o resto acabou tudo. Porque a festa do Navegantes também não fazem nada, uma missa as dez horas... não fazem uma procissão de noite que era tão bonita, aquelas procissões bem iluminada, todo mundo fazia lanterna, né? Acabou-se as Filhas de Maria, as filhas de Maria ainda me lembro "Ó mão querida aos vossos pés um dia queremos o nosso amor vos consagrar, somos filhos devotos de

Maria, a ti juramos junto ao Vosso altar. Se um dia faltarmos a coragem o vosso amor virá nos socorrer, deixando a medalha da vossa imagem, ó mãe querida havemos de vencer. Brasil nas estrelas do cruzeiro, o nome de Maria vem brilhar no coração do Povo Brasileiro, o vosso amor ó mãe hei de reinar. O vosso amor, ó mãe há de reinar<sup>24</sup>. (Ema Martins, 2015, p. 03)

Além de trazer para a entrevista uma música que não é mais cantada, a entrevistada mostra que em sua memória encontram-se ainda guardados traços do passado não somente dela mais da religiosidade do bairro. Atualmente ainda se canta nas missas voltadas aos santos os hinos de Nossa Senhora dos Navegantes, São Pedro e Sagrado Coração de Jesus. A pedido do Ministério de Música da igreja dona Ema e outras senhoras do bairro relembraram as músicas e assim houve o registro delas. Tal ação torna-se muito significativa, pois contribui para salvaguardar alguns aspectos da religiosidade popular do Pântano do Sul, que segundo os entrevistados está a se dissipar.

Outro aspecto bastante marcante nas entrevistas é o fato de que os mais velhos citam muito o passado e um cotidiano de religiosidade, mas assim como os

٠

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> Grifos da autora.

entrevistados de 1985, a questão das sociabilidades é acentuada. O espaço religioso era também o espaço de se encontrarem, de conversar e de namorar. Falar que as novenas, as procissões e as missas eram cheias de forma alguma significa dizer que aquelas pessoas eram extremamente religiosas. Dona Ema Martins deixa bem evidente quando diz: "A novena a gente gostava tanto porque a gente saia pra namorar com os rapazes, senão a gente não namorava". (Ema Martins, 2015, p.03). Da mesma forma o senhor Elmir Elpidio Correa (2014, p. 03):

Eu participava do terno de reis pra namorar. Era a única chance que a gente tinha de namorar, era não só no terno de reis, mas na saída do Espirito Santo nas casas, a gente já saia pra namorar. Então são essas festas que criavam o namoro das pessoas daqui do Pântano do Sul. [...] aquela festa também que dava boa, era festa de... coroação de Nossa Senhora, que sempre era mais a noite, então essas festas sempre se namoravam bastante. Aproveitava namorar, mas mesmo assim os pais e as mães estavam de olho, principalmente na minha época. Sempre estavam de olho. Mas as coisas eram tranquilas.

Com essas falas podem-se compreender outros interesses que estavam embutidos ao participarem dos eventos religiosos. E novamente, é possível dizer que a fé não necessariamente estava em primeiro plano. Eram esses momentos que as pessoas buscavam para o lazer, eram, na verdade os únicos momentos. Se hoje os jovens saem para irem a festas, shoppings é porque se tornou uma possibilidade. No caso dos mais velhos, sair do Pântano do Sul era basicamente a pé, o que dificultava muito e mantinha as pessoas no bairro, por consequência, as saídas para diversão, para sociabilidade e namoro eram nos eventos existentes no bairro, neste caso eventos organizados pela igreja. Dona Ema ao comentar sobre ir à missa relembra que o padre rezava em latim e de costas aos fiéis e sobre as orações serem em outra língua faz o seguinte comentário: "nós não respondíamos nada, nós riamos porque não entendíamos", entre a teoria e o que se vive há afastamentos, por mais religiosos que dizem ser, há desvios.

Mas o que é possível afirmar é que no interior dessa religiosidade se acha uma ligação intensa de sociabilidades, já presente nas entrevistas de 1985 e notadas nas entrevistas dos jovens e mais velhos do presente.

De bom eu acho que a comunidade em si, ela é acolhedora. Né? Assim, tu mora aqui tu precisas de ajuda de alguém do lado, alguém vai te ajudar. Eu acho que isso é muito bom. De repente em outros lugares que são maiores tu não vais ter tanto essa afinidade. [...] tu passas na rua: "oi tudo bom, bom dia, quanto tempo", isso tem né? E tu vê em outros bairros não tem isso. Eu acho que isso é de bom, positivo pra nossa comunidade. (Débora Regina Arcenio, 2014, p. 03).

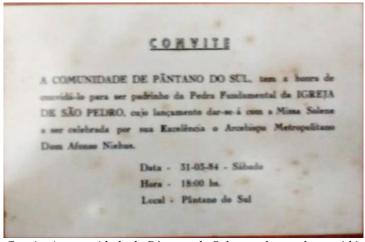
Há uma permanência se houver comparações entre as entrevistas de 1985 e 2014/1015, pois mesmo com as alterações, mesmo com o distanciamento mais acentuado do campo de experiência e horizonte de expectativa, mesmo com a 'fenda' que se nota nas gerações de hoje, os moradores mantêm esse laço de solidariedade (que também acarreta na vigilância constante entre os moradores). E observa-se nisso, aspectos de uma vida rural, algo mais coletivo, "O interessante, porém, é que muitos elementos do passado continuam a existir nos dias atuais" (FALCÃO, 2010, p. 257) e dão ao Pântano do Sul esse aspecto de diferente, e até mesmo a impressão de ter "parado no tempo". Mas pode-se pensar que são essas marcas do passado no presente, é esse rural e urbano que dão o tom ao bairro, que ajudam a construir uma identificação.

## 4.4 AÇÕES DE SALVAGUARDA NO TEMPO PRESENTE

Atualmente a Capela de São Pedro (Igreja do Pântano do Sul) está realizando eventos baseados naqueles que estavam acabando ou que já haviam acabado. De acordo com a coordenadora da igreja, Arlete Gasparina Ramos Raupp criou-se a Grupo Jovem Infanto-juvenil (que se tornou em seguida Grupo Jovem) e no qual criam-se eventos baseados naqueles que já existiram um dia no bairro, como por exemplo, o Terno de Reis visto no capítulo anterior como uma atividade bastante famosa e frequentada. As novenas também estão sendo retomadas, agora com uma preocupação em registrar. Os organizadores fotografam e buscam a assinatura de todos aqueles que participaram da novena. Outra preocupação da coordenação da igreja é com o registro das festas do Divino, ao longo do ano passado um integrante da coordenação deu início ao levantamento dos festeiros desde a criação da festa na década de 1960.

Arlete Raupp mostra-se ciente do afastamento de muitas práticas religiosas, mas acima de tudo, está buscando colocar em ação algumas atividades com vistas a salvaguardar um pouco da história da igreja no bairro. Roupas, livros eclesiásticos, fotografia das festas e outros documentos (ver figura 10) estão sendo guardados. Ao fazer isso, a coordenadora está contribuindo para a história também do Pântano do Sul que muito se atrela à história da igreja.

Figura 12 - Frente do Convite de Inauguração da Capela de São Pedro



Convite A comunidade do Pântano do Sul tem a honra de convidálo para ser padrinho da Pedra Fundamental da IGREJA DE SÃO PEDRO, cujo lançamento dar-se-á com a Missa Solene a ser celebrada por sua Excelência o Arcebispo Metropolitano Dom Afonso Niehus

Fonte: Acervo da Capela de São Pedro.

Além disso, a coordenação da igreja não acredita no apagamento por completo das práticas religiosas no bairro:

> Eu acho que não acaba, o que a gente precisa mais é de pessoas dispostas a trabalhar junto conosco pra fazer mais festas, porque cada festa a gente faz... tem a dona Maria de Lourdes que fez toda a organização das novenas, das orações em família e isso tem ajudado bastante. A gente consegue trazer pras festas e pras novenas nas famílias casas das pessoas que nunca participaram e é aquele momento de oração familiar que a gente encontra mais o que ta dentro de cada um, a fé de cada um, as suas histórias, as coisas que marcaram nas suas infâncias e na sua adolescência. Então esse momento aí eu acho que tende a crescer. (Arlete Gasparina Ramos, 2014, p.02).

Apesar de tantas alterações atualmente a igreja busca realizar atividades juntamente com os moradores. A coordenadora assume: "É assim, a comunidade tem fé, mas assiduidade na igreja não é tão marcante. A gente vê, assim... as pessoas mais idosas, tem um grupo de meia idade também que frequente e os jovens que participam são aqueles do grupo jovem (p. 02) ". Não se vê na ausência dessas pessoas a certeza do fim das práticas. Atualmente há a organização de novenas dos

santos (São Pedro, Nossa Senhora dos Navegantes), afirma Arlete, atividade até pouco tempo extinta, mas retomada com a entrada dela na igreja, o mesmo ocorreu com o Terno de Reis.

Sobre o bairro, Arlete aponta como característica mais marcante a solidariedade dos moradores

Eu digo que morar no Pântano do Sul é um privilégio hoje nessa ilha. Eu tive a grande oportunidade de vir morar nessa comunidade [se emociona]. Eu fui assim... muito bem recebida aqui. Eu vim por uma causa, uma fatalidade, uma doença, mas essa comunidade me acolheu e eu digo pra todo mundo "morar no Pântano do Sul ainda é um privilégio". Apesar da distância, apesar das dificuldades pra vocês que são novos que vão e voltam todo dia com fila (2014, p. 03)

Ao final esta senhora compreende a dificuldade dos jovens de viver no intercâmbio entre "cidade" e bairro, tão ressaltada pelos jovens anteriormente, mas segundo a moradora, mesmo com dificuldades viver no Pântano do Sul é um privilégio.

Muitos já não sabem as rezas das benzeduras, fazer a renda de bilro, recitar corretamente as orações, repetir com exatidão os ditados populares, reconhecer no calendário os dias dos santos, saber rezar as novenas e saber decoradas as cantorias, mas estão cientes de que estas atividades existiram, sabem que pais e avós praticam/praticavam e que tudo faz parte na história do bairro em que nasceram. Há hoje o apagamento de muitas práticas religiosas no bairro, pois como observado nas falas do presente e do passado (1985) existem fissuras que afastam cada vez mais o cotidiano do bairro das religiosidades. Marina Mariano Martins (2014, p. 03) faz um comentário bastante sensível e aponta para era fenda observada:

Eu acho assim, os jovens hoje em dia não são tão ligados a religião, quanto nossos avós, enfim, os pais... até os pais não eram tanto quanto os avós. Eu acho que a grande chave da igreja, pelo menos aqui no Pântano, tá nos velhos. A gente vê... E aos poucos eles vão morrendo a não ser que ... precisa reproduzir essa ideia, mas eu acho que não

Para esta jovem é uma fenda que se abre cada vez mais e que a única forma de amenizá-la é se voltar para os mais velhos, àqueles que guardam em suas memórias as práticas que ajudaram a construir um bairro marcado por uma religiosidade e tornaram isso um aspecto singular do local. São esses homens e

mulheres mais velhos os guardadores da memória do bairro e devem ser olhados como agentes históricos que contribuem para compreender o que foi, o que é e o que pode vir a ser o Pântano do Sul.

É na memória desses senhores e senhoras que se acham as crenças, os ditados populares religiosos, as rezas para benzer, as técnicas de bilro e pesca, as orações, os cantos para os santos e tudo isso só pode ser estudado, investigado e salvaguardado por meio da coleta de memórias desses moradores, uma memória que se abranda quando voltada para os mais jovens, pois, a fenda que separa as gerações separa também parte da história do bairro. Não é a intenção criticar esse afastamento dos mais jovens, mudanças ocorrem constantemente e não há culpados, mas é necessário observar essas alterações que dão novos contornos ao perfil do bairro. O problema está em não se deixar apagar por completo aquilo que um dia foi o traço mais acentuado do bairro e do grupo que vivia ali. Mais do que nunca o historiador tem um exercício primordial de contribuir para salvaguardar vestígios do passando e a memória de homens e mulheres dão ao historiador a possibilidade de problematizar determinado passado e

compreender determinados modos de vida e de ser das pessoas.

É certo que a religiosidade no Pântano do Sul ainda sofre com as alterações que se acentuaram na década de 1970, como observado no primeiro capítulo. É claro que nada fica parado no tempo, não se pode querer congelar o bairro, pois as pessoas mudam e o que se acha ao redor delas também. O que parece ser necessário é um olhar mais apurado para essas mudanças e para o possível apagamento de práticas que um dia ajudaram a construir o bairro e seus moradores. A história e o historiador entram como uma forma de salvaguardar parte da história e os moradores são fundamentais para isso.

Escutar os *próximos* mostra a riqueza do bairro e das pessoas, mostra que é um local dinâmico, que se altera como qualquer lugar, mostra que as pessoas atualizam suas memórias no presente em que falam e isso não é ruim muito menos errado. Escutar o que elas pensam sobre o bairro, o que elas projetam para o futuro e como elas veem o passado demonstra o quanto a fala contribui para a história e como é um documento,

como outro qualquer, repleto de histórias, de desvios e de ausências.

Mesmo com a diminuição de algumas práticas religiosas no bairro, observa-se a ação de Arlete e de outros integrantes da capela como um ato de salvaguarda. Há por parte expectativa de guardar e de salvaguardar, como foi possível visualizar quando Arlete informa sobre a preocupação em manter documentações da igreja guardadas, o registro das novenas e das Festas do Divino, quando retoma algumas novenas, cantos, procissões. É um ato ligado à preservação de um patrimônio cultural intangível, uma forma de salvar do esquecimento essas tantas práticas religiosas que se dissipam e que contam muito sobre o bairro do Pântano do Sul. Esse ato de salvaguardar pode ser considerado como um sintoma dessa aceleração do tempo, dessa fenda existente no bairro entre um cotidiano mais acelerado e dinâmico com as práticas religiosas tão marcantes em 1985.

Se, ao longo dos capítulos o oficio do historiador do tempo presente foi ressaltado, nada mais pertinente do que inserir a importância desse pesquisador no tempo vivo, acelerado e dominado por

um presente, afastado e preocupado com o passado e incerto sobre o futuro. Nesse turbilhão do tempo salvaguardar torna-se o papel de muitas pessoas, como Arlete, e investigar, pesquisar e escutar muitas memórias torna-se a função do historiador.

# 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – OUTROS COMEÇOS

Ler esta dissertação é uma maneira de conhecer o Pântano do Sul pelo olhar de uma historiadora e moradora. Mas ler tantas páginas não significa saber sobre a história desse bairro, mas sim compreender a riqueza que pode existir em qualquer lugar, em qualquer recorte temporal. Fazer história é acima de tudo problematizar e investigar os documentos que não dizem nada se não forem questionados, como diria Koselleck (2006, p. 188): "uma fonte não pode dizer nada daquilo que cabe a nós dizer. No entanto, ela nos impede de fazer que não poderíamos fazer".

Estudar o Pântano do Sul e seus moradores mostrou-se muito marcante, pois ler entrevistas feitas em outra temporalidade (1985) e fazê-las agora em 2014/2015 com outros protagonistas, permitiu compreender os momentos em que foram produzidas, o momento em que viviam os entrevistados e entender parte das experiências vividas por seus moradores em dois tempos.

Um bairro religioso? Sim, mas as práticas de religiosidade que marcam este local não permitem afirmar que o Pântano do Sul e todos os seus moradores sempre foram religiosos e respeitavam as regras da igreja. Não! Seus moradores, por muito tempo isolados da parte urbana de Florianópolis, se 'adaptaram' ao que tinham e utilizaram-se disso para viver. Ter uma igreja organizada e influente no bairro possibilitou a criação de inúmeros eventos em que, de forma geral, todos participavam, mas não somente pela fé, também pela oportunidade de socializar e de viver. O calendário do bairro era voltado para um cronograma religioso e se organizavam a partir daí.

Acima de tudo viviam-se práticas de religiosidade, adaptadas aos interesses das pessoas, desviavam-se de determinadas regras, remodelavam-se algumas crenças e é isso que dá um contorno peculiar e singular ao Pântano do Sul. E é com olhar para as singularidades que o historiador tem que estar atento, pois faz toda a diferença e contribui para a construção das identificações. Não se está afirmando que o bairro do Pântano do Sul e seus moradores foram os únicos que se utilizaram de certas práticas de religiosidade pelo

contrário, a religiosidade é um traço marcante de muitas localidades brasileiras. O que se busca dizer é que procurou-se compreender como ela era experimentada e utilizada pelos moradores do Pântano do Sul, como era o cotidiano dos moradores e como esta religiosidade interferia no modo de ver, viver e pensar.

Não se pode também deixar de nomear os documentos utilizados e as formas que tomaram até chegar nessa dissertação. Encontrar entrevistas de outra época, produzidas por outras pessoas mostrou ser possível, quando bem amparado pela metodologia da história oral e pela cultura escrita, pois não se pôde olhar somente para o que diziam os entrevistados, os papéis onde estavam registradas as memórias de homens e mulheres precisava ser investigado, levado em conta, pois também informavam muita coisa quando questionados.

Realizar entrevistas sempre foi um debate muito intenso para os historiadores, que por muitas vezes apenas utilizavam esse documento de forma meramente ilustrativa, Farge (2011) denuncia esse erro, e afirma ser a fala um documento como outro qualquer e foi a partir

dessa interpretação que as entrevistas (1985, 2014/2015) foram utilizadas e interpretadas.

Ao sentar com cada pessoa no presente e questioná-las sobre o bairro e religiosidade permitiu esboçar algumas considerações. Existe na fala dos mais velhos o medo do esquecimento, do apagamento das práticas vividas um dia por eles e a comparação entre passado e presente, sendo o primeiro sempre positivado. Apesar de afirmarem que os mais jovens não se preocupam em reproduzir práticas antes constantes no Pântano do Sul, notou-se que os moradores mais velhos não os culpam, muito menos se vitimizam, apenas demonstram certa tristeza e nostalgia em saber que o tempo passou e que as coisas continuaram a caminhar e ganhar outros rumos. Hoje na fala de todos os entrevistados ficou evidente que muitas práticas religiosas e até outras serão aos poucos apagadas e que para eles a maior consequência não está associada à religiosidade, mas sim ao fim da tranquilidade.

O bairro cresceu, segundo todos os entrevistados, há muitas pessoas de 'fora', há novas casas, há constantes construções, há a valorização dos terrenos, mas as políticas públicas não acompanham. A

única escola continua a mesma da década de 1950, com quatro salas, sem biblioteca e sem quadra de esportes. São recentes as atividades voltadas aos jovens e são estes a maior preocupação dos entrevistados mais velhos. Segundo eles, hoje o bairro possui muitos usuários de drogas e a presença dos jovens nesse mundo aparenta ser bastante grande. Faltam políticas públicas no bairro, pouco policiamento, a delegacia mais próxima se encontra há mais de vinte (20) quilômetros e quantidade e qualidade dos ônibus segundo os moradores. Esses apontamentos sinalizam para outros possíveis debates e possíveis trabalhos.

Não se pode negar que no bairro há uma convivência 'pacifica' entre o rural e o urbano. Mesmo com tantos afastamentos com relação ao passado, o bairro mantém traços que se associam com o rural e que não anulam o urbano, construindo cenas inesperadas no cotidiano do bairro.

Até o momento, apesar do abrandamento de algumas práticas religiosas, ainda é possível observar traços daquilo que um dia foi dito (1985), há a existência de festas religiosas, hoje a de maior projeção é a Festa do Divino Espírito Santo que possui apoio da

Fundação Franklin Cascaes, também é nessa festa que se mobilizam o maior número de moradores para ajudar na decoração da igreja e salão, na cozinha, na limpeza e na decoração das ruas. Sobre as festas de Nossa Senhora dos Navegantes e São Pedro, a primeira apesar de grande comoção com relação à imagem da santa, há a cada ano a diminuição do evento, não havendo bandeirolas na rua, nem almoço no salão comunitário, nem músicos acompanhando a procissão. A quantidade de barcos na procissão marítima também vem caindo, alguns moradores alegam que os pescadores trabalham levando turistas para a Lagoinha do Leste, por consequência são obrigados a se ausentarem na procissão pelo mar. A festa de São Pedro não existe mais, hoje o que há é uma missa voltada ao padroeiro da capela. Como salientou dona Ema no capítulo três, hoje a procissão do Sagrado Coração ainda existe com dificuldade e todos os entrevistados, mesmo gerações distintas acreditam que essas festividades estão com os dias contados.

A partir da fala dos jovens moradores, foi possível observar que não fazem uso de benzeduras, nem vão a procissões ou a novenas. Mesmo aqueles que

afirmam participar de algum grupo na igreja (ministério de música e grupo jovem) deixam transparecer que se restringem a essa tarefa e que não se envolvem em atividades da igreja a não ser a ida à missa. Estas práticas não condizem mais com a vida desses jovens, que mantém uma vida agitada, com expectativas e com nível de escolaridade mais alto e, por isso, a sensação de que elas podem cair no esquecimento. Portanto há um desnível entre as experiências vividas, pois os entrevistados não partilharam a mesma época. As falas mostram a emergência de uma outra visão de mundo.

Sabe-se que a memória independe da história, já a história precisa muitas vezes se apoiar na memória (RICOEUR, 2007) e foi o que ocorreu no percurso desta dissertação. Os debates acerca da memória individual e coletiva e a parte intermediária destas deram a análise das entrevistas possibilidades para compreender melhor o grupo que constituía o bairro. Um grupo, que era antes de tudo, representado por pessoas diferentes que possuíam identificações, mas acima de tudo a atuação de cada um no grupo era individual, mesmo sendo um grupo com muitas coisas em comum, mesmo nascendo e edificando suas vidas

no mesmo bairro os moradores constituíram um grupo heterogêneo.

Apesar das divergências entre as gerações entrevistadas e as consequências disso para o bairro, como a diminuição das práticas religiosas, observou-se a atuação da coordenação da igreja do Pântano do Sul, representada aqui na figura de Arlete Raupp na qual demonstrou não só preocupação com o possível fim de tantas práticas religiosas, mas ações perante tudo isso. Se por um lado as entrevistas dos jovens e mais velhos sinalizam para o fim, Arlete aponta para outros começos, a partir da salvaguarda de muitos documentos e com o trabalho que vem realizando para integrar os moradores com a igreja. Sua preocupação em manter as práticas presente na vida dos moradores demonstra uma sensibilidade a memória das pessoas e a história da igreja e, por conseguinte do bairro. Tudo isso pode ser compreendido como um sintoma, bem como respostas do presentismo. A atitude de Arlete abre outros começos, instiga a pensar sobre as práticas passadas sendo retomadas e salvaguardadas no presente, afastando-se do esquecimento e aproximando-se de um

patrimônio intangível. São, portanto, outros começos e emergindo novas possibilidades de pesquisa.

Este trabalho não fica restrito ao Pântano do Sul, pode ser pensado para outras localidades que vivenciaram alterações ao seu redor, viram a modernização chegar e modos de vida de adaptarem e não se fala somente de bairros em Florianópolis, mas inúmeras cidades do Brasil onde homens e mulheres guardam na memória, este objeto, como pôde notar, tão rico, tão passível a ser historiado.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Religiosidade popular, problemas e história In: LIMA,Lana Lage da Gama, HONORATO, Cezar Teixeira, CIRIBELLI, Marilda Corrêa, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (organizadores). **História & Religião** VII Encontro Regional de História - Núcleo Rio de Janeiro —Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ALVES, Luciano Pereira. Paisagem e meio ambiente construção de um projeto urbano Florianópolis : um estudo do Pântano do Sul. Florianópolis, 2009. 191p. Dissertação (Mestrado) -Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação Urbanismo. História Arquitetura da Cidade. e Florianópolis, 2009.

ALVES, Paulo. **Pântano do Sul:** bilhetes do mundo nas paredes do Arante. Florianópolis, 2002.

ANDRADE, Roberta F. Coelho de. Entre a cidade e a vida: memórias de ribeirinhos do Rio Amazonas. In: MORGA, Antonio Emilio (org.). **História, cidade e sociabilidade**. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2011, pp. 95-115.

ASSIS, Machado de. **Memorial de Aires.** – Edição especial – Rio de Jeneiro: Nova Fronteira, 2013. (Saraiva de Bolso)

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BAUMAN. Zygmunt. Tempo/Espaço Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.107-149. BESEN. José Artulino. História de Nossa Senhora do Desterro na Ilha de Santa Catarina: 1713-2013. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, 2013. CABRAL, Oswaldo R. Nossa Senhora do Desterro: memória . Florianópolis: [s.n.], 1972 (Florianópolis: Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina), 2 v. CAMPOS, Emerson César de. FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo. Tempos Saturados. IN: CAMPOS, Emerson César; FALCÃO, Luiz Felipe; Lindolfo (Organizadores). LOHN, Reinaldo Florianópolis no Tempo Presente. – Florianópolis: Editora da UDESC e DIOESC, 2011, pp. 263-271. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1 Ates de fazer. 21 ed.. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1982. CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

Leituras populares. In: **Formas e sentido. Cultura escrita**: entre distinção e apropriação. —

Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de leitura do Brasil (ALB), 2003. (Coleção Histórias de Leitura). pp. 141-167

Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_. A história ou a leitura do tempo. Belo

COELHO, Roberta Ferreira. **Ribeirinhos urbanos:** modos de vida e representações sociais dos moradores do Puraquequara. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus. 2006

CUNHA, Maria Teresa Santos. Rastros de leitura: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX). **Educação.** Porto Alegre, v.35, n. 1, p. 18-27, jan./ abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Armadilhas da Sedução**: os romances de M. Delly. – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento.** Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5 – 22, jan/jun. 2012.

DUMAS, Alexandre, **Os grandes romances históricos.** Otto Pierre, Editores, LTDA, 1979.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi.** Porto Alegre: L&PM, 2006.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Rugas e dobras: marcas do passado na cidade contemporânea**. In: Francisco Alcides do Nascimento1. (Org.). Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras. 1ed. Teresina e Imperatriz: EDUFPI e Ética, 2010, v. 1, p. 253-270.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011. (coleção História e Historiografia, 4).

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FICO, Carlos. História que temos vivido. In: VARELLA, Flávia Florentino(org.). **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. 67-100

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: Tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gilcinei Teodoro. **Cultura Escrita e Letramento**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2010. p.218-248.

GOMÉZ, Antonio Castillo. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Historia de la cultura escrita.Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada. Madrid: Edicciones Trea. 2002.

GRACIA, Gerardo Necoechea; Introdución. Experiencia, expectativa e historia oral. In: GRACIA, Gerardo Necoechea; LEGLISE, Patricia Pensado. (Cord). El siglo XX que deseábamos: ensayos de historia oral em torno a experiencia e expectativa. – México: Instituto Nacional de Antropologia e História, 2013, pp. 11-31.

GREENBLATT, Stephen. O novo Historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.4, n.8.1991, p. 244-261.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens**: de Cristóvão Colombo a Blade Runner, 1492-2019. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

HAMBURGUER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano

In.: NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lilia Moritz, História da vida privada no Brasil, 4: Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 439-487. (História da vida privada no Brasil; n.4)

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** . São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, p. 09-40.

HUYSSEN, Andreas. Culturas da Passado-Presente. Modernismos, artes visuais e políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2014.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar História e Memória. **Escritos**. Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Ano 1, n.1.2007. p.223-235.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LAGE, Mônica Maria Lopes. Os seringais do Amazonas – Seus moradores e suas formas de sobrevivência. In: MORGA, Antônio Emílio. **História da saúde e da doença**. Itajaí: Casa Aberta, 2012.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade**: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53, pp. 297-322. ISSN 1806-9347. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a13v5327.pdf> . Acesso em: 22/04/2013.

LUCENA, C. R. P. T. . Memórias de famílias migrantes: imagens do lugar de origem. **Projeto História** (PUCSP), v. 17, p. 397-414, 1997..

MANSUR, Tally Ferreira. O surgimento dos shoppings centers no Brasil e o desenvolvimento urbano na região metropolitana de Florianópolis: o estudo do caso Shopping Itaguaçu. 2013. 81 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de Geografia, Florianópolis, 2013. Disponível em : <a href="http://pergamumweb.udesc.br/dados-bu/00001a/00001a94.pdf">http://pergamumweb.udesc.br/dados-bu/00001a/00001a94.pdf</a>>. Acesso em : 23 ago. 2014.

MARTINS, Marcelo Sabino. Rezas, ervas e búzios: religiosidades e práticas de cura na 'Ilha da Magia' um exercício histórico no tempo presente. 2009. 204 p. :

Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2009.

MIRANDA, Sonia Regina. **Sob o signo da Memória**: o conhecimento histórico dos professores das séries iniciais. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In.: NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lilia Moritz,. **História da vida privada no Brasil, 4:** Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (História da vida privada no Brasil; n.4)

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, n.10, dez. 1981, p.7-28.

NUNES, Lélia Pereira da Silva. Festa do Divino Espírito Santo – 250 anos depois. In: ALVES, Joi Cletison; **I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo** /. Florianópolis :: UFSC, Núcleo de Estudos Açorianos, 2000.

PATAI, D. Problemas éticos de narrativas pessoais, ou, Quem vai ficar com o último pedaço do bolo? In: -. **História oral, feminismo e política**. S.Paulo: Letra e Voz, 2010. p.65-86.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e modernização** (um estudo de modernização em Florianópolis). Florianópolis: Lunardelli, s/d.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e politica, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos & abusos da historia oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006, pp 103-130.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos & abusos da historia oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006, pp 103-130.

RIAL, Carmen Silvia Moraes; FONSECA, Claudia. **Mar-de-dentro**: a transformação do espaço social na lagoa da Conceição. Porto Alegre, 1988. 372f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas Disponível em : <a href="http://www.bu.ufsc.br/teses/UFRGS0137-D.pdf">http://www.bu.ufsc.br/teses/UFRGS0137-D.pdf</a>>.

RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: \_\_\_ A memória, a história, o esquecimento. Campinas/SP: Unicamp, 2007, p.105-142.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 3 v

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès. **Questões para a história do presente**. – Bauru, SP:EDUSC, 1999, pp. 39-50.

ROSSATO; Luciana; MARTINS, Mariane. "Um pedacinho de terra perdido no mar": um novo destino

turístico em construção. **Fronteiras:** Revista Catarinense de História [on-line], Florianópolis, n. 22, p.9-28, 2013.

ROUSSO, Henry, Sobre a História do Tempo Presente. **Tempo e Argumeto**. Florianópolis, v 1, n 1, p. 201-216, jan/jun. 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Michel Goulart da. Cultura política e discursos de modernização em Santa Catarina (1970-75). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da historia oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais. In: **Por uma história política**. RÉMOND, René (org.). Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismos e memória no Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 5, N. 5, p. 9-30, junho de 2004.

SCHÜILER SOBRINHO, Otácilio; Et al. **Monografia de Pântano do Sul**. Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Ciências Econômicas, 1963. Orientação de Nereu do Vale Pereira.

SCHÜTZ, Karla Willemann. As entrevistas de Simão Willemann: história oral, memória e ofício de professor no interior de Santa Catarina (1977-1978). 2012. 76 p.; Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de História, Florianópolis, 2012. Disponível em : <a href="http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/0000000000015/0000157B.pdf">http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/00000000000015/0000157B.pdf</a>. Acesso em : 06/08/2014.

TAVARES, Thiago Rodrigues. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, jul-dez/2013.

VINÃO FRAGO, António. Por uma história da Cultura Escrita: Observações e Reflexões. **Caderno do Projecto museológico**, nº77. Santarém. Portugal. 2001.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos & abusos da historia oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006, pp 247-265

### LISTA DOS ENTREVISTADOS

#### 1985

Francisco Tomaz Arcenio - entrevista concedida em 14 de junho de 1985 (casa do entrevistado – Pântano do Sul).

Germano Jose da Lapa - entrevista concedida em 18 de junho de 1985 (casa do entrevistado — Pântano do Sul).

Hilda Martinha Vieira - entrevista concedida em 15 de julho de 1985 (casa da entrevistada – Pântano do Sul).

Inácia Marcelina de Ávila - entrevista concedida em 15 de julho de 1985 (casa da entrevistada – Pântano do Sul).

Inácio Jovelino Vidal - entrevista concedida em 18 de junho de 1985 (casa do entrevistado – Pântano do Sul).

Joaquim Simao Filho - entrevista concedida em 12 de julho de 1985 (Bar do Arante – Pântano do Sul)

Maria Alexandrina Arcenio - entrevista concedida em 15 de julho de 1985 (casa da entrevistada – Pântano do Sul).

Maria Virginia - entrevista concedida em 21de junho de 1985 (casa da entrevistada).

Osmaria Maria Monteiro. - entrevista concedida em 17 de junho de 1985 (casa da entrevistada).

Romeu Manoel de Oliveira - entrevista concedida em 21de junho de 1985 (casa do entrevistado — Pântano do Sul).

Virgilia Maria Mariano - entrevista concedida em 18 de junho de 1985 (casa da entrevistada – Pântano do Sul). Zenaide Maria de Souza – entrevista concedida em 16

de julho de 1985 (nas dependências do Centro de saúde da Armação).

### 2014/2015

Arlete Gasparina Raupp – entrevista concedida em 18 de agosto de 2014 (casa da entrevistada – Pântano do Sul).

Débora Regina Arcênio – entrevista concedida em 09 de agosto de 2014 (casa da entrevistadora Mariane Martins – Pântano do Sul).

Elmir Elpidio Correia – entrevista concedida em 19 de agosto de 2014 (casa da entrevistadora Mariane Martins – Pântano do Sul).

Ema Juscelina Martins – entrevista concedida em 09 de março de 2015 (casa de Odina Maria Martins – Pântano do Sul).

Lincoln Osvanir Verginio da Silva – entrevista concedida em 11 de outubro de 2014 (casa de Vitor Hugo Oscar – Pântano do Sul)

Mª da Conceição e Silva – entrevista concedida em 15 de dezembro de 2014 (na casa da entrevistada – Pântano do Sul).

Mariana Mariano Martins – entrevista concedida em 08 de agosto de 2014 (casa da entrevistada – Pântano do Sul).

Vitor Hugo Oscar – entrevista concedida em 11 de outubro de 2014 (casa do entrevistado – Pãntano do Sul).

Odina Maria Martins – entrevista concedida em 07 de agosto de 2014 (na casa da entrevistada – Pântano do Sul).

#### **ANEXOS**

ROTEIRO DE ENTREVISTAS "ESCUTAR E PESQUISAR OS PRÓXIMOS: RELIGIOSIDADE E MEMÓRIAS DE MORADORES EM DOIS TEMPOS (PÂNTANO DO SUL, FLORIANÓPOLIS/SC DÉCADA DE 1970-2015)"

#### Questionário mais velhos

- 1. Qual seu nome e data de nascimento?
- 2. Mora desde quando no Pântano do Sul?
- 3. Tem alguma religião? Qual?
- 4. Quais suas lembranças sobre o bairro há quarenta anos atrás, década de 1970?
- 5. Como o/a senhor/a vê o bairro hoje?
- 6. Quais eram as festas existentes no bairro?
- 7. O/A senhor/a participava quando jovem das festas do bairro? Como?
- 8. Quais festividades existem hoje?
- 9. Lembra-se de alguma festa/ atividade que existia na sua juventude e que hoje não há mais?
- 10. Como o senhor/a pensa que serão, no futuro, as atividades religiosas no Pântano do Sul?
- 11. Os jovens do bairro participam das atividades religiosas?
- 12. O que o Pântano do Sul tem de bom e de ruim para o/a senhor/a?

### Questionário dos jovens

- 1. Qual seu nome de data de nascimento?
- 2. Mora desde quando no Pântano do Sul?
- 3. Tem alguma religião?Qual?

- 4. O que mais gosta no bairro e o que não gosta?
- 5. Quais festividades existem hoje no Pântano do Sul? Participa de alguma?
- 6. Deseja morar sempre no bairro? Por quê?
- 7. O que o bairro do Pântano do Sul tem de bom e ruim? Precisa mudar algo?

## Questionário Coordenadora da Capela de São Pedro (Pântano do Sul)

- 1. Quanto tempo a senhora mora no Pântano do Sul?
- 2. A senhora acha que a Igreja, bem como as festas que realiza são importantes para os moradores?
- 3. Que festividade acredita ser mais significativa para os moradores?
- 4. Há mudanças na relação Igreja e moradores hoje? Qual?
- 5. A senhora acredita que a relação dos moradores com as festas promovidas pela igreja irá acabar? O que acha disso?
- 6. Identifica mudanças na vida do bairro hoje?
- 7. A coordenação da igreja se preocupa com possíveis mudanças ocorridas no bairro? Pensa em fazer algo?

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC GABINETE DO REITOR

## COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS -CEPSH

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada "Lembrar para saber, lembrar para conhecer (ou esquecer): Tempo Presente e Patrimônios Imateriais no Pântano do Sul. (década de 1970-2013)", tendo como principal objetivo coletar e analisar hábitos /experiências cotidianas e comportamentos, expressos pelas práticas, valores, falares e saberes, vivenciados no tempo presente pela comunidade de moradores nativos do Pântano do Sul, em Florianópolis como cenários passíveis de leitura, no âmbito da construção de um patrimônio imaterial.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista oral a ser transcrita e utilizada na pesquisa posteriormente. Serão previamente marcados a data e horário para entrevista e enviado roteiro para o entrevistado.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolver apenas temas relativos ao cotidiano no bairro, modos de vida e saberes singulares do bairro. Sua contribuição será fundamental para compreensão da história do bairro, bem como sua valorização.

A pessoa que acompanhará os procedimentos será a pesquisadora, Mariane Martins, Mestranda em História do Tempo Presente na UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, sob orientação da Profa Dra. Maria Teresa Santos Cunha.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a vossa autorização para o uso de seus dados para a produção da pesquisa e de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade, caso seja do seu interesse, será mantida através da não-identificação do seu nome.

Agradecemos a vossa participação.

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> MARIA TERESA SANTOS CUNHA (Orientadora)

Telefone:... | Email: ...

Rua: ..... - Itacorubi, Florianópolis, SC

CEP

MARIANE MARTINS (Mestranda)

Telefone: ... | Email: ...

Rua: ... CEP ...

CEPSH/UDESC - Conselho de Ética e Pesquisa em Seres Humanos Avenida Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi, Florianópolis, SC – CEP 88035-001 Contato: (48)33218195

ASSINATURA	)A
PESQUISADORA_	 _

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO**

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa "Lembrar para saber, lembrar para conhecer (ou esquecer): Tempo Presente e Patrimônios Imateriais no Pântano do Sul. (década de 1970-2013)" e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes a pesquisa. Declaro ainda que permito a utilização dos dados referentes a mim e que serão obtidos por meio de entrevista, ficando liberada a divulgação de minha identidade. Declaro também que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome	por	extenso
Assinatura Local:		
Data://		